

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CÂMPUS DE TRÊS LAGOAS
PROGRAMA DE MESTRADO EM LETRAS**

CLEMILTON PEREIRA DOS SANTOS

**SUICÍDIO INDÍGENA NA REGIÃO DE DOURADOS/MS: A PERSPECTIVA
POLIFÔNICA DO DISCURSO JORNALÍSTICO**

TRÊS LAGOAS

2008

CLEMILTON PEREIRA DOS SANTOS

**SUICÍDIO INDÍGENA NA REGIÃO DE DOURADOS/MS: A PERSPECTIVA
POLIFÔNICA DO DISCURSO JORNALÍSTICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Três Lagoas (CPTL), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Estudos Lingüísticos.

Orientadora: Profa. Dra. Rita de Cássia Aparecida Pacheco Limberti.

TRÊS LAGOAS

2008

SANTOS, Clemilton Pereira dos

Suicídio indígena na região de Dourados/MS: a perspectiva polifônica do discurso jornalístico/
Clemilton Pereira dos Santos. Três Lagoas, MS: [s.n.], 2008.

140f; 30 cm

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Três Lagoas, 2008.

Orientadora: Profa. Dra. Rita de Cássia Aparecida Pacheco Limberti.

1. Semiótica; 2. Polifonia; 3. Discurso jornalístico; 4. Suicídio indígena. I. LIMBERTI, Rita de Cássia Aparecida Pacheco Limberti. II Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Câmpus de Três Lagoas. III. Título.

SANTOS, Clemliton Pereira dos. *Suicídio indígena na região de Dourados/MS: a perspectiva polifônica do discurso jornalístico*. Três Lagoas/MS, 2008. 140f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Câmpus de Três Lagoas, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

RESUMO

Este trabalho traz o resultado das reflexões de leituras, com aporte na semiótica, de textos jornalísticos publicados no jornal *O Progresso*, de Dourados/MS, que tratam de casos de suicídio ocorridos na Reserva Indígena de Dourados durante os anos de 1990 e 1991. Verificou-se, por meio da análise de 22 (vinte e dois) textos do gênero jornalístico, mais especificamente das tipologias policial, primeira página, geral e editorial e à luz da teoria semiótica greimasiana, como o jornal constrói o sentido do vai escrito; quais vozes são buscadas para dialogar com os enunciatários e seus efeitos; as competências discursivas de actorialização, espacialização e temporalização; e o percurso das notícias. O trabalho justifica-se tendo em vista a necessidade de destacar as vozes presentes no discurso jornalístico do jornal *O Progresso*, o mais antigo da cidade de Dourados/MS, a fim de dialogar com a temática do suicídio indígena, bem como compreender os efeitos de sentido instaurados mediante a presença das vozes em contato, considerando que a não manifestação, a ausência da voz, funciona como uma atitude repressiva, o que contribui para o apagamento das referências identitárias dos indígenas da Reserva de Dourados no texto midiático.

Palavras-chave: Semiótica; Polifonia; Discurso jornalístico; Suicídio indígena.

SANTOS, Clemilton Pereira dos. *Indigenous suicide in the área of Dourados/MS: the polyphonic perspectiva of journalist speech*. Três Lagoas/MS, 2008. 140f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Câmpus de Três Lagoas, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

ABSTRACT

This work looks for, in a first moment, to accomplish a reading semiotics of the present journalistic texts in *The Progress*, that approach the cases of suicide happened in the Indigenous Reservation of Dourados'city during the years of 1990 and 1991, verifying, through the analysis of 22 texts of the journalistic articles, more specifically of the typologies (policeman, first page, general and editorial)and to the light of the theory semiotics greimasiana, as the newspaper construtes the sense; which voices are looked for to dialogue with the enunciaties and your effects; the “ discursive competences of actorialização, espacialização and temporalização and the course of the news. The work is justified tends in view the need to detach the present voices in the journalistic speech of the oldest newspaper of Dourados'city – *The Progress* – to dialogue on the thematic of the indigenous suicide, as well as to understand the sense effects established by the presence of those voices, considering that the no manifestation, the absence of the voice, works as a repressive attitude what it contributes to the extinguished of the natives' of the Reservation of Dourados'city references identitys by the text mediacty.

Keywords: Semiotic; Polyphony; Indigenous suicide; Journalistic speech.

Agradecimentos

Nunca se vence uma guerra lutando sozinho.

(Raul Seixas)

Oportuno se faz agradecer nesta ocasião:

aos meus pais, Ademar e Aparecida, a quem eternamente serei grato pelo título de Mestre:

Pai e Mãe, aqui vocês têm um pouco do seu suor! Obrigado!;

à minha esposa, Leonice, por compreender as tantas tardes de domingo, as tantas noites em que boa parte eu tive como companhia os livros e o computador; sabemos que não foi fácil, amor!;

a meu filho, João Antônio, hoje com um dois anos, que durante meus estudos, na sua inocência, dizia-me, “Vamo brinca, pai?”;

aos amigos, Anailton, Irení, Eliane, Letícia e Eliza, pela preciosidade de suas companhias, pelas palavras e, acima de tudo, pela amizade. Adoro vocês!!!;

à Profa. Dra. Rita de Cássia Limberti, pela orientação e pela amizade;

a Deus, por mais esta etapa de minha vida.

Uma palavra pode proteger ou destruir uma pessoa. Uma palavra na boca é como uma flecha no arco [...] Para o tupi-guarani, ser e linguagem são uma coisa só... designa ser e significa som em pé. Nosso povo enxerga o ser como um som, um tom de uma grande música cósmica, regida por um grande espírito criador, o qual chamamos de *Namandu-ru-etê*, ou *Tupã*, que significa o som que se expande. Um dos nomes da alma é *neeng*, que também significa fala. Um pajé é aquele que emite *neeng-porã*, aquele que emite belas palavras. Não no sentido de retórica. O pajé é aquele que fala com o coração. Porque fala e alma são uma coisa só (Jecupe *apud* <<http://www.copeve.ufms.br/vst> 2000).

Há muitas armadilhas no mundo e é preciso quebrá-las.
(Ferreira Gullar)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I – SEMIÓTICA: BASES TEÓRICAS DE SAUSSURE A GREIMAS.....	18
CAPITULO II – O JORNAL: UM GÊNERO MIDIÁTICO.....	24
2.1 – Mídia impressa: o jornal e seus princípios de produção de sentidos.....	26
CAPÍTULO III – CULTURAS INDÍGENAS: APESAR DE TUDO RESISTEM.....	30
3.1 – Nível Fundamental.....	31
3.1.1 – Nível Narrativo.....	31
3.1.2 – Nível Discursivo (categoria de pessoa).....	33
3.1.3 – Categoria de Tempo.....	34
3.1.4 – Categoria de Espaço.....	34
3.1.5 – Tematização e Figurativização.....	35
3.1.6 – Plano de Expressão.....	35
3.2 – A Causa Indígena.....	37
3.2.1 – Nível Narrativo.....	38
3.2.2 – Nível Discursivo (categoria de pessoa).....	41
3.2.3 – Categoria de Tempo.....	41
3.2.4 – Categoria de Espaço.....	42
3.2.5 – Tematização e Figurativização.....	43
3.2.6 – Plano de Expressão.....	43
3.3 – Travesti é encontrado morto a tiros e índio suicida-se.....	44
3.3.1 – Nível Fundamental	44
3.3.2 – Nível Narrativo.....	45
3.3.3 – Categoria de Pessoa.....	46
3.3.4 – Categoria de Espaço.....	46
3.3.5 – Categoria de Tempo.....	47
3.3.6 – Plano de Expressão.....	47

3.4 – Travesti é encontrado morto a tiros e índio pratica suicídio.....	48
3.4.1 – Nível Narrativo.....	48
3.4.2 – Categoria de Pessoa.....	49
3.4.3 – Categoria de Tempo.....	49
3.4.4 – Categoria de Espaço.....	50
3.4.5 – Tematização e Figurativização.....	50
3.4.6 – Plano de Expressão.....	51
3.5 – Cimi apresenta a candidatos programa para política indígena.....	51
3.5.1 – Nível Narrativo.....	52
3.5.2 – Nível Discursivo.....	53
3.5.3 – Categoria de Pessoa.....	53
3.5.4 – Categoria de Tempo.....	54
3.5.5 – Categoria de Espaço.....	55
3.6 – Cimi apresenta a candidatos programa para política indígena.....	56
3.6.1 – Nível Narrativo.....	57
3.6.2 – Plano de Expressão.....	57
3.7 – Índio é encontrado enforcado.....	59
3.7.1 – Nível Fundamental.....	59
3.7.2 – Categoria de Pessoa.....	60
3.7.3 – Categoria de Espaço.....	61
3.7.4 – Categoria de Tempo.....	61
3.7.5 – Tematização e Figurativização.....	61
3.7.6 – Plano de Expressão.....	62
3.8 – Mais um índio é encontrado enforcado.....	62
3.8.1 – Nível Fundamental.....	63
3.8.2 – Nível Narrativo.....	63
3.8.3 – Nível Discursivo.....	64
3.8.4 – Categoria de Tempo.....	66
3.8.5 – Categoria de Espaço.....	67
3.8.6 – Tematização e Figurativização.....	67
3.8.7 – Plano de Expressão.....	67
3.9 – Suicídio entre Índios.....	69
3.9.1 – Nível Fundamental.....	70
3.9.2 – Nível Narrativo.....	72

3.9.3 – Categoria de Pessoa.....	72
3.9.4 – Categoria de Tempo.....	74
3.9.5 – Categoria de Espaço.....	75
3.9.6 – Tematização e Figurativização.....	76
3.9.7 – Plano de Expressão.....	78
3.10 – Força mística pode estar levando índio ao suicídio.....	80
3.10.1 – Nível Fundamental.....	81
3.10.2 – Categoria de Pessoa.....	81
3.10.3 – Categoria de Tempo.....	82
3.10.4 – Categoria de Espaço.....	83
3.10.5 – Tematização e Figurativização.....	83
3.10.6 – Plano de Expressão.....	83
3.11 – Aconteceu mais um caso de suicídio entre índios.....	85
3.11.1 – Nível Fundamental.....	85
3.11.2 – Nível Narrativo.....	86
3.11.3 – Nível Discursivo.....	86
3.12 – Aconteceu mais um caso de suicídio entre índios.....	87
3.12.1 – Nível Fundamental.....	87
3.12.2 – Nível Discursivo.....	88
3.12.3 – Categoria de Pessoa.....	89
3.12.4 – Categoria de Tempo.....	91
3.12.5 – Tematização e Figurativização.....	92
3.12.6 – Plano de Expressão.....	93
3.13 – Frentista de Posto suicida-se com um tiro e indígena morre enforcado.....	94
3.13.1 – Nível Fundamental.....	95
3.14 – Frentista de Posto atira contra sua própria cabeça e índio comete suicídio.....	96
3.14.1 – Nível Fundamental.....	96
3.14.2 – Nível Narrativo.....	97
3.14.3 – Nível Discursivo.....	98
3.14.4 – Categoria de Pessoa.....	98
3.14.5 – Categoria de Tempo.....	99
3.14.6 – Categoria de Espaço.....	99
3.14.7 – Tematização e Figurativização.....	100
3.14.8 – Plano de Expressão.....	100

3.15 – Com recursos onda de suicídio pode acabar.....	101
3.15.1 – Nível Fundamental.....	101
3.15.2 – Categoria de Pessoa.....	102
3.15.3 – Categoria de Tempo.....	102
3.15.4 – Categoria de Espaço.....	103
3.16 – Com recursos índios dobrarão a produção.....	104
3.16.1 – Nível Fundamental.....	104
3.16.2 – Categoria de Pessoa.....	105
3.16.3 – Categoria de Tempo.....	105
3.16.4 – Categoria de Espaço.....	106
3.16.5 – Tematização e Figuratização.....	106
3.17 – Advogados entendem que é hora de discutir a questão indígena.....	107
3.17.1 – Nível Fundamental.....	108
3.17.2 – Nível Narrativo.....	108
3.17.3 – Categoria de Pessoa.....	109
3.17.4 – Categoria de Tempo.....	110
3.17.5 – Categoria de Espaço.....	110
3.17.6 – Plano de Expressão.....	111
3.18 – Suicídio entre índios continua repercutindo.....	112
3.18.1 – Nível Fundamental.....	113
3.18.2 – Nível Narrativo.....	113
3.18.3 – Categoria de Pessoa.....	114
3.18.4 – Categoria de Tempo.....	115
3.18.5 – Categoria de Espaço.....	115
3.18.6 – Plano de Expressão.....	116
3.19 – Questão Indígena será debatida hoje no CEUD.....	117
3.19.1 – Nível Fundamental.....	117
3.19.2 – Nível Narrativo.....	118
3.19.3 – Nível Discursivo (categoria de pessoa).....	119
3.19.4 – Categoria de Tempo.....	119
3.19.5 – Categoria de Espaço.....	119
3.20 – Índio cobra de Collor promessas de campanha.....	120
3.20.1 – Nível Fundamental.....	120
3.20.2 – Categoria de Pessoa.....	121

3.20.3 – Categoria de Tempo.....	121
3.20.4 – Categoria de Espaço.....	122
3.20.5 – Tematização e Figurativização.....	122
3.20.6 – Plano de Expressão.....	123
3.21 – Índio cobra de Collor promessas de campanha.....	124
3.21.1 – Nível Fundamental.....	125
3.22 – Índio suicida-se para denunciar sua situação.....	126
3.22.1 – Nível Fundamental.....	126
3.22.2 – Categoria de Espaço.....	127
3.22.3 – Categoria de Tempo.....	127
3.23 – Índio suicida-se para denunciar sua situação.....	129
3.23.1 – Nível Narrativo.....	130
3.23.2 – Nível Fundamental.....	131
3.23.3 – Nível Discursivo (categoria de pessoa).....	131
3.23.4 – Categoria de Espaço.....	133
3.23.5 – Categoria de Tempo.....	133
3.23.6 – Figurativização e Tematização.....	133
CAPÍTULO IV – A PERSPECTIVA CRONOLÓGICA E OS EFEITOS DE SENTIDO DAS TIPOLOGIAS PRESENTES NO GÊNERO MIDIÁTICO EM RELAÇÃO AOS CASOS DE SUICÍDIO.....	134
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	137
REFERÊNCIAS.....	143

INTRODUÇÃO

GENOCÍDIO

(crianças batem palmas nos portões)

tem pão velho?

não, criança

tem o pão que o diabo amassou

tem sangue de índios nas ruas

e quando é noite

a lua geme aflita

por seus filhos mortos.

tem pão velho?

não, criança

temos comida farta em nossas mesas

abençoada de toalhas de linho, talheres

temos mulheres servis, geladeiras

automóveis, fogão

mas não temos pão.

tem pão velho?

não, criança

temos asfalto, água encanada

super-mercados, edifícios

temos pátria, pinga, prisões

armas e ofícios

mas não temos pão.

tem pão velho?

não, criança

tem sua fome travestida de trapos

nas calçadas

que tragam seus pezinhos

de anjo faminto e frágil

pedindo pão velho pela vida

temos luzes sem alma pelas avenidas

temos índias suicidas

mas não temos pão.

tem pão velho?

não, criança
temos mísseis, satélites
computadores, radares
temos canhões, navios, usinas nucleares
mas não temos pão.

tem pão velho?

não, criança
tem o pão que o diabo amassou
tem sangue de índios nas ruas
e quando é noite
a lua geme aflita
por seus filhos mortos.

tem pão velho?

(Emmanuel Marinho)

A ocupação do Estado de Mato Grosso do Sul iniciou-se há 10.000 anos a.C., por meio de seus primeiros habitantes indígenas, ancestrais dos ameríndios, contemporâneos dos *Guarani*, *Terenas*, *Kaiowá* e, posteriormente, dos *Caiapós* e dos *Xaraés*. Sua história está estreitamente ligada à cultura indígena e, por que não dizer, que existem bases indígenas tanto na língua quanto nas características físicas de sua população, além dos hábitos alimentares e dos nomes de diversas cidades sul-mato-grossenses, que carregam no léxico o quanto se tem da tradição indígena.

Dourados, cidade sul-mato-grossense situada acerca de 250 quilômetros da capital, Campo Grande, em seu histórico, como informa pesquisa feita na página *on line* da Prefeitura Municipal local, registra o fato de que, antes do advento do colonizador branco, as terras que hoje pertencem ao município de Dourados eram habitadas pelas tribos *Terena* e *Kaiowá*, cujos descendentes ainda podem ser encontrados em aldeias indígenas localizadas ao lado do perímetro urbano da cidade.

Essa expressão, no entanto, não condiz com a realidade populacional de indígenas na região, pois estima-se que em Dourados haja uma das maiores reservas indígenas do Brasil, com aproximadamente de 12 mil indígenas divididos em pelo menos 03 (três) etnias, segundo dados da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), com base em levantamentos realizados em 2005.

Conforme dados da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), a partir do levantamento feito em 2005, existem 70 mil indígenas em Mato Grosso do Sul. Dourados concentra a maior

reserva do estado, com cerca de 12 mil índios nas aldeias Bororó (atualmente comandada pelo capitão Luciano) e Jaguapiru (hoje comandada pelo capitão Renato), onde vivem indígenas das etnias *Kaiowá*, *Guarani* e *Terena*.¹

A denominação índio/indígena faz jus a uma denominação dada por terceiros, ou melhor, pelo colonizador português, tendo em vista a ausência de uma definição precisa por parte dos europeus para os habitantes nativos da América, por um equívoco em relação às Índias, território procurado para transações comerciais. Atualmente a definição não se diferencia muito da atribuída outrora, pois ser índio/ indígena hoje é pertencer

(...) àquela parcela da população brasileira que apresenta problemas de inadaptação à sociedade brasileira, motivados pela conservação de costumes, hábitos ou meras lealdades que a vinculam a uma tradição pré-colombiana. Ou, ainda mais amplamente: índio é todo o indivíduo reconhecido como membro por uma comunidade pré-colombiana que se identifica etnicamente diversa da nacional e é considerada indígena pela população brasileira com quem está em contato (Disponível em: <www.funai.gov.br/fr_conteúdo.htm>. Acesso: mar. 2007).

Atribui-se a denominação índio àquele que vive em um território pequeno ou àqueles que “vivem prensados entre a área urbana e a rural em situação desfavorável desde a época da Companhia Mate Laranjeira”, que reservou a eles uma área que levava em consideração o critério “simplista da observação do montante populacional, da aparência física e do modo de vida de hoje” (LIMBERTI, 2003, p. 07). Essa visão resultou na formação de uma aldeia que conta com 12 mil habitantes vivendo em um território de aproximadamente 3000 ha.

Esses indígenas, cujo ritmo de vida mistura-se e confunde-se com os não indígenas, perambulam pelas estradas vicinais e rodovias que cortam a cidade de Dourados ou que dão acesso às aldeias próximas. Indígenas, que tendo mais recursos materiais, caminham com suas carroças pelas ruas com suas crianças, vendendo milho, batendo de porta em porta, ou com suas bicicletas, acompanhados de seus filhos, normalmente pequenos e/ou de colo, tantas vezes mendigando um pedaço de pão velho, como nos versos tão repetidos do poeta douradense Emmanuel Marinho: **“Tem pão velho?”**

Tornaram-se comuns notícias na imprensa tanto da desnutrição quanto da prática do suicídio de indígenas em Dourados, e o Estado de Mato Grosso do Sul ocupou espaço na mídia brasileira pelos casos de miséria, disputa pela terra – índios X fazendeiros – e a desnutrição entre os índios.

¹ Dados disponíveis em: <http://www.prt24.mpt.gov.br/asscom/release/2007/mar/comiss_ind_oab.htm>. Acesso em: 17 mar. 2007.

São manchetes publicadas em revistas, jornais, artigos de opiniões, noticiários televisivos, conferências com autoridades, antropólogos, professores, buscando uma causa para as conseqüências – a morte – seja por desnutrição, seja por suicídio. Há também a divulgação dos conflitos entre fazendeiros e indígenas, em razão de um território que, historicamente, já pertencia aos índios. Essa é a situação dos milhares de índios que não têm como viver de acordo com sua cultura no território de que dispõem.

Entre 1986 e 2001 o Ministério Público Federal registrou cerca de 301 suicídios de indígenas nas aldeias da região de Dourados, não somente por motivos relacionados ao choque cultural, mas também pela falta de valor ao sujeito, em um Estado onde uma vaca tem mais espaço que uma pessoa. Isso segundo o Procurador Geral da República, Aristides Junqueira, por ocasião, em 1994, da morte de um adolescente que deixou um bilhete com a seguinte frase: “Eu não tenho lugar.”

Diante dessas constatações, especialmente do suicídio – não deixando, é claro, as hipóteses relacionadas à terra, às condições de trabalho, para quem lida com a terra, sinônimo de liberdade, à necessidade de uma vida mais justa e igualitária em relação à população não indígena – percebe-se também que para os indígenas a relação entre linguagem e pensamento é indissociável, uma vez que a primeira é concretizada por intermédio da segunda, sendo a realidade expressa pelo discurso. Esta justaposição é reafirmada por intermédio dos comentários indígenas que salientam ser a linguagem vista e reconhecida pelo índio como expressão do mais íntimo do ser, da essência/alma, tanto nas relações estabelecidas entre indígena e indígena, indígena e sociedade externa à tribo quanto entre o indígena e sua divindade, por meio da religiosidade e de seus rituais. Assim verifica-se uma interação ou dupla face –linguagem/identidade – já que a linguagem é o *ser* para o indígena. “Ser e linguagem são uma coisa só. O pajé é aquele que fala com o coração. Porque fala e alma são uma coisa só” (JECUPE apud Isto È, 1999, p. 11)

Por outro lado, para o não índio ela, a linguagem, não é vista nessa perspectiva, pois o ser humano do século XXI, inserido em uma sociedade marcada pelos meios tecnológicos, busca apagar ou negar a expressividade, o sujeito em prol do social, procurando ocultar as marcas individuais. Nas palavras de Gusdorf (1995, p.49):“A comunicação mata a expressão. Quanto mais me comunico, menos me explico e quanto mais me explico, menos me comunico. É preciso escolher entre o incompreensível e o não autêntico, entre a excomunhão ou a negação de si próprio.” Vive-se uma crise de identidade em que é preciso renunciar à

originalidade-essência do ser, em razão de uma identidade fragmentada, verificando-se o embate entre dois lados, pois

[...] enquanto nas sociedades tradicionais os símbolos são valorizados por conter e perpetuar a experiência de gerações para as sociedades modernas, temos a experiência de convivência, cujas práticas sociais são constantemente analisadas e reformuladas à luz das informações recebidas sobre as práticas adotadas (GIDDENS *apud* HALL, 2005, p.14).

Dessa forma, numa comunidade como a das aldeias indígenas da região de Dourados, que “abandonaram praticamente a religião tribal, não realizando mais cerimônias de espécie alguma, a influência do Cristianismo vai tomando incremento através da catequese a fim de prestar assistência e convertê-los ao cristianismo” (SCHADEN, 1974, p. 9). Nesse lugar há que se conviver com os ícones e aspectos culturais e sociais da sociedade moderna que se encontram a não mais que dois mil metros, distanciamento este já pressuposto, tendo em vista que

Há poucos anos a aldeia conservava em larga escala os velhos padrões culturais da tribo, mas hoje está em vias de dissolução em consequência do avanço cada vez mais rápido da Colônia Federal de Dourados, cuja diretoria mandou lotear quase integralmente as terras dos índios a fim de distribuí-las a colonos vindos de fora (SCHADEN, 1974, p. 9).

Nessa interação cujas relações sociais se dão pela linguagem, a comunicação procura sufocar a expressão indígena. Sua origem, os rituais, a religião e a tradição acabam não sendo mais cultuadas como antigamente.

Em um processo de aculturação, percebe-se a construção de um sujeito indígena que, por um lado, a fim de se sentir parte integrante do grupo, procura utilizar o discurso coletivo, eximindo sua verdadeira opinião, no entanto, por outro, nega a cultura não indígena, o que leva a uma identidade perturbadora pelo viés da palavra. Essa afirmação tem por base a fala de Jecupe (*apud* Isto É, 1999, p. 7-11):

Um pajé é aquele que emite *neeng-porã*, aquele que emite belas palavras... porque fala e alma são uma coisa só. É por isso que os Guaranis-Kaiowás, por ilusão dessas relações com os brancos, preferem recolher a sua palavra-alma. Se matam enforcados (como vem acontecendo há cerca de dez anos em Dourados, Mato Grosso do Sul) porque a garganta é a morada do ser...

O suicídio, para Durkheim (2000, p.11), pode ser caracterizado

[...] como toda morte que resulta mediata ou imediatamente de um ato positivo ou negativo, realizado pela própria vítima, sendo necessário investigar os antecedentes de sua história privada em que o indivíduo precisa estar em uma situação de equilíbrio entre suas expectativas, suas exigências e os meios socialmente acordados, pois o desencontro entre as necessidades e os meios levam ao suicídio anômico.

Assim, na relação entre suicídio e identidade cultural percebe-se que o indígena tem o discurso, a ideologia do não indígena hospedada dentro de si, e que acaba falando por eles. Assim, a sociedade cobra que seja diferentes do que são.

Para Gadotti (1991) enquanto os povos indígenas não conseguirem garantir o estranho direito de serem o que são, a relação de submissão histórica existente nunca será superada, pois é a partir do fato de sermos diferente que nós adquirimos identidade, que é definida em relação a algo que lhe é exterior, diferente.

Daí que essa busca pelo diferente é tida como aspecto negativo no discurso do não indígena, perfazendo a formação da opinião do próprio indígena como alguém que tem vontades, mas não tem o “poder para”, ou, “que não aceita os limites morais que a sociedade impõe; aquele que aspira a mais do que pode, que tem demandas muito acima de suas possibilidades reais e cai, portanto, no desespero (DURKHEIM, 2000, p. 11).

Um sujeito que ora se identifica como diferente, ora se vê obrigado a ser semelhante; tem em si o conflito instaurado/instalado mediante a linguagem, pois a construção da auto-imagem se faz a cada interação de linguagem e aquilo que pensamos que somos ou que acreditamos que os outros imaginam de nós, constrói-nos. O que nós pensamos dos outros, o que o indígena significa e como ele é construído discursivamente nos constrói e nos direciona.

Com base nas considerações expostas, nesta dissertação problematiza-se como os jornais da região, mais precisamente o jornal *O Progresso*, que conta com aproximadamente 60 anos de trabalho na cidade de Dourados, busca criar a imagem do indígena diante da situação de suicídio acentuada. Que vozes são encontradas no texto jornalístico, a fim de abordar de um problema tão particular como o suicídio? A do índio? A das entidades, dos advogados, dos universitários, dos pesquisadores, da própria instituição jornalística? Que voz fala? Que imagem é construída, já que se calar ou ter as ações modalizadas pelo discurso do outro pode provocar um conflito ou uma tentativa de distanciamento e esvaziamento da identidade indígena, uma construção imagética, uma “verdade”.

Inicialmente o que se percebe é a tentativa de preservação de uma identidade, a fim de que sejam reconhecidos como são, com suas semelhanças e suas diferenças, pois já não é possível mais ser “diferente”, tendo em vista o fato de que, primeiro, todo discurso é um fragmento do discurso alheio e, segundo, porque, no ato da enunciação, a representação, o sentido nunca está completo, pois, ao interagir mediante a linguagem, há que se considerar os fatores históricos, o conhecimento de mundo e os fatores pragmáticos envolvidos na enunciação, os quais proporcionam a perda do controle do significado.

Dessa forma, este trabalho surge da necessidade de estudar mais a fundo, à luz da Teoria Semiótica greimasiana, a questão do suicídio, verificando como o jornal *O Progresso* constrói o sentido; quais vozes são buscadas para dialogar com os enunciatários e seus efeitos de sentido; qual o percurso das notícias, bem como os simulacros criados pelo jornal para manipular seus leitores, analisando semioticamente tanto o percurso gerativo de sentido das categorias de base – o nível fundamental – quanto o nível narrativo e discursivo dos textos do jornal, procurando averiguar, nos vários gêneros discursivos (opiniões, editoriais, seção policial), como se noticia o acontecimento.

Percebemos também as invariantes, as formações discursivas que caracterizam as imagens que o jornal constrói acerca do suicídio dos índios, assim como as formações ideológicas que estão subjacentes a essas formações discursivas presentes nos discursos jornalísticos. Considera-se que a unidade está na dispersão e que o texto é atravessado por várias formações discursivas que materializam as várias posições do sujeito, sendo a polifonia um dos lugares onde se dá essa relação. “O texto é heterogêneo e se apresenta como uma unidade, dada sua relação com o discurso e sua inscrição em uma formação discursiva específica que confronta com outras” (ORLANDI, 1999, p. 60). É no texto que se estudam os sistemas de dispersão geradores do sentido.

Este trabalho justifica-se tendo em vista a necessidade de destacar as vozes presentes no discurso jornalístico mais antigo da cidade de Dourados, de *O Progresso*, buscando compreender os efeitos de sentido instaurados mediante a presença dessas vozes, considerando que a não manifestação, a ausência da voz funciona como uma omissão, o que contribui para o apagamento das referências identitárias.

Cada um de nós esforça-se por proteger a sua intimidade contra as intromissões de outrem. O que não impede que, apesar desta profilaxia, todo o encontro seja uma aventura que nos pode levar longe, porque, segundo as palavras do poeta austríaco Hugo Von Hofmannstahl, “cada encontro desmembra-nos e recompõe-nos” (apud GUSDORF, 1995, p. 59).

Desse modo, pode-se afirmar que comunicar significa revelar-se, sem perder de vista que nenhum discurso equivale realmente à verdade, mas sim a um simulacro que se constrói por meio do próprio texto, ou seja, em uma tentativa de manipular opiniões. Ora o homem busca se opor a toda uma formulação definitiva, ora a utiliza para esconder, ou melhor, não deixa transparecer suas verdadeiras intenções e opiniões, já que, se assim não agir, pode não promover as ações necessárias no outro. Mediante a linguagem, o texto, o homem procura omitir, criar sentidos que sejam propícios aos seus interesses.

Ao identificarmos as estratégias de construção de sentido e de manipulação utilizadas nos textos jornalísticos que abordam as temáticas relacionadas ao suicídio indígena, passamos pelas “competências discursivas de actorialização, espacialização e temporalização”, (FIORIN, 2002, p. 43) bem como os mecanismos argumentativos e seus efeitos de sentido. Ou seja, as formações ideológicas e discursivas presentes nos textos, a fim de oferecer uma possível contribuição, via linguagem, para uma reflexão e compreensão da construção do sentido e da imagem que o texto jornalístico cria do indígena por meio das notícias do suicídio.

Para o cumprimento dos objetivos da pesquisa, procuramos, por intermédio de pesquisa nos arquivos do jornal *O Progresso*, reunir um conjunto de textos que tratam da questão dos suicídios praticados nos anos de 1990 e 1991, momento em que houve um grande número de suicídios na região de Dourados. Posteriormente, dividimos os grupos em tipologias textuais e buscamos observar os aspectos invariantes e variantes dos níveis fundamental, narrativo e discursivo da narrativa, bem como as marcas lingüístico-discursivas, mais especificamente, as competências discursivas de actorialização, espacialização e temporalização. Os mecanismos argumentativos e seus efeitos de sentido adotados pelos enunciadores a fim de manipular os sentidos pretendidos também foram analisados.

Esta dissertação está organizada em quatro capítulos. No Capítulo I apresentamos uma introdução aos pressupostos teóricos da Semiótica greimasiana. No segundo Capítulo, está uma noção de gênero jornalístico, mais especificamente, acerca da mídia impressa. No Capítulo III temos análises semióticas nos três níveis (fundamental, narrativo e discursivo) e o plano de expressão dos 22 textos das diversas tipologias do gênero jornalístico dos anos 1990 e 1991. A análise comparativa dos 22 textos por tipologia, ordem cronológica, posição no suporte, verificando os efeitos de sentido aparecem no Capítulo IV.

CAPÍTULO I

SEMIÓTICA: BASES TEÓRICAS DE SAUSSURE A GREIMAS

Há muitas armadilhas no mundo e todas se concretizam às escondidas, enjauladas em palavras e símbolos, em discursos. É preciso quebrá-las, desvelá-las, desocultá-las, quebrá-las [...] precisamos destravar as ratoeiras da informação, das ciladas [...] das armações do poder. Nas iniciativas e nos movimentos, nos gestos e desejos, o leitor, pela leitura, talvez, possa entremear-se nas armadilhas discursivas perigosas e traiçoeiras, produzir sentidos outros das coisas, dos fatos, dos fenômenos, desarmá-las. Verso e reverso? (Ezequiel Teodoro da Silva).

Há muito tempo os estudos da linguagem têm se dividido entre três linhas de pesquisa: temos aqueles que valorizam sua análise, levando em consideração os aspectos internos; aqueles que enfatizam seus aspectos externos; e aqueles que consideram o estudo da linguagem como um conjunto que envolve tanto a organização estrutural, seus procedimentos e mecanismos, quanto o seu contexto, ou seja, as condições de produção, a enunciação, que contribuem para a construção do sentido. Dentre eles, há aqueles que relevam questões de uso social e de contextos de enunciação, enquanto outros reconhecem a importância dos aspectos estruturais ou cotextuais, porém enfatizam o contexto de enunciação, as condições de produção.

A Semiótica busca estudar o texto na sua acepção mais abrangente, global, isto é, tudo que tem um sentido, um campo de atuação: a significação, procurando descrever o que “o texto *diz e como faz* para *dizer* o que *diz*”, numa intencionalidade de controlar a interpretação dos dados e dilatar a abrangência dessa mesma interpretação. Ciência da linguagem recente, a Semiótica corresponde a uma teoria de análise lingüística, cujos princípios fundadores da vertente francesa estão em Greimas, que desenvolveu suas teorias embasado, primeiramente, nas lições do mestre suíço Ferdinand de Saussure, que partiu do princípio de que o estudo da língua deve buscar a cientificidade, as regras, pois o sentido existe porque há o sistema. Isso levou Saussure a se ater extremamente às regras e a seu estudo científico, deixando os usos, não porque os desconhecia, mas porque cabia a seus interesses estudar o sistema.

O sentido está no texto, em sua ambivalência lingüística. O estudo da linguagem reconstrói suas regras de funcionamento, seus procedimentos, suas redes de dependência interna. A partir disso, podemos dizer que a Semiótica é sincrônica, na medida em que estuda o texto e sua estrutura, e diacrônica, à medida que toda mudança condicionada pelo externo está inserida no texto, em sua estrutura.

A partir de Saussure temos a dicotomia de significante e de significado. O primeiro corresponde à imagem acústica. O segundo, ao conceito, à representação do objeto, sendo ambos indissociáveis. Para a Semiótica, essa dicotomia embasa o fato de que a linguagem constrói o real e que isso se dá de diversas formas, tendo em vista que a categorização do “real” é recortada, construída conforme a situação. Assim, como somente existe signo se houver significante e significado, o sentido, a interpretação só se dá com base na relação estabelecida entre os enunciados.

No que se refere à Semiótica, tem-se para cada categoria de base fundamental várias categorias narrativas, ou seja, várias formas de dizer o que se diz, conforme a intencionalidade do enunciador, o que determinará a ação manipuladora. Sendo significante e significado inseparáveis, cada um vale ou é, tendo em vista o que o outro não é, ou seja, considera-se a noção de valor que se estabelece na relação com as demais partes do texto ou peças do jogo. “É preciso considerar o signo não mais em sua composição, mas em seus contornos, dados por suas relações com outros signos” (SAUSSURE, 1989, p. 151).

Isso se confirma aludindo-se ao eixo sintagmático e ao paradigmático da linguagem, outra dicotomia saussuriana. O primeiro no plano das associações e o segundo no das comutações, já que a ausência nas comutações – paradigmas, implícitos – ou a presença – sintagmas, explícitos – modificam o sentido, que somente se estabelece se houver diferenças.

No âmbito das contribuições de Saussure para a Semiótica, temos de convir, primeiramente, que quanto ao nível fundamental e ao nível narrativo, ambos se diferenciam, embora o sentido se dê pela relação entre os percursos. Outra contribuição relevante se evidencia por meio da noção de valor elaborada pelo pai da lingüística estrutural, cuja matéria-prima vale menos que o que há ao seu redor. Esse fator nos fornece subsídios para entender melhor a valorização por parte da Semiótica, dada durante algum tempo, ao plano de conteúdo, tendo em vista que o sentido de uma peça conta mais que sua matéria.

Outra contribuição relevante para os estudos de Semiótica greimasiana pode ser encontrada em Hjelmslev, lingüista dinamarquês, seguidor de Saussure e fundador da Glossemática. Quanto às contribuições de Hjelmslev nos estudos de Greimas, podemos

mencionar o fato de ter destacado no campo dos estudos da linguagem o que era objeto de estudo da Lingüística, o signo, e o que era objeto de estudo da Semiótica, qualquer sistema de signos (imagens, gestos, vestuários, ritos, etc.), ou seja, ser um dos pioneiros na definição da ciência geral dos signos – a Semiótica.

Também advém de Hjelmslev o desenvolvimento dos conceitos de forma e substância da língua e da fala, mencionando existir uma forma para a expressão e uma substância para a expressão, bem como uma forma para o conteúdo e uma substância para o conteúdo, o que fornece o pontapé inicial para os estudos de alguns ramos da Lingüística, a exemplo da fonética e da fonologia e por que não da Semiótica, tendo em vista a importância da materialidade lingüística.

Outra referência que merece destaque é Vladimir Propp, estruturalista russo que estudou os componentes básicos do enredo dos contos. De Propp, Greimas torna mais operacional o mapeamento estrutural comum a uma diversidade de textos, bem como o reconhecimento da existência de níveis de manifestação, princípios fundadores, tanto dos conceitos do nível narrativo, conforme Greimas, quanto da existência dos vários níveis textuais, o fundamental, o narrativo e o discursivo.

Por fim, temos de destacar a influência de Levi Strauss, antropólogo estruturalista francês, que destaca a existência de uma analogia entre linguagem e cultura, levando em consideração a relação entre os termos e as leis gerais do sistema. Para ele e dele vem a concepção de que a significação está atrelada ao nosso meio e, a partir disso, os enunciadores buscam impor suas visões da realidade por meio dos textos como apreensão do significado.

Segundo Greimas (1976, p. 237-239), a Semiótica francesa, embora não ignore que o texto seja um objeto histórico, dá ênfase ao conceito de texto como objeto de significação de uma forma sincrônica, preocupando-se fundamentalmente em estudar os mecanismos que engendram o texto, que o constituem como uma totalidade de sentido.

A Semiótica preocupa-se em estudar a produção e a interpretação dos textos, a teoria sintagmática, interessando-se por qualquer tipo de texto. Há um conteúdo em diferentes formas de expressão, uma vez que um mesmo conteúdo pode ser veiculado por diferentes planos de expressão. Há uma teoria geral de textos, sejam eles visuais, verbais, por combinações de planos de expressão-sincrético (visual, verbal, etc).

Preocupando-se com os sentidos do texto, em primeiro lugar Greimas procura levantar o percurso gerativo de sentido, observando os mecanismos e os procedimentos do plano de conteúdo, os quais se dividem, conforme Barros (2003, p. 188), em 03 (três) etapas, as quais buscamos enumerar aqui.

Sua primeira parte, referente ao plano de conteúdo, diz respeito ao nível fundamental, ou categorias de base, abstratas. Trata-se de categorias semânticas que se opõem e que a partir dessa relação de oposição, de contrariedade, os sentidos se estabelecem significativamente, ou melhor, citando Lopes, dão sustentabilidade a uma dada noção:

[...] o mecanismo lingüístico gira em torno de identidades e diferenças, pois tudo que um elemento discursivo é, ele o é em relação a todos os demais. Assim, elemento nenhum, numa mensagem existe sozinho; e elemento nenhum pode ser definido por sua natureza, isoladamente, mas sempre e só por referência a outro elemento qualquer da mesma formação constroem uma relação de sentido (LOPES, 1997, p.35).

Na teoria semiótica, conforme Barros,

No nível mais abstrato e simples, o das estruturas fundamentais, os sentidos do texto são entendidos como uma categoria ou oposição semântica, cujos termos são determinados pelas relações sensoriais do ser vivo, com esses conteúdos e considerados atraentes ou eufóricos e repulsivos ou disfóricos; negados ou afirmados por operações de uma sintaxe elementar; representados e visualizados por meio de um modelo lógico de relações denominado quadrado semiótico (2003, p.189).

A identidade se faz pela diferença, ou melhor, o sentido está na relação entre dois termos que diferem. Sendo assim, a existência de um termo só se faz presente tendo em vista a existência de um outro elemento no mundo natural que contenha características não contidas no elemento A e que, por isso, pode ser concebido como B.

No que diz respeito à segunda etapa do percurso gerativo de sentidos, fazendo novamente alusão a Barros (2003), temos a conversão do nível fundamental ao narrativo, em que o enunciador organiza a narrativa do ponto de vista de um sujeito, do nível abstrato para o concreto. Digamos que ele dá uma roupagem à categoria de base por meio de um sujeito que realiza operações, transformações, visando à busca de objetos que possam transformar o sujeito, por meio dos valores desses objetos conferidos ao sujeito. Por outro lado, os sujeitos podem se encontrar em uma situação de euforia ou disforia, ou seja, de busca ou de relaxamento em relação ao objeto pretendido por ele. Essa busca por valores se dá considerando-se os cerceamentos de um destinador manipulador que leva o sujeito a agir para obter determinado objeto/valor, a fim de que esse sujeito seja aceito na sociedade.

O terceiro nível, o discursivo, corresponde a uma série de “escolhas”, de pessoa, de tempo e de espaço, de concretização do discurso temática ou figurativamente, que o sujeito da

enunciação faz na e mediante a enunciação, a fim de persuadir, manipular o enunciatário, provocar-lhe a ilusão de verdade, proximidade, distanciamento, objetividade, subjetividade.

O sujeito da enunciação faz uma série de escolhas de pessoa, tempo, espaço, de figuras e ‘conta’ ou passa a narrativa, transformando-a em discurso [...] a narrativa enriquecida por todas essas opções do sujeito da enunciação, que marcam os diferentes modos pelos quais a enunciado se relaciona com o discurso que enuncia (BARROS, 1990, p.53).

Parafraseando Barros (1990), o nível discursivo é um modo de manifestação de um sujeito que constrói seu objeto discursivo, com vista a atingir um certo fim.

No que se refere à terminologia, “teoria gerativa dos sentidos”, segundo Fiorin, essa denominação “gerativa” é atribuída à teoria semiótica porque concebe o processo de produção de sentido como um processo gerativo que vai, conforme exposto anteriormente, do mais abstrato, simples – o nível ou a estrutura fundamental –, passando pelo narrativo (todo texto é narrativo, já que contém uma transformação de um estado inicial a outro, seja ele de disjunção ou de conjunção) até o mais complexo e concreto de enriquecimento semântico – nível ou estrutura discursiva.

Conforme Hernandes e Souza (2004), embora a Semiótica tenha se desenvolvido valorizando o plano de conteúdo como o lugar privilegiado, um programa de televisão, rádio ou jornal impresso, ao conceber, selecionar um plano de expressão e não outro acrescenta, tira, atribui aspectos que vão influir como algo a mais no sentido. Assim, o pesquisador deve buscar saber o que é esse algo a mais de sentido, sem prescindir ao plano de conteúdo.

Essas formações discursivas, manifestação, concretização das formações ideológicas, são, conforme Foucault (*apud* Discini, 2005, p. 60), um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram em uma época dada e para uma área social, econômica, geográfica ou lingüística dada, as condições de exercício da função enunciativa. Elas materializam uma ideologia, uma visão de mundo como estratégia de persuasão, que está alicerçada e renovada nos conflitos de poder entre segmentos sociais, sistema de representações, de normas de regras e preceitos que explicam a realidade e regulam o comportamento dos homens, criados por uma ideologia dominante e sustentados pelos aparelhos repressores do Estado. Assim, o nível fundamental está para “[...] pontos de vista de uma classe social a respeito da realidade, as maneiras como uma classe ordena, justifica e explica a ordem social” (BARROS *apud* HERNANDES e SOUZA, 2004, p. 1).

Se as formações ideológicas, conforme Discini, (2005), correspondem à ideologia dominante e, a partir do texto, da palavra, o sujeito se constrói, a imposição de uma segunda língua, de uma outra voz sobre a língua materna ou a voz do indígena, pode consistir em outro sistema de representação e de valores que se contrapõem, pois

Toda essa situação de relação entre sujeitos (índios e não-índios) configura-se como uma relação destinador-destinatário, sendo que o sujeito que doa os valores modais (que modalizam, que marcam o modo de ser) é o destinador (o branco) e o sujeito que os recebe (o índio) é o destinatário, que, por sua vez, vai colocar-se como sujeito da ação. Em Semiótica, toda comunicação é uma manipulação. Então, entre o destinador e destinatário, temos um percurso de manipulação (de ação). O papel do destinador é *factivo: fazer-fazer*, antes *fazer - ser*. É próprio do destinador exercer um fazer persuasivo, assim como é próprio do destinatário exercer um fazer interpretativo. O fazer persuasivo é a proposição de um contrato, que, no caso, implica um novo modo de ser (LIMBERTI, 1998, p. 8. Grifos da autora).

O fazer persuasivo não é construído pelo próprio indígena, muito menos para o indígena, mas tem o indígena como uma construção que visa a objetivos decorrentes de uma ideologia, de um sistema de valores que, a partir da organização da materialidade lingüística gerativa de sentido, constrói uma realidade que pode não ser compactuada pelo indígena, pois há alguém que fala por ele, ou melhor, há alguém que constrói sua identidade conforme os ideais de uma sociedade e para uma sociedade.

CAPÍTULO II

O JORNAL: UM GÊNERO MIDIÁTICO

Desde os primeiros estudos saussurianos tem-se percebido o quanto o meio de veiculação da informação contribui para a instauração da própria significação, ou melhor, o como se diz. A forma de expressão altera significativamente e determina o sentido daquilo que é dito, o conteúdo. Se assim não o fosse, não teríamos, nos estudos da linguagem voltados para o texto enquanto um todo, a construção do sentido a partir do ato enunciativo, tendo a materialidade lingüística ou as formações discursivas como fonte de busca para as significações, isto é, como via de acesso às formações ideológicas, subjacentes. Não teríamos nenhuma preocupação com a linguagem enquanto um *iceberg*, cuja visão nos permite inferir apenas 30% de seu sentido. Conforme Dascal (1992), todas as considerações podem ser exemplificadas dizendo que não há como se perfurar uma folha de papel deixando intacto o seu verso. Para Charaudeau (2006, p. 105), “Todo dispositivo formata a mensagem, e com isso, contribui para lhe conferir o sentido. Não há, conforme sabem os lingüistas ou os poetas, forma sem suporte, significante sem significado e nem mensagem sem suporte.”

A partir dessas observações não há como abordar, a fundo e semelhantemente, uma notícia publicada em um jornal diário impresso e em um telejornal sem discutir a problemática dos gêneros do discurso, já que os sistemas semiológicos e a configuração das unidades de sentido se distinguem, sejam eles nas representações de tempo, espaço ou nas condições de recepção construídas pelos diferentes suportes. Isso também se dá em razão da utilização da língua, que é extremamente heterogênea, o que nos faz distinguir entre uma grande heterogeneidade de textos aquele ao qual estamos expostos.

A escolha de um gênero representa a vontade do sujeito. Todos os nossos enunciados possuem formas relativamente estáveis e típicas de construção. Nós os empregamos de forma segura e habilidosa e [...] usamos até mesmo no bate-papo mais descontraído e livre nós moldamos o nosso discurso por determinados gêneros [...] e essas formas de gêneros são nos dadas quase que da mesma forma que nos é dada a língua materna (BAKHTIN, 1992, p. 282).

Sendo determinado o sentido do texto pela escolha do gênero textual, segundo Bakhtin (1992), é difícil falar de gênero em uma sociedade de fragmentos, de misturas, pois aquilo que

falamos está entrecortado por outras vozes, por outros *eus*, além de os momentos enunciativos tenderem a se misturar. Dessa forma, a intencionalidade do enunciador determina a forma do texto jornalístico, a instauração das categorias, pois o leitor determina aquilo que o autor vai dizer com o fito de agir sobre o outro.

O estudo dos gêneros tem suscitado discussões desde a antiguidade clássica. Platão e Aristóteles já tratavam da poesia e da prosa, ou dos três gêneros fundamentais, o lírico, o épico e o dramático, numa interpretação temporal em que o lirismo era responsável pelo presente e a categoria de recordação, o épico, pelo passado, e a categoria de apresentação e o dramático, responsáveis pelo futuro, tendo como marca a tensão.

Numa relação de actorialização, podemos dizer que, mediante o uso do lírico, temos a presença exclusiva do autor enquanto fala; no dramático, a presença da personagem; já no épico, as personagens e o autor têm igual direito à palavra. Essas concepções de gênero que vêm desde a antiguidade clássica podem estar na base das categorias temporais e actanciais da Semiótica narrativa greimasiana, tendo em vista sua relação com os aspectos temporais – presente, passado e futuro – bem como com o aspecto sujeito da enunciação, o que nos faz aludir a uma base para algumas teorias narrativas em evidência atualmente.

Assim, há uma distinção entre os tipos de textos, dada pela circunstância em que são pronunciados. Teríamos então aquele que é dirigido a um auditório; aquele em que se aconselha ou se dissuade; aquele que delibera, acusa ou defende; e aquele que elogia, repreende e versa sobre o cidadão. Isso nos faz referir a Bakhtin (1992, p.179) ao dizer que:

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam estão relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos de utilização dessa língua sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana [...] O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo temático e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua, os quais podem ser lexicais, fraseológicos e gramaticais, mas também composicional.

Para a Lingüística, pensar os estudos dos gêneros passa a ser uma constante a partir do momento em que os estudos da linguagem se voltaram para o texto e se abriram para além do texto literário, considerado até então como modelo a ser seguido. As bases de funcionamento de quaisquer textos ou ancoragens estão no estruturalismo, já que os estruturalistas se interessam pelas classificações, embora não atribuindo o devido valor ao heterogêneo ou, nas palavras de Barthes (1984, p. 16),

O estruturalismo, em virtude de seu método, dá uma atenção especial às classificações, às ordens, aos agenciamentos: seu objetivo essencial é a taxionomia ou modelo distributivo que se impõe fatalmente para toda obra humana, instituição ou livro, pois não há cultura sem classificação; ora, o discurso, ou conjunto de palavras superior à frase, tem suas formas de organização: ele é também classificação e classificação significativa; sobre este ponto, o estruturalismo literário tem um ancestral de prestígio, cujo papel histórico é, em geral, subestimado ou desacreditado por razões ideológicas: a Retórica, esforço de toda uma cultura para analisar e classificar as formas da fala, tornar legível o mundo da linguagem

Com Bakhtin, embora a base estrutural continue sendo a língua, a linguagem tem um caráter social; o texto, o enunciado é considerado como produto da interação social, de um funcionamento em que cada palavra é definida como produto das trocas sociais, sendo assim suscetíveis a mudanças, tendo em vista as transformações sociais, a organização e os sujeitos, “as modificações do lugar atribuído ao ouvinte” (BAKHTIN, 1992, p. 300-301). Dessa forma, as distinções entre uma tipologia e outra está marcada na materialidade lingüística.

2.1 Mídia impressa: o jornal e seus princípios de produção de sentidos

Para Charaudeau (2006) o gênero de informação midiático se caracteriza ou se define segundo o cruzamento entre um tipo de instância enunciativa, como o autor é identificado e o lugar que ele ocupa na sociedade. O modo como o discurso que vai depender do tratamento dado a notícia, relata o acontecimento, comenta e provoca e por fim, pelo tipo de dispositivo, ou seja, o suporte midiático (imprensa, rádio, TV ou computador), ou seja, as regras, o público e os efeitos se divergem de suporte para suporte.

Com o intuito de tornar um acontecimento em notícia, a mídia precisa primar pela organização do código. Dessa forma, um bom texto midiático deve buscar a inteligibilidade, a espetacularização e a visibilidade, características aliadas ao ineditismo, à improbabilidade, ao interesse, à empatia, à proximidade e à atualidade.

A inteligibilidade deve tornar a notícia clara, acessível a seu público, o que está associado à forma de apresentação do conteúdo, mediante os subgêneros (editorial, crônica, análise, charge, palavras cruzadas, entrevistas, etc.). A segunda, a espetacularização, vem para atrair a atenção do público, suscitando interesse e emoção, ou melhor, o enunciatário precisa se envolver com o enunciado, que além de mantê-lo informado naquele instante, também o

tornará cativo do meio de comunicação, principalmente pelo fato de o gênero midiático estar misturado a outros gêneros, exigindo uma denominação um tanto de divulgação científica. Ele facilita ao leitor o conhecimento científico mediante uma linguagem menos técnica e mais literária, que provoca, seja a vontade de modificar a sociedade, de combatê-la, de se evadir-se, de contemplá-la, o que até outrora era proibido para a mídia. A terceira característica do texto midiático, a visibilidade, regula a composição das páginas do jornal, as notícias, os desenhos, os gráficos, as titulações e as funções pelas quais a linguagem será enfatizada, precisando isso ser feito da forma mais ágil possível, tendo em vista a rapidez dos acontecimentos e a necessidade de provocar as mais diversas sensações nos leitores. O jornal deve proporcionar uma diversidade de assuntos com uma diversidade de recursos lingüísticos e semióticos, a fim de que o público tenha acesso a uma visão global das temáticas abordadas, tentando também produzir uma sensação de que os fatos ali relatados ou comentados são verdades inquestionáveis.

Quanto ao ineditismo, à improbabilidade, ao interesse, à empatia, à proximidade e à atualidade, referem-se ao novo, ao inesperado, ao envolvimento da notícia com as pessoas, isto é, ao grau de importância que a notícia tem para os interlocutores, que em muitos casos se identificam com ela, bem como a proximidade geográfica existente entre o órgão gerador da notícia e o enunciatário. Todas essas características são fundamentais no mundo do jornalismo impresso, até mesmo pelo tempo de vida que tem um jornal. Sua periodicidade vai desde o nascimento da notícia, momento em que o texto é publicado, até por volta das 22 horas, até a próxima edição, que normalmente é preparada às 22 horas do dia posterior.

Pertencente ao gênero jornalístico, o jornal impresso, segundo Hernandez (2006), conta com uma gama de linguagens, podendo ser considerado como sincrético: aquele que apresenta uma relação de duas ou mais linguagens no plano de expressão, com aplicação de várias linguagens de manifestação visual, escrita, oral e visual. Esses planos de expressão ou essas linguagens são combinadas, a fim de promover um efeito de sentido, uma imagem de que estamos diante de um “todo de sentido”, com base na intencionalidade dos enunciadores para com seus enunciatários. Para Hernandez (2006), no jornalismo impresso temos o tipo de papel, a tipografia, as cores das letras, as fotos, os subgêneros (primeira página, editorial, classificados, cadernos de esporte, etc), a ordem das notícias no papel e os espaços, que funcionam como elemento organizador nos jornais

Ainda de acordo com Hernandez (2004, p. 50), é no espaço de papel, claramente delimitado, repetido a cada edição, que se constrói um mundo de imagens e de palavras e são

encenados os valores em jogo. A abordagem de um texto composto por um grande número de unidades verbais e não-verbais deve levar em consideração a disposição espacial de cada uma, para se entender o que foi colocado como mais ou menos importante. O manejo das linguagens não acontece de forma ilógica nas páginas. Ele obedece a uma série de regras. É a diagramação que cria e determina padrões – como o corpo da letra, o número de colunas para as matérias utilizadas nas páginas, o tipo de posicionamento de fotos – e trabalha sobre eles.

Assim, o lugar onde os textos aparecem no espaço jornalístico determina o sentido esperado pelo enunciador, já que o jornal cria uma hierarquia, tendo em vista o efeito que se espera produzir, ou como se espera manipular o enunciatário, fazendo com que ele acredite no fato de que o acontecimento transformado em notícia é realmente o real. A rigor, pode-se dizer que o jornal constrói um simulacro do real, ou seja, aquilo que parece ser real e está sendo comunicado de forma transparente, objetiva não o é.

Para Hernandes (2004) um jornal impresso, na busca de ter poder, precisa ter competência de motivar o consumo e a difusão da notícia. Dessa forma um jornal deve conter as seguintes características: ineditismo, improbabilidade, interesse, empatia, proximidade e atualidade – características já enumeradas anteriormente.

O jornal *O Progresso*, suporte de nossa pesquisa, teve seu primeiro exemplar³ em 22 de fevereiro de 1920, editado pelo jornalista José Passos Rangel Torres, na cidade de Ponta Porã, outrora estado de Mato Grosso, onde circulou até 1930, precisando interromper suas tiragens em razão de ameaças feitas por inimigos políticos. O jornal retornou à circulação em 21 de abril de 1951, sob a direção de Weimar Gonçalves Torres, que, após se formar em Direito, torna-se o primeiro advogado de Dourados, sendo filiado ao Partido Social Democrático, trabalhando para levar o General Dutra à Presidência do Brasil e exercendo diversos cargos importantes, a exemplo de Promotor de Justiça, Diretor da Rádio Clube e Deputado Federal por Mato Grosso.

Casado com Adiles Torres do Amaral, Weimar Gonçalves Torres, em 1962 contrai sociedade com seu sogro, Vlademiro Muller do Amaral, o que proporciona a capitalização de recursos e a transição do *tablóide* a ao *standard*, com o implemento de fotografias.

Conforme Adiles Torres do Amaral, após a morte de Weimar Gonçalves Torres, vítima de um acidente aéreo em 1969, Vlademiro Torres do Amaral assume a administração do jornal que, de semanal passa a bissetimanal, trissetimanal, tornando-se diário em 1977, com

³ Informações obtidas mediante consulta à Rede ALCAR – Alfredo de Carvalho, ano 2, n. 21, 11 set. 2002, contando com a participação de pesquisadores da Universidade Católica Dom Bosco – UCDB. Vide site nas Referências desta dissertação.

impressão colorida. Diversos investimentos tecnológicos foram incorporados ao jornal (máquina *off-set* em 1979; uma impressora rotativa em 1985, com capacidade para 15 mil cópias/hora), o que contribuiu para tornar o jornal *O Progresso*, o mais antigo e respeitado meio de comunicação impresso sul-mato-grossense, que de 8 (oito) páginas passou a mais de 20, apresentando cadernos (Dia-a-Dia, Esporte, Caderno B, Política, Polícia, Economia, Cidades e diversos suplementos, como O Progressinho, Saúde, Educação e Rural).

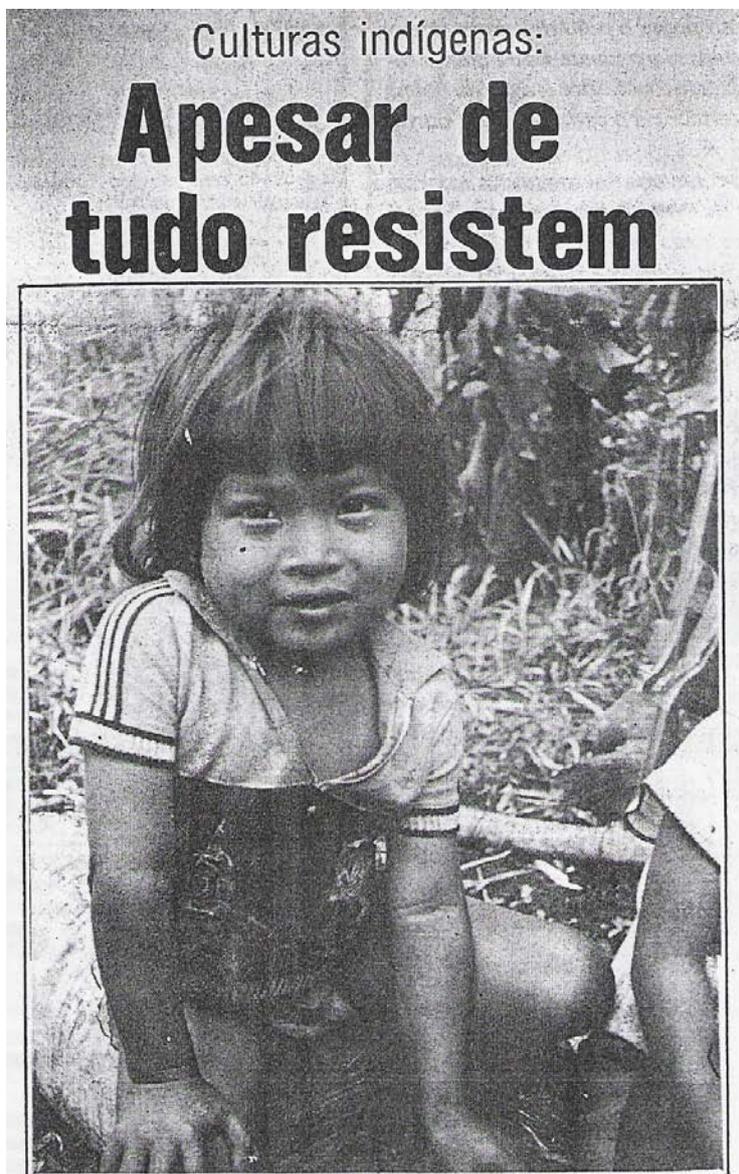
O jornal funciona em sede própria, na Avenida Presidente Vargas, n. 443, na cidade de Dourados, e é vendido diariamente, de segunda a sábado, em mais de 46 municípios de Mato Grosso do Sul, sendo também o primeiro jornal do estado a ter suas matérias publicadas *online*. Conta atualmente com a direção de Adiles Torres do Amaral, possuindo como slogan: “Pensamento e ação para uma vida melhor.”

Segundo o jornalista José H. Marques, *O Progresso* é a cara de Dourados, bem conservador, mas já não tem a mesma força que antigamente.

CAPÍTULO III

CULTURAS INDÍGENAS: APESAR DE TUDO RESISTEM

Neste Capítulo iniciaremos as análises das notícias selecionadas em *O Progresso*.



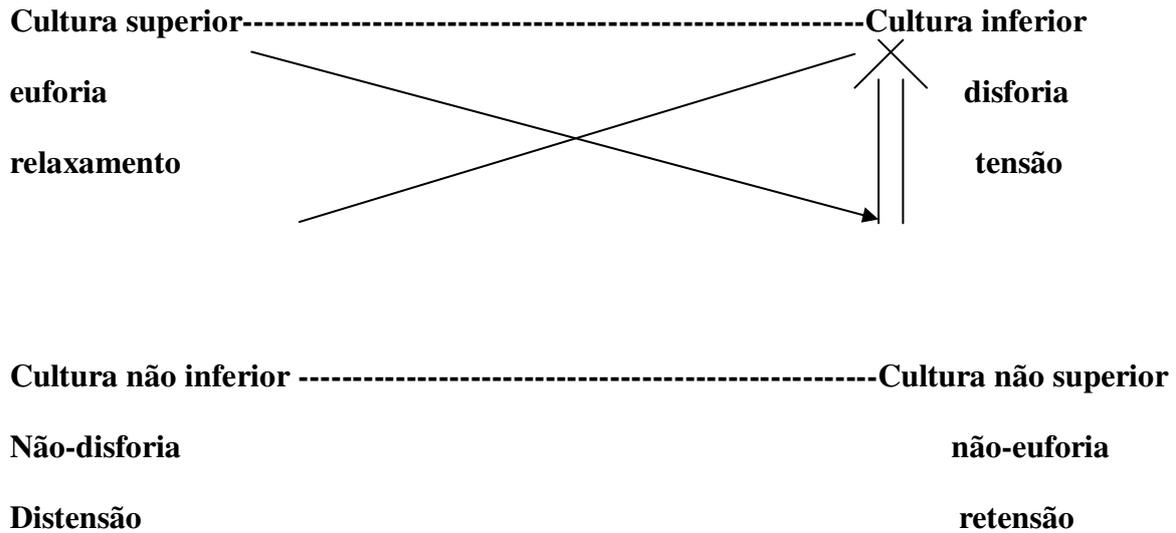
Criança Guarani Kaiova

Preguiçosos. Sujos. Atrasados. Bugres. É assim que a maior parte da nossa grandiosa “civilização cristã ocidental” se refere aos indígenas de nosso país. Para o povo “evoluído”, os índios são uma raça ruim, com uma cultura inferior, que atravancam o progresso e incomodam o bem-estar dos civi-

lizados. Por isso devem ser varridos de nosso quintal como um cancro cístico. No entanto, apesar disso, os povos indígenas resistem e sobrevivem cultural e fisicamente. Alguns, inclusive, até reivindicam sua indianidade sufocada. Veja texto da jornalista e indigenista Verônica Rossato, na última página.

3.1 - Nível Fundamental (Primeira Página)

Na chamada da notícia, Culturas indígenas: apesar de tudo resistem, como oposição de base temos cultura superior *versus* cultura inferior, ou conforme o quadrado greimasiano:



Cultura superior e cultura inferior são termos contrários, opositivos, cujos sentidos se estabelecem passando de uma cultura superior para uma negação, num processo que vai para a cultura não superior, numa atitude de retensão, ou seja, o questionamento do *status* de superioridade, o que se afirma ao ser mencionado por narradores que representam a visão do “povo civilizado”. A partir daí, há uma atitude de tensão, ou de disforia em relação à cultura, que se configura para o sujeito indígena como cultura inferior, o que provoca uma atitude de não-disforia, em busca de argumentos que levem à recuperação do *status* de cultura inferior, partindo para a cultura não inferior.

3.1.1 – Nível Narrativo

Para o texto Culturas indígenas: apesar de tudo resistem, temos, no plano narrativo, a presença de um sujeito manipulador que procura manipular os enunciatários a *crer* no fato de que os povos indígenas são “preguiçosos, sujos, atrasados, bugre”, para, dessa forma, numa

oposição que estabelece o sentido, atribuírem os valores de evoluídos ou trabalhadores aos não-indígenas, limpos, ocidentais, com cultura superior. Esta estratégia é adotada a partir do momento em que se utilizam de expressões do tipo: “indígenas incomodam o bem-estar e atravancam o desenvolvimento – um cancro-crítico”. Temos aqui a presença de um narrador que busca um interlocutor – o povo ocidental cristão – como uma voz coletiva que se institui, a fim de tornar o enunciado mais objetivo, mostrando que há um sujeito destinador manipulador responsável pelas ações dos indígenas, que nos manipula em relação ao pré-conceito frente aos indígenas. Há a presença aqui do interdiscurso de um narrador que critica a postura “religiosa” do destinador manipulador, responsável pelo preconceito dos não-indígenas.

Temos um sujeito civilizado que, ao ser manipulado pela visão cristã ocidental, busca um objeto – o indígena – a fim de adquirir um valor – o reconhecimento como ser superior e assim o faz agindo por meio das críticas.

Um sujeito indígena que está em disjunção com o objeto conhecimento e que, por esse motivo, é julgado pela sociedade com alguns valores *da preguiça, sujeira, atraso, bugre, raça ruim, com cultura inferior*, que atravanca o progresso e incomoda o bem-estar dos civilizados, precisa assim sofrer uma sanção: “serem excluídos de nosso quintal como um cancro-crítico”.

Em um segundo percurso narrativo, há um sujeito indígena, numa situação de tensão, que busca *poder fazer e crê saber fazer* por meio da resistência cultural e física, reivindicando sua indianidade sufocada. O sujeito indígena busca nos objetos cultura e físico valores da indianidade sufocada pelo sujeito manipulador – a sociedade civilizada. Esses objetos no texto podem ser considerados como os artigos do jornal, que vêm como um objeto de combate, a palavra de um sujeito indigenista e jornalista. Há um enunciador que tenta convencer o enunciatário, por intermédio da voz do próprio jornal, a chamada para os textos da jornalista e indigenista, de que os indígenas não são o que o sujeito manipulador, a sociedade ocidental, criou e espalhou: “Veja texto da jornalista e indigenista Veronice Rossato.”

Assim, podemos dizer que o percurso narrativo se configura da seguinte forma:

PN1. [S1 → O1 – INDIO → Valores de sociedade civilizada]

Um sujeito não-indígena que busca o objeto indígena e por meio da crítica procura alcançar o valor de *status* de civilização.

Em outras palavras, há uma narrativa (o percurso narrativo) que se constrói sob a ótica do não-indígena, com o intuito de depreciar a imagem do índio, a fim de provar, na voz do

não-indígena instaurada no texto, uma estratégia interdiscursiva, a incorporação do discurso figurativo ou temático do discurso do “civilizado” presente no texto em análise. O enunciador instaura um narrador e um narratário, a fim de manipular o interlocutor por intermédio da provocação, numa disforia do indígena para alcançar a euforia do não-indígena e atribuir civilidade a este último, ou seja, a procura do valor civilizado se dá por meio da negação no outro do aspecto civilizado, em uma identidade que se constrói pela diferença, conforme afirma Lopes (1997).

Quanto ao plano narrativo 2, temos:

PN2. [S1→ O1 – não-indígena (jornal) → S2.→ V (Indianidade)]

Um sujeito indígena que busca um objeto, o não-indígena, presente na voz da indigenista e jornalista Veronice Rossato, no jornal *O Progresso*, a fim de atingir, pôr o sujeito não-indígena numa situação de disforia e adquirir a indianidade, ou melhor, resgatando a identidade indígena pela voz de um profissional não-indígena, que fala por ele. Nesse percurso, provoca-se uma crítica implícita quando, por meio de uma intencionalidade marcada pelas expressões “É assim que a maior parte da nossa grandiosa civilização cristã ocidental” ou “povo”, provoca-se o sentido contrário: aquele que quer ser civilizado não tem o poder para o ser. Não é. Há implícita uma negação do *status* de homem civilizado por meio do plano narrativo 2 (PN2) e uma afirmação da transformação do indígena ao mencionar que o sujeito índio acredita ter o *poder fazer*, por intermédio do *objeto* reivindicação, a fim de alcançar os valores de civilização física e culturalmente.

3.1.2 - Nível Discursivo (Categoria de Pessoa)

No que se refere à última etapa do percurso gerativo do sentido, em que à narrativa são dados um ou vários sujeitos, um tempo, um espaço, objetos, destinadores, investimentos semânticos, o enunciador instaura a voz dos defensores da causa indígena, do índio e do não-índio numa heterogeneidade implícita. “Apesar de tudo resistem” remete ao discurso dos “civilizados”, numa perspectiva de suspense. Faz-se uso da heterogeneidade mostrada ao mencionar “preguiçosos, sujos, atrasados, bugres”, ou por meio dos recursos lingüísticos das aspas, que marcam mais objetivamente o enunciado, a voz dos não-indígenas como uma

forma de elevar à categoria de “verdade” a postura dos não- indígenas, a fim de contestá-las com maior veemência.

Há a presença da voz do enunciador, atuando como um mediador entre as partes, deixando claro o peso das ofensivas promovidas pelos não-indígenas aos indígenas: “Apesar de tudo resistem” e “Alguns, inclusive até reivindicam sua indianidade sufocada”, o que permanece sufocado pelo fato de ao indígena não ser dada a palavra. Há quem fale por ele, defenda suas causas, mas não é dada a voz a ele, a fim de que fale. O que se percebe é uma construção que, embora em prol do indígena, marca uma certa insegurança, um tom de generalidade, de que em qualquer lugar será assim; é a fala do enunciador em relação às conquistas dos indígenas na defesa de sua valorização e resgate da indianidade.

Embora o enunciador busque o narrador para apresentar o discurso daqueles que se dizem “civilizados” e busque também a voz dos que lutam pelas causas indígenas, enquanto a primeira se apresenta, embora de forma irônica como a “maior parte da nossa grandiosa civilização cristã ocidental” e “povo evoluído”, de forma a reproduzir a palavra dos não-indígenas, a última se apresenta por meio de outras vozes que não são as indígenas; é a jornalista, é a indigenista, e não se apresenta nenhuma pista acerca desse conteúdo. Além disso, isso está na última página e o indígena é apresentado, inicialmente, como “alguns” em “alguns, inclusive, até reivindicam sua indianidade”, numa indefinição que pode criar um simulacro da ausência de argumentos acerca das ofensivas realizadas.

3.1.3 -Categoria de Tempo

Quanto ao aspecto temporalização, podemos dizer que no texto é marcante a presença do presente histórico: “resistem”, “se referem”, “são”, “atravancam”, “devem”, “resistem”, “sobrevivem”, a fim de marcar uma verdade incontestável para os acontecimentos, uma proximidade com a enunciação, o que vem reafirmado na relação sincrética dos textos com a foto da criança mais próxima e com sua expressão de felicidade e cheia de vida.

3.1.4 -Categoria de Espaço

No que se refere ao aspecto espacialização, temos a primeira página do jornal *O Progresso*, local de maior importância e máxima valorização espacial, sem contar com o fato de a chamada estar abaixo de uma outra chamada também relativa aos indígenas e a presença de uma foto, de tamanho mediano, de uma criança em seu habitat.

3.1.5 -Tematização e Figurativização

Quanto às formas, às categorias semânticas que são disseminadas, de modo abstrato, tematização e, de modo concreto, figurativização, podemos dizer que o texto *Culturas indígenas: apesar de tudo resistem* faz uso de estruturas temáticas e figurativas. Temáticas na medida em que menciona abertamente a posição dos não-indígenas em relação aos indígenas. Figurativo na medida em que faz uso da foto, da apresentação do discurso do narrador acerca dos indígenas e da atitude de resistência dos adeptos das causas indígenas, no que se refere ao artigo publicado no jornal pela indigenista e jornalista Veronice Rossato.

Por meio dessa observação, percebe-se que o texto faz uso mais do nível figurativo que do temático, o que nos leva a crer numa tentativa de nos remeter ao mundo perceptível, ou, conforme observa Hernandez (2006, p.12), os textos figurativos servem para que o enunciador faça crer que um pedaço da realidade que ele recortou é a própria realidade, “[...] criando um efeito de objetividade.” Isso nos permite, então, dizer que o enunciador busca a adesão do enunciatário para o embate de culturas e a opressão sofrida pelos indígenas, em razão da não aceitação por parte dos ditos “civilizados”.

3.1.6 - Plano de Expressão

Partindo para o plano de expressão, as várias formas, suporte ou o semi-simbolismo, cuja mudança muda o sentido ou o plano do conteúdo, podemos começar pela tipografia do

título da manchete. As letras são negritadas, o que denota um tom de peso, indignação; há também a posição, ou aspecto topológico, aquela que diz respeito à posição que ocupa a notícia no jornal, remetendo-nos a uma noção de mais ou menos valor. Dessa forma, embora essa notícia esteja na primeira página e abaixo das primeiras notícias, encontra-se ao lado e acima das informações do mercado financeiro, como se a cultura estivesse numa relação de mercado, no jogo entre o que vale menos e o que vale mais na cultura ocidental, ou como se o indígena estivesse perdendo seu valor, o que fica evidente com a expressão Culturas indígenas grafada em letras finas, marcando a perda de sua individualidade. Essas são estratégias dignas de primeira página, cuja intencionalidade é promover a tensão e chamar a atenção com arrebatamento e sustentação.

3.2 - A causa indígena (Editorial)

A causa indígena

Hoje, 19 de abril, é o Dia do Índio. A questão indígena tornou-se polêmica nos últimos anos, sobretudo no plano internacional, devido as pressões do primeiro mundo sobre o Brasil por causa da destruição irracional do meio-ambiente, do qual o Índio, obviamente, faz parte. Os conflitos gerados com o problema dos garimpos na Reserva Yanomami, e as questões mais próximas da realidade local, como a exploração dos índios nas frentes de corte de cana, a irresponsabilidade na venda de bebidas alcoólicas aos nativos da reserva e os consequentes atropelamentos na rodovia que demanda a Itaporã, sempre no horário noturno, são fatos que mostram bem o descaso com a preservação daqueles que são os primeiros habitantes do planeta e possuem uma cultura forte, evoluída a tal ponto que muitos brancos não conseguem entendê-la e por isso a ignoram.

Se não fossem os grupos de apoio aos índios que surgiram nos últimos tempos, como o Conselho Indigenista Missionário (Cimi), ligado a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), a solidariedade de ambientalistas, artistas e de intelectuais que acordaram a tempo, antes que os indígenas fossem totalmente dizimados, talvez eles estivessem em pior situação. O próprio projeto Mata Virgem, iniciativa do cantor inglês Sting que veio ao Brasil conhecer de perto a realidade do setor e depois levou o cacique Raoni, símbolo da resistência indígena, a tirá-lo para uma turnê de shows no mundo e contatos com dirigentes políticos dos países mais desenvolvidos para angariar fundos para o projeto, visando com isso a demarcação de reservas e programas de saúde, hoje causa certa dúvida sobre seus objetivos porque até agora não se foi, efetivamente, divulgado às claras sobre o destino dos recursos obtidos.

Os índios sempre foram explorados e massacrados pela utopia do progresso indiscriminado. As inúmeras discussões que se promoveram até agora pareceram inúteis no campo prático, e agora as atenções se voltam para o que o presidente Fernando Collor de Mello, tido como homem de pulso firme, fará em relação a lastimável e vergonhosa situação do índio brasileiro. O seu encontro repentino com índios da Reserva Yanomami, logo nos primeiros dias do seu Governo, e a sua ordem para destruir as pistas de aviões clandestinas existentes naquela região, parece que tiveram mais o efeito de desviar as atenções. Sim, mesmo porque o seu discurso, junto aos garimpeiros, foi ambíguo, e o presidente na realidade não tomou posição. A indicação do ecologista José Lutzenberger para a Secretaria do Meio Ambiente da Presidência da República, teve uma repercussão positiva internamente e no exterior, mas até agora ainda não se definiu uma política realista e que realmente levasse em consideração o lado indigenista.

Esta questão na verdade, é uma questão de cultura, mas sempre os interesses econômicos sobrepõem à razão, infelizmente. Espera-se que o Dia do Índio sirva, pelo menos, para uma reflexão profunda sobre a situação desses primeiros habitantes e legítimos brasileiros que souberam, com o tempo, conviver harmonicamente com a Natureza sem destruí-la. Conseguiram cultivar costumes, hábitos, línguas, maneiras e cantos que sobreviveram há dois anos e com isso alcançar um estágio de evolução espiritual pouco comum nos homens brancos. E mesmo assim eles são tratados com desprezo. Até quando tudo isso continuará

3.2.1 - Nível Narrativo

O sujeito destinador busca o sujeito não-indígena que, por meio do objeto indígena representando o meio ambiente, cria um simulacro de apoio à causa, mas cuja intenção implícita é o alcance de um valor de auto-promoção – por meio do capital – já que os indígenas são explorados pelo sujeito não-indígena tanto nos aspectos políticos quanto no socioeconômico: “exploração dos índios nas frentes de cortes de cana, no problema dos garimpos”, nas reservas, na venda de bebidas alcoólicas aos nativos e no descaso com a preservação – esta última uma palavra que carrega um aspecto semântico de animal que está em extinção.

Para esse percurso narrativo, o sujeito manipulador-destinador – a sociedade capitalista – promove um contrato fiduciário entre o sujeito não-indígena e o sujeito indígena, no qual consta ser o sujeito indígena o membro de uma sociedade não evoluída, razão pela qual o sujeito enunciador frisa, pelo menos duas vezes, que o indígena possui uma cultura forte e evoluída. Uma afirmação que instaura a oposição, ou seja, o indígena é aquele que não gera divisas para a sociedade capitalista, por cultuar valores não capitalistas, o que leva o sujeito destinador manipulador a julgar o indígena negativamente, gerando o desprezo e a indiferença: “[...] os primeiros habitantes do planeta e possuem uma cultura forte, evoluída a tal ponto que muitos brancos não conseguem entendê-la e por isso a ignoram”; ou: “[...] desses primeiros habitantes e legítimos brasileiros que souberam, com o tempo, conviver harmonicamente com a natureza sem destruí-la. Conseguiram cultuar costumes, hábitos, línguas, maneiras e cantos que sobrevivem há dois mil anos e com isso alcançar um estágio de evolução espiritual pouco comum nos homens brancos. E mesmo assim eles são tratados com desprezo”.

Outro aspecto implícito nessa fala alude à afirmação de que os indígenas são os donos, os proprietários das terras brasileiras – os primeiros habitantes – o que nos remete às avaliações negativas, com o intuito de qualificá-los como seres desprovidos de capacidade para evoluir. Um recurso argumentativo em defesa da dominação do homem não-indígena e capitalista. Há aqui uma inversão de valores, pois enquanto os primeiros habitantes têm direito à posse e à exploração de suas áreas, se o sujeito não-indígena não interferisse, aqueles homens não teriam acumulado capital e sim, cultura. Não teríamos uma sociedade do ter, mas sim do ser. E o que configura a sociedade capitalista é o ter, especialmente no aspecto financeiro. O capitalismo confere ao sujeito destinador manipulador a idéia de que pode julgar

a ação do indígena de cultivar o passado como algo negativo e ainda o poder de utilizar o sujeito indígena como objeto para alcançar os valores capitalistas, ignorando o indígena.

Dessa forma, o destinador, para modalizar a ação dos níveis fundamental, cuja oposição está em sociedade do ser *versus* sociedade do ter, ou em valores culturais e valores materiais, apresenta o percurso de um primeiro mundo que busca o objeto Brasil, a fim de adquirir o valor preservação.

Os comentários sobre a presença do cantor Sting com o projeto Mata Virgem, que leva o cacique Raoni para uma turnê, a fim de angariar fundos para o projeto, visando à demarcação de reservas: “que hoje causa certa dúvida sobre seus objetivos porque até agora não se foi efetivamente, divulgado às claras sobre o destino dos recursos obtidos ou as ações de Collor enquanto presidente da República que manda destruir as pistas de avião clandestinas daquela região”, parece ter mais o propósito de desviar a atenção da indicação do ecologista José Lutzemberger para a Secretaria de Meio Ambiente, pois não levou em consideração o lado indigenista. Esses fatos são citados pelo destinador, a fim de aludir à falta de compromisso por parte da sociedade em relação aos indígenas, que não são valorizados ou apenas são usados para promover os não-indígenas, seja com fins lucrativos, ou não.

Ao lermos o texto, temos: sujeito indígena em disjunção com o objeto preservação no plano da necessidade existente ou imposta pela sociedade moderna de preservar a si mesmo, o indígena, pois acaba sendo considerado um problema social.

Por outro lado, também percebemos um sujeito não-indígena em disjunção com o objeto – o índio – em busca do valor – *status*, equilíbrio financeiro –, enquanto o sujeito – o indígena – está em disjunção com o objeto – a terra –, a fim de adquirir o valor – *status*, equilíbrio financeiro –, mas está em conjunção com o objeto – terras, bens – com o intuito de conquistar o valor – tradições, valorização dos costumes – segundo o destinador e seus destinadores. Aqui verificamos a presença de um sujeito – o indígena – que é também, em outra circunstância, o objeto e um objeto modal – a terra – que é responsável por dois valores diferentes.

Essas diferenças repercutem na realização das performances, pois os sujeitos têm competências que se diferem, já que os valores são variados em ambos os lados. Enquanto o indígena é movido pela competência do *querer*, do agir sobre o objeto (o território) para adquirir os valores do culto às tradições, num primeiro momento sua sanção é dada

negativamente à luz da sociedade moderna, por não ter o querer e nem o poder de fazer com que seus territórios produzam o valor capitalista.

Assim, o sujeito não-indígena, diante do contrato fiduciário estabelecido entre ele e o sujeito destinador manipulador, vê-se modalizado pela competência do *querer* e do *dever* para *fazer* uso do objeto indígena e seus bens, com o fito de gerar recursos financeiros, achando-se capaz, ou seja, achando-se com o saber e o poder para fazer, já que o indígena não o faz por não valorizar os mesmos valores ou por não os considerar como principais, ou mesmo por fazer a sociedade acreditar que ele, o indígena, não tem *o saber* e *o poder* para tais ações.

Para que o sujeito destinador manipulador alcance o resultado esperado através da ação do sujeito, aquele busca manipular este por meio de intimidação, ou seja, se vocês não agirem conforme nossos anseios, ou da mesma forma que agimos, vocês serão destruídos ou, também, se você, sujeito não indígena, não explorá-lo, não iludi-lo, não desviar a atenção, não promover o simulacro de bom, de militante da causa indígena, você não usufruirá dos valores capitalistas, ou seja, é preciso ser contrário à valorização da cultura, da tradição para ser competente no mundo capitalista – acumular bens.

Por outro lado há, inserido no texto, um destinador manipulador contrário aos ideais do destinador manipulador – a sociedade capitalista –, ou um contra – destinador manipulador – o qual sanciona positivamente a ação do sujeito indígena que valoriza, cultua os valores espirituais, humanos: “conseguiram cultuar costumes, hábitos, línguas, maneiras e cantos que sobrevivem há dois anos e com isso alcançar um estágio de evolução espiritual pouco comum nos homens brancos.” Esse destinador manipulador II busca manipular a ação dos sujeitos não-indígenas e para isso busca provocá-los (último parágrafo).

Frente a esses sujeitos e percursos narrativos, temos um universo semântico de euforia e disforia. Euforia em relação às ações dos indígenas de cultuarem as tradições e de disforia em relação à atitude dos sujeitos não-indígenas que, numa atitude de hipocrisia, se aproximam com outros fins, diferentes da prestação de assistência ou de apoio aos indígenas.

O que predomina nos textos é a atitude de disforia em relação às atitudes dos sujeitos não-indígenas.

3.2.2 - Nível Discursivo (Categoria de Pessoa)

A fim de produzir efeitos de sentido, o texto constrói um sujeito responsável pela enunciação, o enunciador, que busca a inserção de outras vozes, com o intuito de provocar efeitos, sejam eles de proximidade, distanciamento, objetividade, ou de subjetividade, o que está na perspectiva enunciativa e enunciva.

No texto *A causa indígena*, o destinador instala a voz do interlocutor cientista político: “[...] no plano internacional pressões do primeiro mundo sobre o Brasil por causa da destruição irracional do meio-ambiente, do qual o índio, obviamente, faz parte.”; do antropólogo: “Os índios sempre foram explorados e massacrados pela utopia do progresso indiscriminado.”; e do político: “O presidente Fernando Collor de Mello, tido como o homem de pulso firme fará em relação à lastimável e vergonhosa situação do índio brasileiro [...] logo nos primeiros dias do seu Governo [...] o presidente na verdade não tomou posição [...] mas até agora ainda não se definiu uma política realista.”

Esses actantes são ocultados – no uso da 3ª pessoa – em uma relação de distanciamento, ou imparcialidade, mas isso também nos remete à objetividade com os fatos, tanto no que se refere aos indígenas quanto às pessoas envolvidas ou instauradas para o diálogo.

Um narratário está implícito no texto à medida que a imagem é construída pelo enunciador, o que ocorre quando, no texto, temos a presença de um sujeito que valoriza e respeita o indígena como alguém que tem suas semelhanças e diferenças, assim como a de autoridades que os tratam como se estivessem brincando de governar o País.

3.2.3 - Categoria de Tempo

O momento de referência do texto é a data do dia 19 de abril de 1990, o dia do Índio. Há um retrospecto do momento da enunciação: “[...] tornou-se polêmica nos últimos anos” e “Últimos tempos”. Há um passado histórico, a fim de enfatizar a descrição e a acepção de realidade e concomitância, frequência no mesmo tempo da enunciação: “São fatos que mostram bem o descaso com a preservação daqueles que são os primeiros habitantes do

planeta e possuem uma cultura forte, evoluída a tal ponto que muitos brancos não conseguem entendê-la e por isso a ignoram.”

No segundo parágrafo há o predomínio do uso de verbos no pretérito imperfeito e no subjuntivo, marcando uma ação que está definida como tal, acabada.

3.2.4 - Categoria de Espaço

Além do espaço editorial (ver análise do nível fundamental), temos os lugares dos projetos, que tudo leva a crer que não sejam espaços, por serem ações que não têm efeito durativo – fixo. Há o discurso do governo contrapondo-se ao espaço dos conflitos e da exploração que têm efeito contínuo: “A questão indígena tornou-se polêmica nos últimos anos, sobretudo no plano internacional, devido as pressões do primeiro mundo sobre o Brasil por causa da destruição irracional do meio ambiente, do qual o índio, obviamente, faz parte...as questões mais próximas da realidade local, como a exploração dos índios nas frentes de corte de cana [...] o próprio projeto Mata Virgem, iniciativa do cantor inglês Sting [...] As inúmeras discussões que se promoveram até agora pareceram inúteis no campo prático, e agora as atenções se voltam para o que o presidente Fernando Collor de Mello [...] mas até agora ainda não se definiu uma política realista e que realmente levasse em consideração o lado indigenista.”

Ao utilizar o verbo no presente, a fim de marcar o tópico de maior relevância ao enunciatário, mostra-se o choque entre cultura do ser *versus* cultura do ter: “Esta questão na verdade, é uma questão de cultura, mas sempre os interesses econômicos sobrepõe à razão, infelizmente. Espera-se que o Dia do índio sirva, pelo menos, para uma reflexão profunda sobre a situação desses primeiros habitantes e legítimos brasileiros que souberam, com o tempo, conviver harmonicamente com a Natureza sem destruí-la. Conseguiram cultivar costumes, hábitos, línguas, maneiras e cantos que sobrevivem a dois mil anos e com isso alcançar um estágio de evolução espiritual pouco comum nos homens brancos. E mesmo assim eles são tratados com desprezo.”

Outro espaço que merece menção é o espaço do meio de comunicação jornal *O Progresso* que, por meio do editorial, assume a posição de alguém que não partilha das ações promovidas pela sociedade moderna.

3.2.5 - Tematização e Figurativização

Outro fator de enriquecimento da narrativa, além do aspecto temporal, pessoal e de espaço, é a cobertura figurativo-concreta dada ao texto e a cobertura temático-abstrata. No texto *A causa indígena*, podemos perceber o uso da cobertura figurativa utilizada pelo enunciador que elabora um encadeamento de ações, tanto sociais, políticas quanto religiosas, com o fito de usufruir do objeto indígena para conquistar os valores de *status* e riqueza.

Percebemos que o texto constrói-se em dois planos: primeiro o figurativo, na seqüência de ações de entidades, e segundo a presença ou a voz do interlocutor que apresenta no último parágrafo uma interpretação das ações enumeradas anteriormente: “Esta questão na verdade é uma questão de cultura, mas sempre os interesses econômicos sobrepõem à razão, infelizmente [...] Até quanto tudo isso continuará acontecendo?” Esses recursos de concretização do sentido remetem-nos à representação do mundo, àquilo que acontece na prática, enquanto o figurativo alude àquilo que é, o que se confirma com o uso do discurso indireto, em que o discurso citante vale mais do que o discurso citado; é aquilo que se fala *versus* aquilo que se faz.

Quanto à polifonia, ela se faz presente à medida que o enunciador busca o discurso dos países de primeiro mundo, dos ambientalistas, dos antropólogos e dos políticos, o que nos remete tanto a um distanciamento quanto à objetividade.

3.2.6 - Plano de Expressão

No que concerne às estratégias do plano de expressão, temos, quanto à categoria topológica, o editorial, aquele que reflete ou representa a opinião do jornal acerca da temática

indígena apresentada no dia 19 de abril, o dia do Índio, na Seção Política, na formação de opinião.

Quanto à categoria cromática, temos o título da Seção Política e o título do editorial, A causa indígena, procurando marcar, a partir das iniciais em maiúsculo e o restante em minúsculo, com letras em negrito, mas mais grossas, a ênfase no grau de valorização, de importância para o caso, o que reforça ou presentifica a necessidade de pensar e repensar, isso com o da letra *Times* com serifa.

3.3. Travesti é encontrado morto a tiros e índio suicida-se (Primeira Página)



3.3.1 - Nível Fundamental

Como categoria de base, ou estrutura fundamental presente nesse texto, temos violência social *versus* paz, numa oposição de valores entre comércio e residências vistos

positivamente *versus* estabelecimentos destinados a diversão, clubes e o convívio em sociedade vistos negativamente.

À medida que a cidade de Dourados voltou a ser violenta, isso nos indica que ela, em algum momento, deixou de ser. Há uma euforização do trabalho da polícia e uma disforização das ações do povo quando em sociedades mais complexas.

3.3.2 - Nível Narrativo

Embora esteja em primeira página, e com fundo negro, em primeira chamada, a notícia Travesti é encontrado morto a tiros e índio suicida-se tem o intuito de despertar o interesse dos enunciatários para a barbárie cometida entre as classes marginalizadas da sociedade e a necessidade de se tomar providências. Há aqui uma estratégia de tensão: um sujeito índio que busca o suicídio para alcançar o valor que fica indefinido na chamada.

No *lide* há a pretensão de um efeito de suspense, à medida que o enunciador fala da queda dos furtos, deixando para mencionar a morte do travesti a tiros e “no dia seguinte, na reserva indígena um silvícola praticou suicídios através do enforcamento”, por último, sem apresentar maiores detalhes. Dois sujeitos são apresentados na chamada mediante o uso do artigo indefinido – “um travesti” e “um silvícola” – o que não acontece no título da chamada com o de “Travesti é encontrado morto”, cujo intuito é o de criar o suspense: que travesti? Como? Quando?

Um sujeito, S1(índio) → o que, por meio do (objeto: enforcamento) busca alcançar um → valor (?), sendo julgado negativamente pelo sujeito destinador ao dizer que: “O final de semana em Dourados voltou a ser violento”, o que também, por meio da forma verbal “voltou”, remete a algo que já ocorreu em outro momento em oposição ao acontecimento que vira notícia.

Enquanto para o travesti temos um sujeito em disjunção com o objeto vida, por intermédio da ação de um sujeito indeterminado, na manchete, o que se refere ao suicídio indígena, mostra um sujeito índio que também está em disjunção com a vida, mas que atua como sujeito que pratica a ação de se matar, o suicídio, pelo objeto enforcamento, para alcançar um valor que no texto não é mencionado.

3.3.3 - Categoria de Pessoa

Da forma que é construído o enunciado, na voz passiva, “Travesti é encontrado [...]” e “Índio suicida-se [...]”, no primeiro temos a voz passiva analítica, em que travesti exerce a função de agente da passiva, como numa tentativa de apontar para uma explicação, uma tentativa de interpretar, buscar uma resolução para o crime. No segundo, observamos uma voz passiva sintética, seguida de um reflexivo recíproco, “a si próprio”, o que marca um posicionamento diferente em relação ao índio e ao travesti no que se refere à ação. O primeiro sofre a ação de um sujeito que não se define no texto, mas, por estar o primeiro na posição de agente da passiva, alude-se a uma participação à parte, à busca de uma causa que possa justificar o assassinato, uma provocação para a possível análise do que levou ao crime. Já a ação do sujeito índio é construído na voz passiva sintética, o que evidencia a ausência de análise, já que as causas do suicídio para a sociedade são desconhecidas. Desconhecimento este um tanto misterioso, o que não ocorre com a morte do travesti, cuja causa pode ser evidenciada por uma análise não muito aprofundada. Daí a intencionalidade presente no uso da voz passiva analítica, ou seja, sujeita a uma análise, mas que por si já apresenta um sujeito que, embora enunciado na voz passiva, apresenta-se como agente.

O texto está em 3ª pessoa, ressaltando a ausência de um sujeito, já que a 3ª pessoa é uma forma de eximir a predicação de um dos agentes da enunciação enquanto sujeito que tem seu papel social estabelecido no enunciado. Por meio da 3ª pessoa temos uma correlação de impessoalidade e objetividade, ainda mais pelo fato de o discurso utilizado ser o indireto. A busca de um apagamento das marcas dos sujeitos envolvidos na notícia.

Por se tratar de assuntos de morte, as vozes que são instauradas são as dos policiais, que fazem um balanço dos acontecimentos policiais na cidade. Tudo nos leva a crer em um enunciador que busca um narrador, um repórter policial, a fim de abordar os fatos.

3.3.4 - Categoria de Espaço

Além do espaço da primeira página, na primeira chamada do jornal, numa perspectiva de atribuição de maior importância, valorização e ainda com fundo negro, a fim de realçar a chamada como carregada de seriedade, temos presente no texto o espaço de um jornalista

policial, já que o enunciador é alguém que obteve as informações de fontes policiais e as projeta no texto.

3.3.5 - Categoria de Tempo

Estão projetados os tempos: “final de semana”, “sábado” e “no dia seguinte”, construídos mediante a embreagem enunciativa, ou seja, não definindo explicitamente a noção temporal dentro do texto. Há uma marca temporal mediante locuções adverbiais de tempo e a presença de verbos no pretérito perfeito, em uma ação que se iniciou e terminou: as ações de sujeitos que em outros momentos aparecem indefinidamente.

3.3.6 - Plano de Expressão

Quanto aos recursos do plano de expressão, começando pelo aspecto topológico, podemos dizer que uma das estratégias utilizadas é a posição ocupada pela notícia – a primeira chamada da primeira página (estratégia de arrebatamento, de tensão), o que se fortalece a partir da tipografia adotada (letras finas, na cor branca), com a categoria cromática – fundo preto, aludindo a uma tragédia. Outro recurso que contribui para esse realce intencional é o fato de no texto termos a presença de verbos no presente: “é encontrado morto a tiros e índio suicida-se”.

3.4 – Travesti é encontrado morto a tiros e índio pratica suicídio (Seção Polícia)

Travesti é encontrado morto a tiros e índio pratica suicídio

em Dourado, com a atendimento enquanto residências gradativa-uma pes- do 1º DP um travesti tiros no sã- na reserva praticou orçamento. verificados le, enquan- de Opera- ou a prisão de Doura- não esclai-

recidos, foi assassinado com vários tiros de revólver pelo corpo, o travesti Nilson Rodrigues, que tinha 19 anos, solteiro, sem ocupação e residência definida, conforme boletim de ocorrência.

O corpo do travesti foi localizado por populares, caído, entre as ruas Oliveira Marques e Zizido Pedroso, imediações do conjunto residencial Caietés, por volta das 20 horas de sábado.

ENFORCADO
No domingo à tarde, também por motivos desconhecidos, o silvícola Felipe Benites, 15 anos, que morava na reserva Bororó, praticou suicídio, se enforcando com uma corda. Seu corpo acabou sendo

encontrado por sua irmã, Rosa Benites, num matagal perto da casa.

Na delegacia ela contou que o garoto ficou durante toda a manhã na residência, e já no período vespertino, encaminhou-se até uma mata nas proximidades. Como ele demorasse muito, Rosa saiu à sua procura e o encontrou já sem vida, pendurado numa árvore, através de uma corda e ajoelhado.

FERIDO A TIROS
No domingo à noite, em frente ao clube conhecido por Forrózão, foi ferido a balas o elemento Domicio José dos Santos, 20 anos, morador no Parque das Nações. Segundo seu pai, Domicio estava

no local, quando um desconhecido sacou de um revólver e disparou vários tiros, acertando-o. Ferido, ele foi encaminhado em estado grave ao Hospital Evangélico.

Num posto de gasolina local, um indivíduo conhecido por Edinho, com um revólver, depois de ameaçar várias vezes Abílio de Oliveira, que mora à rua Maria da Glória e trabalha para um candidato a deputado estadual, acabou por ferir-lo com um revólver, atingindo seu pescoço.

ESFAQUEAMENTO
Marcos Martins Ferreira, também conhecido como Alemão, 20

anos, residente à rua Plauí, foi lanchado no Figueira II, e por volta de 22:40 horas, acabou discutindo com um desconhecido, entraram em luta corporal e foi esfaqueado no tórax.

Enquanto isso, Paulo Miranda, participava no domingo à noite de uma festa no ginásio de esportes do Clube Atlético Douradense, quando surgiu uma confusão. Na desavença, ele foi ferido a golpes de faca na mão.

LADRÃO PRESO
Já policiais do Grupo de Operações de Fronteira, no sábado, por volta das 15h, após alertados

por populares, efetuaram do ladrão Davi Rodrigues, 21 anos, que mora na Ponta Grossa, 4860, no B. perança, que tentou furtar Sabongl.

Ele chegou na loja solicitou a uma vendeta mostrasse algumas con pulseiras de ouro, e num q Davi Rodrigues apodero três caixas com jóias e rendo. Foi dado o alerta e res acabaram detendo o i que passou para o GOF riormente autuado em flagr policiais plantonistas do 1

23 previsões feitas por Maria

3.4.1 - Nível Narrativo

O texto pertence à tipologia textual da manchete policial, gênero jornalístico, com o título “Travesti é encontrado morto a tiros e índio pratica suicídio”. No primeiro caso verificase uma ação praticada por terceiros – passividade em relação ao travesti – e no segundo uma ação praticada pelo sujeito contra si mesmo – o que espera uma reflexão em relação ao indígena.

A manchete também traz o sujeito indígena que busca um *objeto modal* – corda para adquirir o *valor* morte –, passando de um *estado* para uma *transformação*. Um sujeito que num primeiro momento estava em conjunção com a vida, mas que passa por um estado de amargura, por acreditar não *poder ser*, não ter a *competência* ou o *poder saber*, o que o faz partir para um estado de transformação mediante o *querer ser* por meio do enforcamento, com o *objeto* modal corda. Assim estará em conjunção com o objeto de valor – a morte – por desacreditar em si próprio. Esse mesmo sujeito assim o faz por saber que sua ação de não poder ser é considerada, é sancionada negativamente pelo destinador manipulador – a

sociedade. A narrativa deixa evidências de que a ação ocorre por um querer do sujeito indígena que “encaminhou-se até uma mata nas proximidades.”

3.4.2 - Categoria de Pessoa

Utiliza-se a 3ª pessoa: O silvícola Felipe Benites, o que Fiorin (2002) chama de não sujeito, não pessoa, o que nos remete à objetividade e ao distanciamento, reafirmando-se por meio do discurso indireto ou voz demarcada, na teoria semiótica. Refere-se à fala da irmã da vítima, “Rosa Benites”, o que também confere distanciamento e objetividade em relação aos fatos, seja por se tratar de alguém que está ligada ao silvícola que se enforcou: “Seu corpo acabou sendo encontrado por sua irmã, Rosa Benites [...] Na delegacia ela contou que o garoto ficou durante toda manhã na residência”, seja porque exime o enunciador de qualquer relação subjetiva com os fatos ocorridos. Há, portanto, destinador que elege um enunciador para falar por ele, uma voz demarcada, subordinada ao citante e controlada pelo narrador, mantendo o distanciamento.

3.4.3 - Categoria de Tempo

Temos a presença de debreagem enunciativa: “No domingo à tarde o garoto ficou durante toda a manhã [...]”, sem marcas do momento exato do acontecimento, o que produz a intencionalidade de um tempo atemporal que não pode ser preciso, medido com exatidão, numa presentificação que também é verificada no título do texto: “Travesti é encontrado morto e índio pratica suicídio”, que utiliza o presente histórico no lugar do pretérito perfeito, o que indicaria uma ação acabada. Esse recurso é também denominado estratégia de arrebatamento que, além de chamar a atenção, remete ao fato da reincidência de violência na cidade de Dourados.

3.4.4 - Categoria de Espaço

No que se refere ao espaço lingüístico, de onde o eu enuncia, temos o lugar da manchete policial em meio à discussão, à apresentação de diversos crimes. Dentre eles, estão os assassinatos de um travesti, o suicídio de um indígena, o ferimento a bala de outras pessoas, dois esfaqueamentos e a prisão de um ladrão, sendo a morte do travesti e o enforcamento os dois primeiros casos a serem relatados. Talvez essa seja uma estratégia de arrebatamento (levantar a curiosidade) e de sustentação, de explicação, como se chamasse o leitor a partilhar os fatos por meio da descrição. Mediante a menção a essas estratégias, não podemos deixar de mencionar a presença da estratégia de fidelização, também muito adotada nos textos jornalísticos, na medida em que deixa em aberto os fatos, principalmente os relativos a alguns assassinatos e demais crimes, a fim chamar a atenção do leitor para as demais unidades noticiosas.

Outro espaço que merece destaque está nos lugares onde foi encontrado o corpo do indígena, na “Reserva Bororó”, “no matagal perto da casa, proximidades da residência, numa árvore”, ao ar livre, no lugar que corresponde ao acontecimento. Isso projeta na narrativa a objetividade, a veracidade, privilegiando o espaço do indígena – seu lar, o meio como provável pista para a ausência do espaço que o sufoca.

3.4.5 - Tematização e Figurativização

O texto é figurativo, tendo em vista a presença de diversas narrativas que evidenciam a tematização violência social, o que promove efeitos de realidade, a fim de que se possa crer nos fatos apresentados.

3.4.6 - Plano de Expressão

Quanto ao plano de expressão, à categoria topológica posição, temos uma notícia que aparece como primeira na unidade noticiosa da seção policial, com tipografia em *arial black*, indicando atenção, reflexão austera, embora ocupe uma pequena parte da página da seção supracitada.

3.5 - Cimi apresenta a candidatos programa para política indígena (Primeira Página)

o preteno.

Cimi apresenta aos candidatos programa para política indígena



Grupo de índios da aldeia Rancho Jacaré, no município de Ponta Porã

O Conselho Indigenista Missionário (Cimi), regional de Mato Grosso do Sul, divulgou um programa mínimo "por uma política indigenista" dirigido aos candidatos ao Governo do Estado, Senado, Câmara Federal e Assembléia Legislativa. O Cimi reconhece os avanços obtidos com a nova Constituição Federal que suprimiu qualquer referência à integração, mas espera também que os candidatos eleitos "emprendam ações concretas, norteadas por princípios que devem ser aplicados à postura da política indigenista como um todo, implicando submissão aos princípios constitucionais e na gestão participativa desta política".

Dentro do programa mínimo, dirigido aos candidatos, o Cimi pede a demarcação e regularização das áreas indígenas dos Ofayé-Xavante, Guató, Kaiwá do Jaraá e das demais 30 áreas indígenas do Estado, de um total de 39, garantidas no artigo 67 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da atual Constituição.

Página 3.

ecial lícios mbro. 39%, míni- so de Cr\$ e Cr\$ nistas rece- a Cr\$ anham m mul- original u roce-

VF lcial em 80 para i norte- 50 para com um O grama tado em vvernight lo o BTN bro, Cr\$

CA

3.5.1 - Nível Narrativo

Há um sujeito não-indígena (Cimi – Conselho Indigenista Missionário) que acredita que o sujeito indígena não tem o poder, nem o saber para fazer, ou garantir os seus direitos, o que faz com que ele, o primeiro sujeito (Cimi), transforme o indígena em objeto modal, a fim de adquirir os valores de direitos indígenas. Isso configuraria o primeiro percurso narrativo. No segundo percurso, teríamos esse sujeito não-indígena (Cimi) em busca de um objeto modal (programa mínimo) para levar o sujeito do fazer (candidatos ao governo do estado de Mato Grosso do Sul) a alcançar os direitos dos indígenas. Se estabelece uma relação entre os sujeitos de estado e o indígena, e como sujeitos de ação, o Cimi e os candidatos. Um sujeito que se encontra em estado de amargura por não crer que pode fazer e que não tem o poder, nem o saber para fazer e ainda está em disjunção com seu objeto de valor, seus direitos, busca entrar em conjunção com o objeto política, na tentativa de alcançar a concretização dos direitos indígenas.

Essa disjunção com o objeto (direitos) leva o sujeito indígena, por meio do Cimi, a realizar a performance por um dever fazer, tendo em vista a necessidade de agir para alcançar o valor pretendido – os direitos – uma vez que o sujeito indígena não tem o saber, nem o poder para fazer, precisando da política para tal realização: “O Cimi, regional de Mato Grosso do Sul, divulgou um programa mínimo ‘por uma política indigenista’ dirigida aos candidatos ao Governo do Estado, Senado, Câmara Federal e Assembléia Legislativa.”

Temos um sujeito destinador manipulador, a sociedade moderna, dita civilizada, que manipula o sujeito Cimi, destinatário, e o leva a um fazer por meio do dever e do saber – a busca dos políticos – mediante a entrega de projetos, por acreditar que o sujeito indígena não tem a competência do poder, nem do saber para fazer. Essa manipulação do sujeito destinador se dá por meio da provocação:

Dentro do programa mínimo, dirigido aos candidatos, o Cimi pede a demarcação e regularização das áreas indígenas dos Ofayé-Xavante, Guató, Kaiwá do Jaraá e das demais 30 áreas indígenas do Estado, de um total de 39, garantidas no artigo 67 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da atual Constituição.

Você tem direitos, mas sozinho não conseguirá; por intimidação: “se você não reivindicar [...]”. “O Cimi reconhece os avanços obtidos com a nova constituição Federal [...]

mas espera também que os candidatos eleitos empreendem ações concretas, norteadas por princípios que devem ser aplicados à postura da política indigenista como um todo.”

O texto cria uma tensão de euforia e disforia. A primeira enfatiza os direitos e a segunda a aplicação da lei que, segundo o texto, não acontece: “O Cimi pede a demarcação e regularização das áreas indígenas dos Ofayé-Xavante, Guató, Kaiwá do Jaraá e das demais 30 áreas indígenas do Estado, de um total de 39, garantidas no artigo 67 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da atual Constituição.” Temos um contrato fiduciário estabelecido entre o sujeito de estado índio e o sujeito de dever (Cimi) ou um sujeito do crer (Cimi), que busca um sujeito do fazer, os políticos, para a realização de ações que promovam a melhoria da situação dos indígenas, mas que leva à tensão por não cumprir o contrato com ações concretas.

3.5.2 - Nível Discursivo

A primeira página ora analisada, quanto à concretização do nível fundamental e às escolhas que o sujeito, no ato da enunciação, faz de aspectos temporais, espaciais, de pessoa e os níveis de concretização desse discurso na enunciação, tem o intuito de provocar efeitos de sentido de objetividade, subjetividade, distanciamento, proximidade, embreagens e debreagens.

Nesse ato de funcionamento da linguagem, vamos às escolhas feitas no tocante à categoria de pessoa no texto.

3.5.3 - Categoria de Pessoa

O autor implícito ou destinador no texto, comumente nos jornais, é construído mediante a 3ª pessoa. Um não sujeito, segundo Fiorin (2002), que não se compromete com os fatos apresentados, numa noção de distanciamento. Esse enunciatário, a fim de interagir com os enunciatários, traz para o texto a voz dos locutores, no caso em estudo, do projeto ou do

programa mínimo dirigido aos candidatos ‘por uma política indigenista’: “[...] empreendem ações concretas, norteadas por princípios que devem ser aplicados à postura da política indigenista como um todo, implicando submissão aos princípios constitucionais e na gestão participativa desta política.” Essa é uma estratégia de apresentação de palavras alheias como uma forma de veracidade e de afastamento em relação aos fatos.

Ao inserir a fala do locutor – Cimi – por meio do programa mínimo, deixa-se implícita a voz de um outro interlocutor que questiona as atitudes dos políticos de praticar ações concretas, já que o sentido está subentendido: “[...] mas espera-se também que os candidatos eleitos ‘empreendem (*sic*) ações concretas’ ”, numa atitude de incerteza em relação às atitudes dos políticos, que não é aprovada. Assim, há no texto a instauração da voz da Constituição: “Dentro do programa mínimo dirigido aos candidatos o Cimi pede a demarcação e regularização das áreas indígenas dos Ofayé-Xavante, Guató, Kaiwá do Jaraá e das demais 30 áreas indígenas do Estado, de um total de 39, garantidas no artigo 67 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da atual Constituição.” É uma nota clara tanto do descrédito da população frente aos políticos quanto da omissão em relação às questões indígenas.

3.5.4 - Categoria de Tempo

O momento da enunciação corresponde provavelmente a um período de pré-eleição para o Governo do estado de Mato Grosso do Sul, Câmaras Federal e Estadual e Senado, ou seja, para aqueles que legislam, criam leis e projetos e as põem em prática nos níveis federal e estadual – os poderes legislativo e executivo.

O momento de referência corresponde ao passado, por reconhecer ações feitas: “O Cimi reconhece os avanços obtidos com a nova constituição”; e ao futuro: “[...] mas espera também que os candidatos eleitos...”, “[...] o Cimi pede a demarcação, e regularização das áreas indígenas...”, o que indicia algo a ser feito, mas com aspecto de temporalidade, materializado pelos usos dos verbos no presente e no passado: “[...] o Cimi divulgou um programa mínimo [...] o Cimi reconhece os avanços obtidos [...] mas espera também que os candidatos eleitos empreendem (*sic*)” e “[...] o Cimi pede a demarcação e regularização das áreas indígenas.”

3.5.5 - Categoria de Espaço

Quanto às escolhas espaciais realizadas pelo destinador com vistas à construção de um sentido ou simulacro, convém-nos destacar o fato de que o primeiro espaço corresponde à primeira página do jornal, o que nos remeteria a um grau de importância considerável atribuído à notícia. No entanto, a chamada de primeira página está situada ao lado esquerdo e embaixo na folha, o que diminui o efeito de importância dado à notícia.

A presença dos verbos no presente – “espera”, “pede” – leva-nos a crer que o enunciador fala do espaço de quem não acredita nas ações dos governantes, mesmo sabendo que estes mesmos verbos trazem, no tempo presente, o aspecto de algo que ocorre no momento.

O texto oscila entre o nível de concretização figurativa e temática. O primeiro está presente mediante a presença da foto na qual aparecem alguns indígenas tomando tereré, um ato político-social entre o povo sul-mato-grossense, e em estado de miséria, contando com três crianças voltadas para o foco da foto, o que confere aspecto de realidade, veracidade à notícia, bem como reforça a necessidade de um programa de política indígena. O aspecto lingüístico do texto faz uso do nível de concretização temático, cuja intencionalidade é a de provocar a interpretação dos fatos.

O texto pode ser considerado polifônico, na medida em que percebemos a presença de vozes que indiciam as diversas opiniões: a de descrédito em relação à realização concreta do programa – disforia e euforia – e o reconhecimento das ações dos governantes e da Constituição que demonstra ser, no papel, diferente.

Há no texto a presença de voz marcada e demarcada, ou seja, discurso direto e indireto. Ambos contribuem, ora para eximir o destinador de qualquer responsabilidade sobre os efeitos e as conseqüências do discurso, ora para reafirmar a objetividade, o que se reforça com a intertextualidade com o texto da Constituição e o interdiscurso daqueles que não crêem nas ações políticas.

Quanto ao plano de expressão, verificamos, primeiramente, o título em negrito, com letras grossas, em maiúsculo e em minúsculo, e que aparece ao lado de uma propaganda da prefeitura de Dourados para reconstruírem juntos o orçamento do município. Abaixo está a foto, que foi tirada um tanto distante, o que nos confere pouca valorização. Ela, no entanto, nos apresenta crianças. Quanto à tipologia, percebe-se o uso da *Times New Roman* com serifa,

em negrito, o que pode nos proporcionar o sentido de importância, reflexão ou necessidade dela.

Como primeira página, há a estratégia de arrebatamento por meio tanto do título em negrito e com verbo no presente histórico, quanto da foto e da manutenção do suspense acerca da política indigenista e, posteriormente, a estratégia de sustentação, apresentando aquilo que se espera e aquilo que sempre se esperou – o presente histórico.

3.6 - Cimi apresenta a candidatos programa para política indígena (Seção Geral)

2 DE OUTUBRO DE 1.990

O PROGRESSO

PÁGINA 3

VERÃO
OSSEL

em batalhas não é o auge
imigo sem lutar com ele é o
(ZU).

r.e.ee

AS CONTAS

ebre da campanha eleitoral.
cedor dos alto-falantes. A
a propaganda normal, assim
ficou menos agitada. E, os
continuam exaustos. Mesmo
im a vitória, porque ninguém

Todos têm o direito de so-
outra: ela é dura como uma
anheira, como também, trai-
nágoa. A realidade, também
és os candidatos que concor-
o: só um erguerá o troféu do
vero de candidatos, também
s só um irá a Brasília. 61 so-
ral, entretanto, só 8 terão o
stado. E 214 disputam 24 va-
egislativa. Portanto, para to-
onho está perto: assim como

Cimi apresenta aos candidatos programa para política indígena



Grupo de índios Kaiowá da Aldeia de Canrapó

O Conselho Indigenista Missionário (Cimi), regional de Mato Grosso do Sul, divulgou um programa mínimo "por uma política indigenista" dirigido aos candidatos ao Governo do Estado, Senado, Câmara Federal e Assembléia Legislati-

va. Ligado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), o Cimi esclarece que o programa "é fruto da experiência e reflexão crítica da Igreja Missionária, acrescentado de elementos tomados de estudos e documentos de outras

origens, todos, porém, comprometidos com a construção do Estado de direito, social, econômico e etnicamente democrático".

No Mato Grosso do Sul vive a segunda maior população indígena do Brasil, e além do fracasso da política governamental voltada ao setor a nível nacional, a integração entre os índios e o homem da cidade "não garantiu de modo efetivo o direito inalienável das nações indígenas à sua terra imemorial, forçando-as ao êxodo para as periferias dos centros urbanos, à perambulação por rodovias e cidades – como mendigos na maioria das vezes – ou ao trabalho em fazendas e usinas de álcool do nosso Estado, inúmeras vezes eticamente questionado, pela precariedade na remuneração e condição de trabalho". O conselho reclama "silêncio" em relação a este assunto em Mato Grosso do Sul.

NOVA POSTURA

O Cimi reconhece os avanços obtidos com a nova Constituição Federal que suprimiu qualquer referência à integração, mas espera também que os candidatos eleitos "empreendam ações concretas, norteadas por princípio que devem ser aplicados à postura da política indigenista como um todo, implicando submissão aos princípios constitucionais e na gestão participativa desta política. Reconhecendo a realidade pluriétnica do Mato Grosso do Sul, respeitando as especificidades sócio-culturais das nações indígenas, adequando as iniciativas às necessidades de cada etnia indígena e garantindo-lhes o direito de expressão e autonomia (...). Garantindo a participação livre, legítima e plenamente informada das nações indígenas, em todos os níveis de decisão sobre iniciativas que as afetem", conclui o órgão.

Maioria das áreas não é regularizada

Seis nações vivem atualmente no Estado: os Guaraní/Kaiowá, na região de Dou-

1,5 a 2,0 hectares de terra, o que inviabiliza até a sua sobrevivência física. Os últimos so-

põem de seu espaço para sobreviver física e culturalmente", afirma o conselho.

tado a devida ajuda. "Os índios são forçados ou a migrar às periferias dos centros urbanos ou a trabalhar em fazendas

3.6.1 – Nível Narrativo

A considerar que a primeira página oferece um resumo da manchete, temos aqui os mesmos percursos gerativos de sentidos, o mesmo nível fundamental e, na materialização discursiva, temos um tempo do discurso, uma categoria de pessoa, um espaço discursivo. Um sujeito que está em disforia com o objeto e vai à ação, porque tem o *dever* e acredita *ter o poder* para *ser e fazer* conforme análise da primeira página.

O texto é escrito com enunciador ou destinador implícito em 3ª pessoa: “O Cimi reconhece os avanços [...]”, buscando como interlocutores estudos e documentos de outras origens – da política ou da negação ao discurso dos integralistas, o discurso dos adeptos à etnia, da Constituição Federal e da lei –, bem como o discurso de uma parte da população que está desacreditada nas ações dos políticos, por não se submeterem às leis da própria Carta Magna ou não cumprirem o que é pré-estabelecido: “O conselho reclama ‘silêncio’ ”.

O discurso utilizado oscila entre o direto e o discurso indireto como forma de enfatizar mais o discurso citado que o citante, a fim de destacar como “real”, objetivo, principalmente no que se refere ao conteúdo do programa da Constituição e mesmo como forma de registrar como algo realizado – embora esteja na 3ª pessoa. É preciso reforçar que “[...] o programa é fruto da experiência e reflexão crítica da igreja missionária, acrescentado de elementos tomados de estudos e documentos de outras origens, todos, porém comprometidos com a construção do Estado de direito, social, econômico e etnicamente democrático”, o que aparenta ser uma estratégia para provar a veracidade dos fatos; por outro lado, não há indícios da voz do indígena. É uma ação tomada pelo Cimi e não pelos indígenas.

3.6.2 - Plano de Expressão

Como uma manifestação diferente da linguagem que muda a ordem da narrativa, a partir das “estratégias” de expressão e sua relação com o plano de conteúdo observamos as contribuições para o sentido da notícia.

A notícia está na seção geral, primeira manchete com letras médias, em negrito, o que evidencia uma importância relativa contrastando com a notícia “Maioria das áreas não é

regularizada”, com letras grandes, em negrito, reforçando uma possível causa do problema indígena e de importância maior.

A foto apresenta um grupo de indígenas com seus instrumentos musicais, entre eles, a maracá, espécie de chocalho utilizado em festas, cerimônias religiosas e guerreiras, que transporta os ouvidos para outros estados de consciência, para a conversa com os espíritos e acalma a ira. É uma estratégia de *fazer crer*.

Já que a diagramação e suas inter-relações determinam o sentido e isso não é uma ingenuidade do jornal. Temos um texto pequeno, no alto da página e centralizado, numa oscilação entre claro e escuro, o que denota a falta de harmonia entre as partes. Acrescente-se aí a posição da notícia, ao lado da coluna Carrossel e acima da manchete “Maioria das áreas não é regularizada”.

A estratégia de arrebatamento é utilizada num primeiro momento: “Cimi apresenta programa mínimo”, relatando em seguida do que se trata, numa estratégia de sustentação: “[...] no Mato Grosso do Sul a segunda maior população [...] forçando-as ao êxodo [...] perambulando [...] como mendigos “, além do uso de verbos no presente e o assunto que envolvia as eleições que estavam ocorrendo na época.

Como estratégia de fidelização temos: “O conselho reclama silêncio” e “[...] espera que os candidatos eleitos empreendem (*sic*) ações concretas”, numa inserção antecipada de descrédito em relação às tomadas de decisão, o que cria uma empatia para com o Cimi, o que não acontece com os candidatos.

3.7 - Índio é encontrado enforcado (Seção Geral)

GERAL

Albergado fazia contrabando e whisky, em caminhão

Políciais do Grupo de Operações de Fronteira efetuaram no último sábado à noite, durante uma barreira na rodovia que liga Caarapó a Ponta Porã, a prisão do albergado, João Antônio Ramos da Silva, 41 anos, que tem contra si 19 processos por receptação, 2

processos por roubos, 2 por uso de documentos falsos, além de um mandado de prisão preventiva pela comarca de Bataguassu. Posteriormente, no QG do GOF, ele contou que há bastante tempo vinha fazendo contrabando de whisky e vídeo cassete, produtos ca-

muçados numa carreta supostamente carregada de madeira. Sábado à noite o GOF, como sempre faz, montou barreira na estrada que liga Caarapó a Ponta Porã e por volta das 22 horas, João Antônio, também conhecido como João Careca ou João Padre, apa-

receu, acompanhado de outro indiano de Lirberdade cujas autorizações de FOSCH foram então encaminhadas para a sede do GOF de Fronteira. Tecadentes nada, apesar de 23 processos e recusa de uma prisão, está conde-

Índio é encontrado enforcado

Foi encontrado morto por enforcamento, o silvícola Dinho Inardi, 19 anos, que residia na reserva Bororó. Seu corpo estava suspenso num galho de árvore atado ao seu pescoço por sua camisa e uma cinta que costumava vestir.

Segundo o conselheiro e irmão da vítima, Osvaldo da Silva Oliveira, na segunda-feira ele estava caçando passarinhos na reserva indígena, e numa manhã encontrou seu irmão, já morto. Para o suicídio, Dinho Inardi atou sua cinta na camisa, amarrou num galho de

árvore, amarrou em seu pescoço e se atirou, ficando suspenso. Osvaldo disse que ele costumava se embriagar e havia desaparecido no domingo à tarde.

ARROMBAMENTOS

Depois de quebrarem um vidro basculante da firma Dourapeças, localizada à Avenida Marcelino Pires, 3217, elementos não identificados penetraram no estabelecimento e furtaram toca-fitas de automóvel, lixadeira, furadeira, rádio-gravador e chaves diversas.

Outro arrombamento verificado durante o final de semana foi na sede da fazenda Barro Preto, neste município. Do local, marginais, depois de estourarem a porta, furtaram uma mala com roupas, vários pares de sapatos, casacos, vidro de whisky, roupas de cama e mesa, estojo de maquiagem e também foi encontrado, um quilômetro adiante, uma motocicleta Yamaha, vermelha, DY-188, que foi abandonada por falta de combustível. Da Mercaria Tropical foram furtados 7 botijões de gás, vazios.

Feira da Praça foi sucesso



3.7.1 - Nível Fundamental

No nível fundamental temos vida *versus* morte.

Há um sujeito indígena que busca um objeto modal – cinta e camisa – para adquirir o valor alívio dado por intermédio da morte. O sujeito numa situação de estado está em conjunção com a vida e que passa por uma transformação de disjunção com a vida e conjunção com a morte. Temos um sujeito destinador manipulador, a sociedade civilizada, que o manipula, fazendo com que ele entre em conjunção com o objeto por um querer, por saber que não tem o poder para fazer.

Percebemos a euforização da morte tendo em vista que, em razão das ações dos sujeitos, o enforcar-se, o fato tornou-se notícia, mas também uma disforização da morte, em face de o sujeito manipulador destinador reprovar a ação do sujeito indígena – praticar o suicídio. Aquele sujeito se encontra em estado de amargura por querer ser, mas como sabe não poder ser, pratica o suicídio como a única forma de fugir de tal sentimento. Há no texto alusão ao fato de o indígena estar embriagado, uma possível explicação para o fato: “Osvaldo disse que ele costumava se embriagar e havia desaparecido no domingo à noite.”

3.7.2 - Categoria de Pessoa

O destinador faz uso da 3ª pessoa, um não sujeito: “O silvícola Dinho Inardi, 19 anos” e de interlocutores, ou as vozes do conselheiro e irmão: “Segundo o Conselheiro e irmão da vítima, Osvaldo da Silva Oliveira [...]”, que além de ser conselheiro, é irmão da vítima, o que provoca o efeito de objetividade e veracidade à notícia. No texto também se utiliza o discurso indireto, ou seja, o destinador procura filtrar o discurso dos sujeitos, a fim de relatá-lo por meio da ótica do destinador, o que provoca distanciamento e objetividade, já que o discurso do citante sobressai ao discurso citado: “Segundo o conselheiro e irmão da vítima, Osvaldo da Silva Oliveira, na segunda-feira ele estava caçando passarinho na reserva indígena, e numa matinha encontrou seu irmão, já morto.”

3.7.3 - Categoria de Espaço

O primeiro espaço é o espaço do jornal, seção geral, onde se publicam notícias que não têm uma especificidade para serem publicadas em outra seção. É uma espécie de “fatos diversos” que, segundo o Dicionário Aurélio eletrônico, significa “seção de um jornal ou revista que cobre assuntos não pertencentes a uma editora específica, de uma classe universal, sem uma relevância específica para ser publicada em outra seção mais específica” (2003, v.5.0, 4.0).

Quanto ao lugar do acontecimento, temos a Reserva Bororó e mais especificamente “galho de árvore atado ao seu pescoço” e “numa matinha encontrou seu irmão já morto.” Alude-se, portanto, ao como e onde ele se matou, a fim de descrever os fatos com confiabilidade e objetividade, para que o leitor vá acompanhando os detalhes dos fatos, numa estratégia de arrebatamento e de sustentação.

3.7.4 - Categoria de Tempo

Há predominância dos tempos pretérito imperfeito e pretérito perfeito. O primeiro fato, no momento de referência, no relato do jornal em relação ao ato suicida, está no pretérito perfeito. Já o segundo, uma referência anterior ao ato, usa o pretérito imperfeito, o que mostra uma situação continuada na busca de uma explicação para a causa do suicídio. Isso cria um efeito de verdade e de aproximação entre destinador e destinatários, o que se confirma pelo título: “Índio é encontrado enforcado”, uma debreagem enunciativa do passado para o presente histórico.

3.7.5 - Figurativização e Tematização

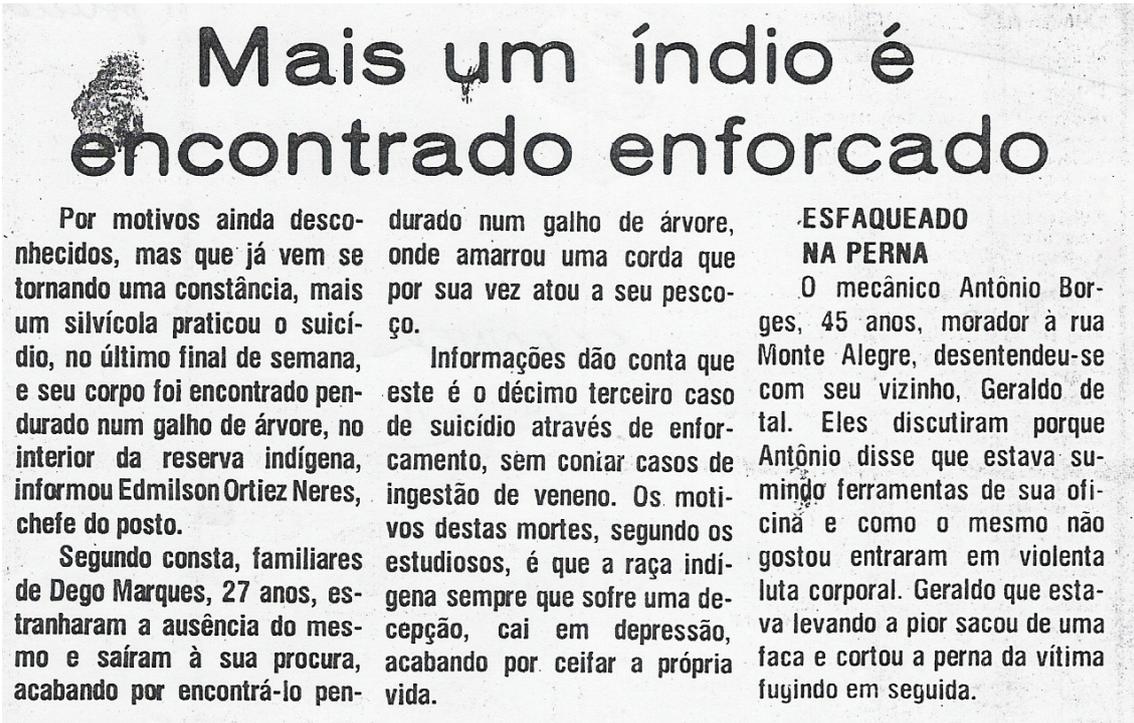
Trata-se de uma cobertura narrativa figurativa composta de ações violentas, que trazem subjacente a tematização da violência contra a vida – o enforcamento – e contra o

patrimônio alheio – o arrombamento –, tendo em vista a inclusão, em uma só manchete, dos dois casos, enforcamento e arrombamento, não havendo a este último nenhuma menção no título da manchete. Ao fazer uso da estratégia de concretização do discurso por meio da figurativização, verifica-se a tentativa de criar um efeito de realidade da linguagem, estimulando nossos sentidos.

3.7.6 - Plano de Expressão

No que se refere ao plano de expressão, a posição da notícia, o texto ocupa pequeno espaço abaixo de uma outra manchete e, embora com letras pequenas, em *arial black*, ocupa um espaço dividido com a notícia de um arrombamento, o que torna os fatos de igual teor, ou seja, semelhantes quanto ao crime.

3.8 - Mais um índio é encontrado enforcado (Seção Polícia)



Mais um índio é encontrado enforcado

Por motivos ainda desconhecidos, mas que já vem se tornando uma constância, mais um silvícola praticou o suicídio, no último final de semana, e seu corpo foi encontrado pendurado num galho de árvore, no interior da reserva indígena, informou Edmilson Ortiz Neres, chefe do posto.

Segundo consta, familiares de Deigo Marques, 27 anos, estranharam a ausência do mesmo e saíram à sua procura, acabando por encontrá-lo pendurado num galho de árvore, onde amarrou uma corda que por sua vez atou a seu pescoço.

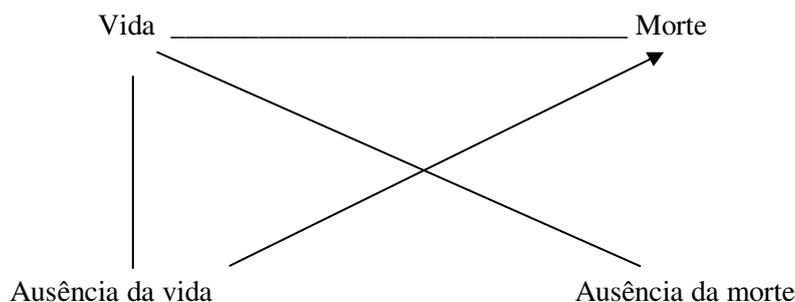
Informações dão conta que este é o décimo terceiro caso de suicídio através de enforcamento, sem contar casos de ingestão de veneno. Os motivos destas mortes, segundo os estudiosos, é que a raça indígena sempre que sofre uma decepção, cai em depressão, acabando por ceifar a própria vida.

ESFAQUEADO NA PERNA

O mecânico Antônio Borges, 45 anos, morador à rua Monte Alegre, desentendeu-se com seu vizinho, Geraldo de tal. Eles discutiram porque Antônio disse que estava sumindo ferramentas de sua oficina e como o mesmo não gostou entraram em violenta luta corporal. Geraldo que estava levando a pior sacou de uma faca e cortou a perna da vítima fugindo em seguida.

3.8.1 - Nível Fundamental

Como estrutura fundamental de nível abstrato que embasa o percurso narrativo dos sujeitos, temos vida *versus* morte. Vejamos o quadrado greimasiano:



3.8.2 - Nível Narrativo

Temos no texto um sujeito índio que, estando em disjunção com o valor felicidade – a vida – procura buscar um objeto – o suicídio – mediante enforcamento, para adquirir o valor – término da fuga, da tristeza. Há uma situação de disforia em relação à vida e que busca no objeto suicídio uma forma de transformar a disjunção em conjunção e de entrar em euforia com o valor vida, já que para os indígenas após a morte, em razão de suas crenças têm para si que alcançarão a condição de divindade – a morte – que acaba sendo euforizada. Na sociedade indígena, temos um sujeito em crise, considerando a forte influência de duas fontes de valores. A primeira – a sociedade não indígena – e a outra, a sociedade indígena, mística, cujos valores enaltecidos são a expressão do ser, a busca das verdades divinas que ao não serem alcançadas levam ao enforcamento – a suspensão da alma através da garganta, atacando a morada do ser (local onde se acredita estar a alma), em decorrência da fala, linguagem.

Dessa forma, o sujeito indígena é manipulado pelo sujeito destinador manipulador da cultura indígena, que faz o indígena crer no fato de que tem o dever e o poder saber para alcançar a felicidade/vida e que, ao não saber fazê-lo, faz crer que tem o poder, a morte, como fonte de saber para alcançar essa virtude.

Por outro lado, o sujeito manipulador destinador não-indígena leva o índio ao dever fazer e pensar ter o poder e o saber fazer, a fim de realizar a performance e adquirir o objeto

desejado, ou seja, o valor, o que, ao não acontecer, leva o sujeito índio ao suicídio. Assim, o sujeito destinador manipulador julga o sujeito índio como alguém que não tem o poder e o saber para fazer, levando-o a desacreditar na possibilidade da felicidade, o que o leva a crer no outro sujeito destinador manipulador, que por ter outras fontes de valores confunde o sujeito indígena. Este último acredita que o ter melhora o ser e ao não alcançar o ter, desacredita na capacidade do ser, no poder e no saber, buscando no objeto suicídio um saber fazer para alcançar a felicidade – o valor –, o que o leva a ser julgado negativamente pelo sujeito destinador da sociedade não-indígena.

No que se refere às formas de manipulação adotadas pelo sujeito destinador manipulador, temos a presença de duas: a da tentação, na medida em que a sociedade indígena cultua o jeito de ser sagrado, a preservação da cultura – *se você preservar o modo de ser alcançará a divinização* – e, por outro lado, a sociedade civilizada tenta a manipulação mediante a intimidação: *se você não agir conforme outros valores, nós não alcançaremos a felicidade*. Assim o sancionamento será divergente segundo o destinador manipulador, o que provoca a crise – a depressão sem possíveis causas sabidas, mas que, necessariamente, precisa ser omitida ao não-indígena por meio do sancionamento da sociedade civilizada. No que se refere à manipulação, percebe-se a crise de valores, pois enquanto um destinador tenta manipular mediante o *querer*, o outro o faz pelo *dever* e pelo *querer fazer*.

O sujeito entra em *amargura*, padecimento moral, aflição e tristeza, por *querer ser*, mas por não *ter o poder*, nem o *saber*, passando a um *não crer ser* – a depressão – e ao *saber não poder ser*, conforme a cultura do dominador não-indígena. Busca então um *poder ser* através da cultura indígena – mediante o suicídio. Diante da crise, o destinador manipulador não-indígena sanciona o sujeito indígena negativamente como um ser fraco, por não ter o *saber ser* capaz de alcançar o *ter*, que leva o valor civilizado.

3.8.3 - Nível Discursivo

No que se refere ao nível discursivo ou como o enunciador passa do nível narrativo para o discurso enriquecendo a narrativa, vamos às vozes do discurso. Temos a instauração dos sujeitos que são buscados pelo enunciador, a fim de discutir a questão do suicídio e os

efeitos que isso provoca no texto, efeitos de intencionalidade, efeitos de distanciamento, proximidade, objetividade, subjetividade, na tentativa de criar simulacros nos enunciatários.

Conforme Fiorin (2002), por meio da linguagem o ser humano se aproxima de Deus, à medida que criamos qualquer coisa. Desse modo, a análise dos enunciados faz-nos expor mecanismos de produção de sentidos mobilizados por um enunciador para obter o que deseja de um enunciatário.

A frase “mais um índio é encontrado enforcado” tem como primeira instância um sujeito enunciador que busca um narrador, que comenta que já vem se tornando uma constante o suicídio: “Por motivos ainda desconhecidos, mas que já vem se tornando uma constância mais um silvícola praticou suicídio”. Esse narrador em 3ª pessoa do plural busca um interlocutor, “Edmilson Ortiez Neres”, o chefe do posto, familiares do enforcado, informações, estudiosos, numa perspectiva, ao mesmo tempo, de objetividade, na medida em que define o acontecimento que virou notícia, por meio da fala de um interlocutor que está inserido no meio em que ocorreu o fato. E também de distanciamento, já que o enunciador e o narrador buscam um outro interlocutor para noticiar, sem contar com o fato de usar “informações dão conta que este é o décimo [...]”, sem relatar de quem.

Outro aspecto da objetividade pode ser percebido a partir da busca do comentário dos familiares – “segundo consta familiares de Dego Marques, 27 anos, estranharam a ausência do mesmo e saíram a sua procura”. Outra voz presente é a dos estudiosos: “Segundo os estudiosos é que a raça indígena sempre que sofre uma decepção, cai em uma depressão”. Busca-se criar um simulacro de objetividade, de verdade, embora o enunciado faça isso utilizando o discurso indireto, o que transmite o sentido de não traduzir as palavras exatas relatadas, sem o compromisso com “as verdades dos fatos”, já que para a Semiótica a verdade é uma construção.

Esses interlocutores instalados pelo narrador – o chefe da reserva indígena, familiares, informações e estudiosos – podem ser vozes presentes no texto com a intencionalidade de apresentar possíveis posicionamentos, ou vozes cujo enunciar atribui um certo sentido. No caso, a voz do chefe indígena e dos familiares, os mais envolvidos com o episódio, o que evidencia a tentativa de uma aproximação com os enunciatários, atingindo-os pelo lado emocional e, por outro lado, a busca das vozes das informações e de estudiosos, o que remete a uma visão da ciência em relação ao enforcamento.

No entanto, os vocábulos que aludem à ciência (informações e estudiosos) são expressões nominais genéricas, aludindo a um conhecimento que não se distancia muito do senso comum geral, o que se reforça tendo em vista a expressão do enunciador: “Por motivos ainda desconhecidos, mas que já vem se tornando uma constância”, o que nos direciona para uma morosidade dos órgãos responsáveis – a ciência pela busca da solução dos problemas e que já se tornou comum: “já vem se tornando uma constância”. Ou pela expressão aditiva, “mais um” que indica uma crítica, de novo, como um índice reprovativo, apelativo para o fim dos suicídios.

Esta expressão: “Por motivos ainda desconhecidos, mas que já vem se tornando uma constância”, tocando na questão da responsabilidade da ciência, no plano da expressão, carrega uma atitude de tensão, já que na semiótica jornalística a organização do texto segue, primeiramente, um momento de definição daquilo que é de maior interesse dos enunciadores.

3.8.4 - Categoria de Tempo

O texto oscila entre o tempo passado, pretérito perfeito, ação que se iniciou e tem seu término “praticou”, “estranharam a ausência do mesmo”, “amarrou”, quando se refere ao sujeito indígena e sua prática, no entanto existe a presença de perífrases verbais no passado, mas com aspecto verbal de presente – “vem se tornando” – igual se tornaram pelo tom de morosidade, como se fosse um processo contínuo, que não foi e não será o último.

Quando o enunciador resgata do interlocutor “informações” e “estudiosos”, percebe-se o uso dos verbos no tempo presente: “dão conta”, “este é”, “os motivos dessa morte [...] é que a raça indígena sempre que sofre, cai”. É como se a voz das informações e dos estudiosos, embora genérica, adquirisse valor de verdade universal e atual, concomitante ao ato “sempre”.

3.8.5 - Categoria de Espaço

Quanto à categoria espacial, ela se reinventa a cada ação dos sujeitos e pode ser, ou implícita na debreagem enunciativa, ou enunciativa. Temos explicitamente o interior da reserva indígena, o galho de árvore e implicitamente uma seção de jornal intitulada seção policial, sendo o suicídio considerado como uma subversão e a busca de uma ajuda, um apelo pelo enforcamento de um jovem de 27 anos.

3.8.6 - Tematização e Figurativização

O texto é construído e concretizado ao mesmo tempo pelo discurso temático, como se houvesse uma tentativa de explicar, interpretar os fatos pelos estudiosos e informantes, mas também utiliza o discurso figurativo a partir do momento em que relata um acontecimento, noticiando-o. Este último recurso é empregado a fim de convencer os enunciatários da veracidade dos fatos, da própria realidade, para que aqueles acreditem nele.

3.8.7 - Plano de Expressão

Observaremos agora o suporte, os sentidos de expressão, o que acreditamos ser de importância para o sentido, já que o texto é um todo formado por um plano de expressão e um plano de conteúdo que se inter-relacionam. Começamos pelo título, cuja tipografia, em letras finas, remete/alude a um fruir, a um passar despercebido, leve, sem quase nenhuma importância.

No tocante à categoria topológica, posição da notícia no espaço jornalístico, já que o jornal impresso é um recurso midiático espacial por excelência, tendo em vista que as notícias são arranjadas nos espaços jornalísticos, a notícia policial “Mais um índio é encontrado enforcado” se encontra no final da seção policial, do lado esquerdo da folha. Mediante essa categoria topológica, percebe-se que não se valoriza muito a notícia do enforcamento, até

porque há, abaixo da notícia, um comunicado, uma propaganda eleitoral com uma frase em latim *Errare humanum est* – Errar é humano – escrita em uma urna convencional e, ao seu lado, um eleitor com expressão de dúvida, por não compreender o enunciado da urna, o que nos evidencia um desconhecimento em relação aos fatos.

Na dimensão, no tamanho do texto, que pode ser pequeno ou grande, o que vai denotar uma importância menor ou maior, conforme esse tamanho, encontraremos a notícia “Mais um índio é encontrado enforcado” contendo poucas linhas, em um espaço bem pequeno, o que significa o atribuir de um valor menor, segundo as leis distribucionais do jornal. Além desses itens, percebe-se também que para o texto não há chamada na primeira página, não há fotos. O texto ocupa a parte de baixo do jornal, o que lhe confere a intencionalidade da não valorização da notícia, ou melhor, do suicídio.

3.9 - Suicídio entre índios (Editorial)

PÁGINA 2

24/out 1980

POLÍTICA

EDITORIAL:

Suicídio entre índios

Mais um caso de suicídio entre os índios da Reserva Indígena foi registrado esta semana. Desta vez um jovem de apenas 27 anos. Com este, segundo informações extra-oficiais de entidades preocupadas com a questão indígena, sobe para 25 o número de suicídios somente neste ano, sendo 19 por enforcamento e 6 por envenenamento. Estes dados são preocupantes. A questão é complexa e difícil de ser explicada. Psicólogos da Funai, jornalistas de grandes jornais e revistas e estudiosos, já estiveram na reserva buscando informações, mas ninguém até agora conseguiu desvendar esse mistério.

Os mais entendidos dizem que existem várias hipóteses que podem ser consideradas. A existência desse problema desperta grande atenção. O mais dramático são que jovens põem fim a sua própria vida de forma dramática, como se isso fosse um ato de protesto. E assim eles estão se dizimando e comprometendo a sobrevivência dos índios no futuro. Apesar do interesse que gira em torno desta questão, até hoje não se discutiu a fundo as raízes deste problema. Os próprios órgãos oficiais parecem não estimulados a encontrar a chave desse enigma.

O confronto entre a vida do homem civilizado e do índio é muito grande. Na maioria das vezes o homem civilizado, se assim pode ser chamado, desconsidera o índio. Não consegue enxergar que ele tem uma cultura de milhares de anos, e que mantém as mesmas tradições, costumes, rezas e danças de seus ancestrais. Os índios não têm a ganância pelo material e só se preocupam em caçar e plantar para sobreviver. Eles sim são os verdadeiros amigos da Mãe-Natureza. Por esse e muitos outros motivos, o homem civilizado precisa começar a entender melhor a presença do índio no mundo contemporâneo. A região de Dourados tem muita importância histórica em razão da presença aqui dos índios. Eles vivem na região muito antes de Marcelino Pires e outros pioneiros que levam nome de ruas e avenidas atualmente. E mesmo assim são tratados com certo desdém. Isto é inconsciência e falta de informação, evidentemente.

Mas por que então não se tenta buscar os verdadeiros motivos do suicídio entre esses pioneiros autênticos? Por que será que a sociedade atual não procura encarar esse problema de frente? Naturalmente que o homem civilizado também tem muitos problemas, como a inflação, o desemprego, a fome, a doença. O homem civilizado tem muito mais a aprender com o índio. Portanto, ele deve entender isso e buscar uma convivência se isto for realmente possível. As possibilidades precisam ser discutidas, questionadas. O problema precisa ser estudado a fundo. Vasculhado para ser mais exato. O suicídio prematuro deve ter uma explicação. Entre os índios, existe, segundo sua própria cultura, explicação para tudo. Mas é preciso primeiro entender essa cultura.

A própria Funai, os órgãos municipais, o Conselho Indigenista Missionário (Cimi), os voluntários, os intelectuais, a imprensa, estudiosos e amigos dos índios, deveriam incentivar uma grande discussão em torno desse problema. Deve existir uma saída para evitar que jovens índios continuem se suicidando. E essa saída precisa urgentemente ser alcançada, sob pena do homem moderno ser responsabilizado, mais tarde, da extinção do índio - o único registro vivo da história e a origem do homem na face da Terra.

3.9.1 Nível Fundamental

No percurso do sujeito, ele luta para conseguir o que quer quando ocorre a quebra de uma situação de harmonia (morte dos indígenas) – o sujeito não-índio busca o objeto suicídio por *ter*, ou se achar no *dever de fazer*, mas não se mostra competente, por não *saber* ou *ter* o *poder de fazer*.

O destinador, ao interagir com o destinatário, constrói o texto “Suicídio entre índios”, ao mesmo tempo em que traz o sujeito não-índio que busca o objeto – suicídio indígena para adquirir um valor –, uma explicação, porque aquele sujeito acredita *ter o dever*, já que está em disjunção com o objeto índio que o afasta do valor, que é a admiração – a valorização da cultura civilizada, conforme o próprio texto menciona. Esse homem *quer* ou *deve ser* índio, *quer* ou *deve ser* branco, sendo submetido, então, à manipulação de dois destinadores contraditórios: cultura branca *versus* cultura indígena. Esse sujeito *virtual*, que *quer* ou *deve ser*, não se torna um sujeito atual, pois não *pode* nem *sabe ser* realizador da *performance*, o que resulta, em muitos casos, na busca de um objeto – o suicídio – como forma de saber fazer, voltando-se para a cultura, para o misticismo.

Age-se e interage-se em relação aos problemas concretos a partir da confluência de duas visões de mundo: a do índio e a do não-índio. A última é mais perigosa, conforme a visão semiótica, pois torna os índios passíveis de manipulação, por partilharem, em alguns momentos das mesmas crenças, o que evidencia uma incorporação das formações ideológicas do sujeito não-índio, já que o sujeito se instaura a partir da presença do outro, ou:

A identidade pode, porém, ser vista sob uma outra perspectiva. Antes de conhecer o homem branco, o índio não se sabia índio, não se percebia como índio. Somente a partir do momento em que conheceu o homem branco, estabeleceu-se uma relação de oposição, fazendo com que suas características passassem a significar características e o conjunto delas passasse a conformar sua identidade. A identidade do índio o é por oposição à identidade do branco. E antes, o que era? Todo o sentido da vida anterior ao contato com o branco é dado pela oposição que o contato cultural estabelece (LIMBERTI, 1998, p. 24).

O contato com a cultura branca, de padrão cultural muito diferente, a posição de contrariedade, produziu em seus hábitos e costumes e no universo filosófico-religioso um sentido de exotismo que, mediante a exposição contínua e prolongada aos hábitos e costumes e ao universo em oposição, foi ganhando aos poucos conotação de coisa ridícula.

Embora a sociedade moderna, os “civilizados”, os “psicólogos da FUNAI, jornalistas, revistas, jornais de grande circulação, os mais entendidos” verifiquem o dever de fazer algo para solucionar o problema, já que há estabelecido um contrato fiduciário entre os órgãos indigenistas, a sociedade civilizada e a sociedade indígena, mesmo porque a questão indígena é considerada como um problema social, ou seja, de responsabilidade da “sociedade civilizada”, aqueles agentes não se vêem com o poder de fazer: “mas ninguém até agora conseguiu desvendar esse mistério [...] enigma”.

Esses estados actanciais do sujeito são manipulados pelo destinador manipulador, que é a sociedade civilizada, acreditando ter as competências para resolver o problema e que, ao mesmo tempo, sanciona negativamente tanto a atitude do sujeito índio, que busca o objeto suicídio ou envenenamento para adquirir o valor felicidade, quanto o sujeito não-índio, que busca o objeto suicídio indígena para conquistar o valor – conhecimento, explicação, solução, já que também acredita ser o sujeito índio um objeto do sujeito não-índio, utilizado para conquistar *status*, pois a identidade do não-índio está relacionada à presença do índio. Alguém só é o que é pela existência de características ou traços singulares que não estão contidos no outro, ou seja, a identidade se estabelece pelas relações de semelhanças e diferenças, ou conforme Landowski (*apud* Limberti, 1998, p.31): “a identidade é um simulacro que cada um faz a si mesmo a partir do outro e vice-versa. A identidade é um jogo de simulacros.” Assim, o sujeito não-índio se vê como um modalizador dominante do sujeito índio, como um modelo a ser seguido para alcançar o valor pretendido.

O destinador manipulador – a sociedade civilizada – ao mesmo tempo em que desencadeia a ação dos sujeitos sanciona negativamente o sujeito não-índio, pelo fato deste não conseguir uma explicação para o problema – o suicídio – pois isso ocasiona uma disjunção com o objeto índio que é levado ao suicídio (a não existência material), o que deixa instável o sujeito não-índio, já que a presença do índio contribui para a constituição da identidade do não-índio.

A partir desse sancionamento negativo, o destinador manipulador, no que se refere à foria, força que leva adiante, apresenta os valores que são atraentes ou repulsivos para o sujeito. Podemos salientar que há uma disforização do sujeito civilizado e uma euforização do sujeito índio, o que corresponde ao processo de manipulação da sedução no ato em que menciona: “Eles sim são os verdadeiros amigos da Mãe – natureza [...]”, “Tem muita importância histórica”, “Vivem na região de Dourados muito antes que Marcelino Pires e outros pioneiros que levam nome de ruas e avenidas atualmente.”; e da intimidação quando

menciona: “Deve existir uma saída para evitar que jovens índios continuem se suicidando. E essa saída precisa urgentemente ser alcançada, sob pena do homem moderno ser responsabilizado, mais tarde, da extinção do índio”. O não-índio deixará de se beneficiar com isso, pois ele, o índio, é o “único registro vivo da história e origem do homem na Terra”. Temos então a necessidade de preservar a história da humanidade, numa euforização do índio como responsável pelo resgate do passado: “[...] ele tem uma cultura de milhares de anos e que mantém as mesmas tradições, costumes, rezas e danças de seus ancestrais. Não tem a ganância pelo material e só preocupam em caçar e pescar para sobreviver [...]”; e uma disforização do homem civilizado, que não consegue enxergar: “Na maioria das vezes o homem civilizado, se assim pode ser chamado, desconsidera o índio. Não consegue enxergar que ele tem uma cultura de milhares de anos”, “Isto é inconsciência e falta de informação”. Há uma estratégia de manipulação da provocação, como se o sujeito civilizado não fosse tão civilizado como pretende ser. É um *não crer* no *dever fazer*, já que não tem o *poder fazer*.

3.9.2 Nível Narrativo

Quanto ao nível narrativo, de acordo com Hernandes (2006, p. 2), ele corresponde ao nível mais concreto e enriquecido, momento em que a narrativa ganha uma nova cobertura, apresentando com riqueza as categorias de pessoa, tempo e espaço, os atores, o momento enunciativo, o lugar e as diversas possibilidades de efeitos por meio de certas escolhas para representar tempo, espaço e pessoa construídos pelo texto – seus simulacros –, já que permite qualquer encenação dessas categorias e que também varia conforme o veículo de comunicação.

3.9.3 Categoria de Pessoa

Quanto aos efeitos de enunciação correspondentes às categorias de pessoa, mais especificamente os efeitos de distanciamento e de proximidade, verifica-se, por meio do título “Suicídio entre índios”, a ausência do artigo definido “o”, promovendo um efeito de objetividade e distanciamento para com os enunciatários, ao mesmo tempo em que particulariza o suicídio entre os índios. Há ainda o uso da 3ª pessoa do singular: “Mais um

caso de suicídio entre os índios”, “Destá vez, um jovem [...] Com este, segundo informações extra-oficiais, os mais entendidos dizem [...] estes dados são preocupantes [...] a questão é complexa [...] mas ninguém [...] Conseguiu desvendar esse mistério.”

Percebe-se o uso dos indefinidos um, uma e da 3ª pessoa: “segundo informações extra-oficiais”, e as expressões: “estes dados”, “a questão complexa”, “esse mistério”, que evidenciam o distanciamento, uma debreagem enunciativa. “Como se isso fosse um ato de protesto, dessa questão, até hoje não se discutiu a fundo as raízes do problema [...] o suicídio prematuro [...] discussão em torno desse problema”: há em cena uma voz da ciência que discute o suicídio indígena.

No texto em análise temos a presença de um enunciador implícito (o jornal) que tem seus enunciatários-leitores. Busca-se criar um narrador que conte os fatos e faça sua avaliação: “Mais um caso de suicídio [...]” a um narratário – o tu: “mas ninguém até agora conseguiu desvendar esse mistério”, “a existência desse problema desperta grande atenção. O mais dramático é que jovens põem fim a sua própria vida de forma dramática, como se isso fosse um ato de protesto. E assim eles estão se dizimando e comprometendo a sobrevivência dos índios no futuro. Apesar do interesse que gira em torno desta questão, até hoje não se discutiu a fundo as raízes deste problema. Os próprios órgãos oficiais parecem não estimulados a encontrar a chave desse enigma”. O narrador ainda procura levantar questionamentos: “mas porque não se tenta buscar os verdadeiros motivos do suicídio entre esses pioneiros autênticos? Porque será que a sociedade atual não procura encarar esse problema de frente?”

Com a voz do narratário instalada no texto, tem-se a presença do interlocutor e do interlocutário, quando incorpora a voz do locutor: “O confronto entre a vida do homem civilizado e do índio é muito grande. Na maioria das vezes, o homem civilizado, se assim pode ser chamado, desconsidera o índio [...]”, “Os índios não têm a ganância pelo material e só se preocupam em caçar e plantar para sobreviver. Eles sim são os verdadeiros amigos da Mãe-Natureza”. Há uma voz que se contrapõe ao discurso do homem civilizado e “Naturalmente que o homem civilizado também tem muitos problemas como a inflação, o desemprego, a fome, a doença.” Temos um discurso que possivelmente se apresenta para contrapor-se ao fato de que o homem civilizado também tem seus problemas – como se o narrador, ao dialogar com o narratário, tivesse posto em xeque as ocupações, as funções que o homem não-índio assume na sociedade, o que aparece por meio da voz do locutor no interlocutor.

Ao trazer o discurso do outro para o texto o enunciador, cria-se o processo que, conforme Discini (2005), é chamado de heterogeneidade constituída. Esta se divide entre mostrada e demarcada, as quais são gerenciadas pelo enunciador, o qual cria um jogo de enunciações, a dele própria, a citante e a citada ou as citadas, a fim de criar efeitos de sentido no enunciador.

A presença de outras vozes também é marcante a partir do momento em que o narrador menciona os dados, por meio dos órgãos oficiais: “Segundo informações extra-oficiais de entidades preocupadas com a questão indígena”, “Os mais entendidos dizem que existem várias hipóteses que podem ser consideradas”. Desse modo o destinador instaura o discurso indireto, comunicando indiretamente, sem preocupação com a objetividade dos fatos, embora essa estratégia permita-nos pensar em uma desvalorização dos aspectos emocionais do discurso citado. A presença das diversas vozes no discurso pode nos remeter a uma debreagem enunciativa de pessoa, cujos recursos textuais aludem ao efeito de sentido de distanciamento e de proximidade: distanciamento em relação à responsabilidade, por se tratar de um editorial, e a uma questão delicada, por procurar se esquivar usando uma 3ª pessoa e a retomada dos órgãos responsáveis, bem como o uso de expressões que remetem a incertezas, dúvidas e por que não desprezo, sendo vazias de carga semântica: “este”, “estes dados”, “a questão”, “esse mistério”, e mesmo o uso desses recursos se dá em virtude da intencionalidade de marcar o mistério em que estão envolvidos os episódios. Já a proximidade se estabelece tendo em vista que o texto está inserido em um gênero textual – o editorial – o que nos propicia mencionar o fato de que ele expressa a opinião do enunciador, aqui o jornal *O Progresso* de Dourados, cidade onde está situada a reserva indígena onde ocorreram os suicídios.

3.9.4 Categoria de Tempo

Em “Suicídio entre índios” temos ausência de verbos, o que ressalta um aspecto de estado – permanência – sem alusão ao momento de referência, presente, passado ou futuro, o que se inicia no primeiro parágrafo com: “esta semana” e “neste ano”, expressões não certas, não marcadas cronologicamente e não pertencentes ao tempo da enunciação. Há um tempo anterior ao tempo da enunciação, mas com valor de instantaneidade,

Mais um caso de suicídio entre os índios da Reserva Indígena foi registrado *esta semana* [...] Com este [...] sobe para 25 o número de suicídio somente *neste ano* [...] Psicólogos da Funai, jornalistas de grandes jornais e revistas, estudiosos, já estiveram na reserva buscando informações, mas ninguém *até agora* conseguiu desvendar esse mistério.

As demais expressões, marcadores de temporalidade – como “até hoje” – trazem um valor semântico de morosidade, o que pode ser substituída por *ainda*. Quanto ao uso dos verbos, verifica-se oscilação no uso de pretérito e de presente, o primeiro marcando um discurso do destinador e o segundo uma intervenção do narrador, narratário e interlocutor, a fim de levantar e discutir a problemática, embora quando mencione a contrapartida da sociedade, o faz utilizando-se de verbos no pretérito perfeito: “ninguém até agora conseguiu desvendar”, “até hoje não se discutiu”; ou na forma nominal infinitiva: “não estimulados a encontrar”, “o homem civilizado precisa começar a entender”, “tenta buscar”, “não procura encarar”; ou ainda no particípio e no gerúndio: “precisam ser discutidas”, “precisa ser estudado a fundo”, “continuem se suicidando, estão se dizimando”. Essas formas verbais destacam uma valorização e um realce do problema suicídio, com engajamento, ou construção de um simulacro veridictório atual, num tempo presente histórico. Cria-se também uma sensação de que as autoridades, ou não estão muito preocupadas com a questão, por meio do uso das expressões ou perífrases verbais no infinitivo, pretérito, gerúndio, que nos remetem a uma morosidade dos acontecimentos e principalmente à atitude das autoridades, que é a de pensar uma solução no futuro, já que nem o presente pode ser considerado o tempo de referência, que é posterior à fala.

Ao tratar dos problemas – o caso dos suicídios –, acredita-se que o enunciador queira provocar o efeito de sentido da simultaneidade entre os acontecimentos e a enunciação, revivendo os fatos, afastando a ação de responsável como uma manifestação da “pouca importância” atribuída ao valor material dos indígenas aos civilizados, afinal seus interesses são diferentes.

3.9.5 Categoria de Espaço

Conforme Fiorin (*apud* Hernandez, 2006), o espaço é construído no discurso, ou no lugar de onde o enunciador se expressa, e se recategoriza conforme posições, tomadas de palavras determinantes do espaço *eu do outro*, podendo criar os efeitos de proximidade ou de distanciamento.

No texto, o espaço instaurado pelo enunciador corresponde ao daquele que fala de um aqui que não é o espaço indígena, mas sim o espaço jornal, editorial, política. Editorial, segundo o Dicionário Aurélio eletrônico, é o artigo que exprime a opinião do órgão, em geral escrito pelo redator chefe e publicado com destaque; é o artigo de fundo. Política, segundo o mesmo dicionário, pode significar:

1. sistema de regras respeitantes à direção dos negócios públicos; 2. Conjunto de objetivos que informam determinado programa de ação governamental; 3. posição ideológica a respeito dos fins do Estado; 4. habilidade no trato das relações humanas, com vistas a obtenção de resultados desejados (FERREIRA, 2003, v.5.0 – 4.0)

Todas as entradas referem-se ao ato público geral, já que a temática indígena é de domínio público e não particular, o que ressalta, tendo em vista a seção política – direção dos negócios públicos. Daí a importância dada ao indígena como algo público, de interesse comum a todos e ao mesmo tempo de responsabilidade de nenhum.

O editorial do jornal e o espaço de autoridades podem conferir ao simulacro “valor de verdade”, destacando novamente o fato de o jornal ser da própria cidade onde ocorrem os suicídios – Dourados.

No texto o enunciador cria um narrador que não se posiciona, nem como indígena, nem como homem civilizado: “Os índios não tem a ganância pelo material [...] o homem civilizado precisa começar a entender melhor a presença do índio [...]”, o que nos direciona a um distanciamento em relação aos compromissos enquanto membros dessa sociedade que, conforme a Semiótica, estabelece um contrato com os indígenas, o que se confirma por estar o texto inserido na seção política e ainda editorial, ambas de interesse comum a todos.

3.9.6 Tematização e Figurativização

No tocante aos temas e às figuras, se para todo plano de conteúdo existe um plano de expressão, podemos dizer que as figuras são as variadas possibilidades que tem o ser humano de buscar um mundo objetivo-concreto para situar o mundo abstrato – temas – a fim de se aproximar, validar, persuadir, manipular ou fisgar seu enunciatário.

Os temas e as figuras correspondem, conforme Fiorin (1995), a termos abstratos e concretos, ou a níveis diferentes de concretização de sentidos. Estes representam coisas, ações, qualidades encontradas no mundo natural, criados por alguém, sendo fictícios ou não. São aqueles que se referem às explicações dos fatos e das coisas do mundo, seus significados.

Em “Suicídio entre índios” há uma predominância do nível temático, já que o texto aborda a desvalorização, a desconsideração, o desprezo do homem não-índio em relação ao indígena que pode estar ocasionando o suicídio em aldeias de Dourados.

A escolha pela tematização remete à necessidade de criar o simulacro da seriedade, da veracidade que o assunto requeria no período, ou seja, pelo tabu, pelo mistério que o assunto morte representa, seja pelo gênero editorial, seja pela seção política. Todas essas possibilidades criam o efeito de um assunto de Estado, com a urgência na intencionalidade de modificar, inverter ou criar valores na sociedade civilizada.

Para o discurso dominante o índio é atrasado, misterioso, o que leva o enunciador a afirmar o contrário, com a intenção de desconstruir ou criar um simulacro positivo no que tange ao indígena. Dessa forma o enunciador estará criando efeitos de sentido, a fim de manipular o enunciatário. Tendo por base o texto ora em questão, percebe-se que índios e não-índios não se entenderão, pois os valores cultuados, os interesses de ambos são diferentes:

[...] enquanto nas sociedades tradicionais os símbolos são valorizados por conter e perpetuar a experiência de gerações [...] às sociedades modernas, temos a experiência de convivência, cujas práticas sociais são constantemente analisadas e reformuladas à luz das informações recebidas sobre as práticas adotadas (GIDDENS *apud* HALL 2005, p. 14).

Para a criação desse simulacro de valorização do indígena, o enunciador recupera outras vozes ou, conforme Brait (*apud* BARROS; FIORIN, 1995, p. 14):

[...] tudo que é dito, tudo que é expresso por um falante, por um enunciador, não pertence só a ele. Em todo discurso são percebidas vozes, às vezes infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais, quase imperceptíveis, assim como as vozes próximas que ecoam simultaneamente no momento da fala.

No texto prevalece o discurso indireto: “Os mais entendidos dizem que existem várias hipóteses que podem ser consideradas” e “Entre os índios, existe, segundo sua própria cultura, explicação para tudo.”, com lances de discurso indireto livre: “O mais dramático são que

jovens põem fim a sua própria vida de forma dramática, “como se isso fosse um ato de protesto”, “E essa saída precisa urgentemente ser alcançada, sob pena do homem moderno ser responsabilizado, mais tarde, da extinção do índio- o único registro vivo da história e origem do homem na Terra”. O uso desse recurso discursivo leva-nos a crer na busca por um descompromisso com a ordem dos fatos relatados, num esvaziamento da palavra dos sujeitos trazidos para o diálogo, a fim de criar um efeito de objetividade e de distanciamento em relação às idéias subjetivas. Por outro lado, o uso do discurso indireto livre, raramente utilizado nos textos jornalísticos, confere ao texto um tom, um efeito de protesto do sujeito enunciador.

3.9.7 Plano de Expressão

Se para cada plano de conteúdo podem existir vários planos de expressão, temos que cada plano de expressão refere-se a um significado diferente, em razão do suporte adotado, seja a imagem fotográfica, as letras e seus tipos, os sons, os recursos olfativos. O plano de expressão não é apenas aquele que expressa um conteúdo. Para Hernandes (2006, p. 3), “há grande número de textos que apresentam sentidos de expressão”.

No plano de expressão podemos reconhecer formantes figurativos ou plásticos, os quais dão acesso aos efeitos de sentido, mexendo com alguma coisa, acrescentando, tirando, mudando a ordem sensorial, ou para o jornal, reforçando ou mudando crenças, para motivar ações e desencadear deveres, desejos, etc. Cada texto vai se realizar por meio da linguagem ou da escolha do plano ou dos planos de expressão, a fim de manipular seus enunciatários.

Em busca desses efeitos de sentido, temos a categoria topológica ou lugar, aqui o jornal *O Progresso*. No espaço da página 02 – política/ editorial de importância geral, máxima, de responsabilidade do Estado e de responsabilidade também da população – o jornal tem interesse em discutir e promover a tensão.

Como o espaço tem no texto jornalístico uma valorização, a organização e as escolhas jornalísticas se dão em razão desse espaço. Assim, o texto ocupa o lado superior esquerdo do jornal e é escrito em letras grandes e com título num tom mais alto, de destaque gráfico, num sentido de valor reforçado, mais profundo, o que se realça com a seção política, escrita em letras maiúsculas e em negrito, cuja importância abrange a todos e promove o simulacro da seriedade e a disforização do não-índio. Isso provoca uma sensação de instabilidade aos

sujeitos enunciatários – tensão – ainda mais porque os editoriais correspondem aos primeiros textos do jornal, momento em que se desestabilizam os sujeitos enunciatários, o que no texto é feito logo nos dois primeiros parágrafos, quando o enunciador cria e sustenta a interação com o enunciatário por meio da apresentação do mistério – o suicídio –, partindo de uma estratégia de arrebatamento para uma de sustentação, em que busca prender a atenção para o problema, com a ausência de dados relacionados a datas, sujeitos genéricos, criando um simulacro de atualidade.

Quanto à ordem dos fatos, percebe-se uma valorização do fim e do meio em relação às causas, já que o suicídio é apresentado como algo enigmático, misterioso, no intuito de criar o efeito de misticismo, deixando o enunciatário pensar, refletir, num arrebatamento de sustentação.

Na diagramação, o texto está envolto por uma linha, o que confere a ele o *status* de perfeição, organização para o editorial, como se tentasse subverter opiniões sem deixar a sensação de que é o sujeito manipulador.

O texto é vazado pelo interdiscurso, pela incorporação de percursos temáticos e/ou figurativos de outro discurso. Um deles é o antropológico: “o único registro vivo da história e a origem do homem na face da terra”. Outro é o discurso dos ambientalistas: “Eles sim são os verdadeiros amigos da mãe-Natureza”. E ainda do homem civilizado: “Naturalmente que o homem civilizado também tem muitos problemas, como a inflação, o desemprego, a fome, a doença”. Esses discursos são citados numa relação mais polêmica que contratual, numa atitude de provocação, como se estivesse o sujeito enunciador conversando com o enunciatário, que provavelmente se considera um homem civilizado e que não tem atribuído a devida importância ao caso e busca se afastar da responsabilidade, justificando também ter problemas.

Esses diálogos interdiscursivos são feitos na tentativa de se afirmar pelo contrário daquilo que o homem índio é em relação ao homem não-índio: o primeiro não valoriza o registro histórico, a preservação natural, mas valoriza a inflação, o emprego, o materialismo.

3.10 - Força mística pode estar levando índio ao suicídio (Geral)

GERAL

Força mística pode estar levando índios ao suicídio

O suicídio entre índios da Reserva de Dourados, apesar de ser um assunto complexo, pode ter relações místicas porque eles acreditam muito no Págee-vai - seria o equivalente ao feitiço, apesar dos casos ocorridos até agora não terem uma explicação definida. O pastor da Igreja Metodista Paulo da Silva Costa que há 10 anos mantém contatos com os índios Terena e Kaiowá, acredita nessa possibilidade com base no depoimento de dois índios que tentaram se suicidar mas foram encontrados a tempo. Eles disseram, segundo o pastor, que sentiram uma sensação ruim naquele momento, e por isso queriam por fim a sua própria vida.

A Reserva Indígena de Dourados conta aproximadamente com 9 mil índios entre Terena e Kaiowá, e é a mais populosa do país. O pastor comentou que os casos de suicídios vêm ocorrendo com maior frequência a partir de 1967, e as vítimas são sempre na faixa de 14 a 20 anos. Quando ele iniciou o seu trabalho na reserva, no ano de 1978, não se ouvia falar muito nesses casos de suicídio. É a forma como eles dão fim a sua própria vida, por entorçamento, também intriga porque a sua própria cultura condena essa prática.

O pastor explicou que se for analisado caso por caso, talvez se tenha uma explicação. Na maioria das vezes o índio se suicida por motivos insignificantes, como a briga entre família, relações amorosas frustradas, mas esses

o argumento mais convincente", afirmou o pastor, lembrando, todavia, que "o índio vê as coisas de outra maneira e a questão é complicada pela própria religiosidade deles, muito abrangente", disse.

Porém, uma outra hipótese levantada é a desestruturação das comunidades indígenas hoje enfrentando problemas por questões de terra, a falta de assistência e a própria dificuldade de plantio de suas roças. O pastor contou o caso de dois primos que sonharam que tinham tomado veneno. Depois, em conversa um comentou com o outro sobre o seu sonho e o segundo disse que teve o mesmo sonho e por isso convidou o primeiro a tomar o veneno. O pastor comparou a situação como um copo d'água: apenas uma gota quando o copo está vazio não representa praticamente nada. Mas se o copo estiver cheio, uma gota seria o suficiente para transbordá-lo.

Assim, ele acredita que devem existir uma série de fatores que estão levando os índios ao suicídio e teme que isto se tome um círculo vicioso, com um chamando o outro para se matar. Mas isso, no seu entender, não representa propriamente que eles estejam se auto-extinguindo. "Se eles estiverem fazendo isso é inconscientemente", afirmou. O pastor chega a essa conclusão porque, em outras circunstâncias, o índio não teria motivos para se suicidar.

O suicídio também atinge casais, irmãos e primos. Existe

em lugar distante, não chegou no dia previsto. O pastor conta que no dia anterior ao suicídio esteve com essa índia e ela mostrava-se alegre e conversando normalmente, sem apresentar nenhum sinal de aborrecimento. O marido quando ficou sabendo do suicídio da esposa, adentrou na mata e foi encontrado enforcado.

MATURIDADE

"O que preocupa é o nível de frequência", comentou o pastor, lembrando que neste ano já foram registrados, pelas informações existentes, mais de 20 casos de suicídios, e número quase idêntico no ano passado. "Com raríssimas exceções acontece esses casos entre índios com mais de 20 anos", afirmou. Ele explicou que os índios alcançam a maturidade, conforme sua cultura, quando se casam. E o matrimônio muitas vezes ocorre com adolescentes de 14 a 15 anos, quando o índio passa a ter a responsabilidade pelo lar.

O índio quando chega a se suicidar, segundo o relato do pastor, não significa "a busca pela salvação; seria muito mais um gesto de socorro do que a busca de salvação", afirmou. Outro detalhe interessante é que apesar da reserva estar bem próxima da cidade, os índios vivem um mundo completamente diferente. "Ele vive isolado e o contato com a cidade é muito pouco". Por esse motivo, o pastor acredita que o maior inimigo do índio é a falta de informação do próprio homem civilizado em relação a ele".

Ele citou que muitas crian-

formação americanizada em relação ao índio, como aquela que passa nos filmes de bang-hang e uma visão exótica do índio brasileiro. O pastor comentou que existem levantamentos arqueológicos sendo desenvolvidos por professores da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

que registram a presença de fósseis humanos na região de Bela Vista e Antonio João, de 10 mil anos atrás. Ele chamou a atenção também para a semelhança oriental dos índios da região.

O pastor defende uma ampla discussão com a sociedade local para se tentar explicar

melhor esse mistério e se encontrar uma solução para conter esses casos de suicídio.

No próximo dia 23 de novembro acontecerá na reserva local a Prareí - uma festa religiosa, com rezas e danças que reunirá índios de toda a região e até mesmo de aldeias de Espírito Santo e São Paulo.

Membro do Cimi aponta causas

Hilário Paulus, membro do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), de Dourados, aponta pelo menos quatro motivos que podem estar levando os índios da reserva local ao suicídio: a falta de terra, a exploração da mão-de-obra, a promiscuidade nas destilarias de álcool e outros locais de trabalho, e finalmente as seitas pentecostais, ou seja, muitas igrejas e seitas dizem aos índios que seus costumes e objetos religiosos são coisas do demônio. Dizem também que quem não é batizado em alguma Igreja estaria com salamis. "Isto perturba os índios, cuja cultura é muito arraigada e decisiva para o seu dia-a-dia", afirmou.

Com relação a falta de terra, Hilário explicou que o povo Guarani-Kayová e Guarani-Nandeva ocupavam grandes extensões de terra para sua reprodução física e cultural. Viviam em aldeias onde o número máximo de pessoas chegava a 400. "Hoje, as áreas reservadas estão saturadas de indivíduos", afirmou.

As vezes a punição por algum erro cometido pelo índio é a transferência de área, "o que causa muitos transtornos, conflitos, miséria (diminuição

de roças", disse Hilário, acrescentando que isso antigamente não dava tanto problema. A falta de regularização das áreas, a situação de insegurança, medo, vontade de não fazer roça, são outros fatores citados por ele que podem estar contribuindo para aumentar os casos de suicídio.

VERGONHA

A exploração da mão-de-obra indígena é um problema sério. "Muitas vezes os índios são trepachados no pagamento pelos serviços prestados em roçadas, capinas, coleta de sementes e corte de cana. Trabalham muito e ganham pouco. Isto deixa o homem envergonhado diante da mulher e dos filhos", comentou Hilário, lembrando que "não há a curto prazo uma perspectiva de organizar o trabalho assalariado porque são muitos os que se beneficiam com isto, ganhando sem trabalhar, precisando apenas arremeter a mão-de-obra".

Mas a denúncia em relação a promiscuidade nos locais de trabalho é ainda mais grave. Segundo o integrante do Cimi, nas destilarias de álcool e outros locais de trabalhos "os que arremetam a mão-de-obra procuram levar mulheres

e moças para manter relações sexuais com os homens, o que é uma forma de fazer o trabalho atrativo". Porém, acrescenta "entra um agravante que é o fornecimento da bebida alcoólica aos índios, o que faz com que haja violência para garantir um programa com parceiros disponíveis. O homem que tem sua mulher envergonhada, fica envergonhado e embebeda-se e pode ir ao suicídio", concluiu.

Hilário, assim como o pastor Paulo da Silva Costa também concordam com a discussão desse problema com a sociedade para se encontrar uma alternativa. "Mas esta discussão deve ser feita com gente especializada. Senão os índios não ficam a vontade para falar", recomendou. Ele disse que esse problema de suicídios pode ser contornado se houver realmente disposição para isso.

Um fato que também despertando grande preocupação é que os casos de suicídio pelo enforcamento e entorçamento, só vêm ocorrendo atualmente de forma freqüente na Reserva de Dourados. As outras reservas do país agora não surgiram esse problema na mesma proporção.

3.10.1 - Nível Fundamental

Há um sujeito não-indígena que busca o objeto índio, a fim de conquistar o valor superioridade. O branco procura manipular o indígena com o intuito de desorientá-lo. São os objetos religiosos, a saturação das terras, a exploração da mão-de-obra, a promiscuidade, a bebida alcoólica, a violência, a incompetência para sustentar a família aos 15 anos o que o levam à necessidade de *saber fazer*, mas, por outro lado, está a incapacidade para fazê-lo, o que o faz sentir vergonha ou sujeito à cultura do misticismo.

Num primeiro percurso teríamos um sujeito que está em junção com a vida, mas que passa por uma transformação e se vê em disjunção com a vida, passando a buscar a morte, não como uma forma de se esvaír da vida, mas sim com a esperança de uma situação de vida melhor.

O sujeito é manipulado pelo *dever* e pelo *querer*: *dever* de cumprir com suas obrigações e o *querer fazer*, mas ao não *ter o saber*, nem o *poder para fazer* busca isso na cultura do não-indígena. E assim o indígena é julgado pelo destinador-manipulador da sociedade não-indígena por *não ter* competência, sancionando-o negativamente.

No processo de manipulação temos a tentação, uma euforização da liberdade e uma disforização da dominação.

3.10.2 - Categoria de Pessoa

O autor implícito ou destinador busca os enunciadores: “Pastor da igreja metodista Paulo Silva Costa”, alternando-os com a debreagem enunciativa – ele – a fim de promover mais objetividade. Outra voz presente é a do representante do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), Hilário Paulus, o que confere efeitos de distanciamento em relação aos fatos e de objetividade.

O enunciador destinador dá voz ao sujeito indígena, embora de forma indireta: “Eles disseram, segundo o pastor que sentiram uma sensação ruim naquele momento, e por isso queriam por fim a sua própria vida.” É o discurso indireto circundado pelo discurso direto:

O pastor explicou que se for analisado caso por caso, talvez se tenha uma explicação. Na maioria das vezes o índio se suicida por motivos insignificantes, como a briga entre família, relações amorosas frustradas, mas esses casos eram, até algum tempo, os considerados normais. Isto não seria o argumento mais convincente. Afirmou o pastor.

Trata-se de uma estratégia de veracidade e de imparcialidade criada pelo jornal, a fim de dizer que esta é a posição do pastor.

O que se percebe mediante a leitura do texto em questão é que, para o pastor, a desestruturação familiar e a questão da terra são hipóteses diferentes, ficando a primeira como a mais importante, relacionada à questão mística.

3.10.3 - Categoria de Tempo

O tempo projetado no texto é o momento da enunciação – o agora – numa projeção da debreagem enunciativa, criando proximidade entre enunciador e enunciatários. Trata-se de um presente histórico que reforça a permanência dos fatos e causas, desprestigiando as ações das autoridades competentes.

Temos um passado presentificado, uma ação que ainda existe: “O pastor da igreja metodista [...] mantém contatos com os índios Terena e Kaiowá, acredita nessa possibilidade com base no depoimento de dois índios que tentaram se suicidar [...]” e “[...] as vítimas são sempre na faixa de 14 a 20 anos.”

Outro aspecto a se destacar está no uso dos tempos verbais do título: “Força mística pode estar levando índios ao suicídio”. Uma perífrase verbal que suscita dúvidas, incertezas, até mesmo pela presença do gerúndio, o que se contrapõe ao subtítulo: “Membro do Cimi aponta causas”, em um aspecto de verdade pelo verbo no presente, com grau de incisão mais elevado. Diante disso, percebe-se que o jornal põe em paralelo as vozes do pastor e do membro do Cimi, que apresentam causas diversificadas em relação ao suicídio indígena – misticismo *versus* questões sociais.

3.10.4 - Categoria de Espaço

O primeiro espaço ao qual se faz menção é o espaço jornalístico – a seção geral – com assunto de importância coletiva e pouco específica para se publicar em outra seção mais específica, como cidades, política ou esporte.

A reserva indígena também se configura como um espaço, estando próximo à cidade. São áreas saturadas de indivíduos num mundo diferente, bem como o espaço de um pastor e de um membro do Cimi, este último ligado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), cuja finalidade, assim como a do pastor, é catequizar.

3.10.5 - Tematização e Figurativização

O texto é temático-figurativo, tendo em vista a presença de componentes temáticos abstratos: “Força mística pode estar levando índios ao suicídio”, e figuras, a concretização do aspecto temático: “O pastor contou o caso de dois primos que sonharam que tinham tomado veneno. Depois, em conversa um comentou com o outro sobre o seu sonho e o segundo disse que teve o mesmo sonho e por isso convidou o primeiro a tomar o veneno.” Há uma tentativa criada pelo texto e no texto de figurativamente contrapor o discurso evangélico-protestante ao discurso evangélico-católico e a figurativização da dominação ideológica cristã e a imposição do cristianismo aos indígenas: “[...] muitas igrejas e seitas dizem aos índios que seus costumes e objetos religiosos são coisas do demônio. Dizem também que quem não é batizado em alguma igreja estaria com o satanás [...]”, numa perspectiva interdiscursiva cujas intenções podem ser as de refletir sobre esta tentativa de dominação ideológica.

3.10.6 - Plano de Expressão

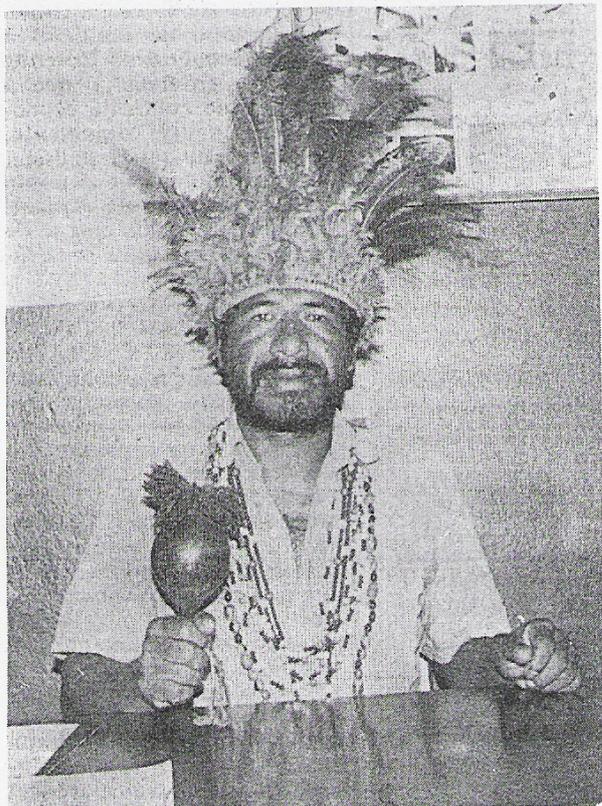
Quanto à categoria topológica, podemos dizer que o texto ocupa uma dimensão considerável da página da seção geral, sendo a primeira notícia dessa página.

No que se refere à categoria cromática, relacionada às cores, embora o jornal *O Progresso* tenha passado a se utilizar dos fotolitos coloridos a partir dos anos 1990, as edições que nos foram fornecidas junto ao arquivo do jornal são preta e branca.

Mediante esse texto, o jornal procura chamar a atenção do leitor por meio de letras grandes e do assunto místico. É uma estratégia de arrebatamento, seguida de sustentação, mediante a interpretação dos fatos ocorridos e os efeitos de atualidade – tempo, espaço – sem contar com a instauração da voz do Cimi. Por fim, o jornal procura a fidelização, a partir do momento em que deixa para o leitor tirar suas conclusões sobre as possíveis causas do suicídio indígena.

3.11 - Aconteceu mais um caso de suicídio entre índios (Primeira Página)

Aconteceu mais um caso de suicídio entre índios



O cacique Biguá, com seu cocar, colar e baracá (na mão), presentes dos seus ancestrais

Mais um caso de suicídio aconteceu esta semana na Reserva Indígena de Dourados. Desta vez, Roseli Dias, 17 anos, casada, mãe de uma filha, tomou veneno. Os seus pais não souberam ontem explicar os motivos da tragédia. Conforme informações extra-oficiais, com este sobe para 14 o número de casos de suicídio somente neste ano na Reserva. Mas algumas pessoas que trabalham com os índios acreditam que esse

número deva ser maior. O cacique Biguá, da aldeia Jaguapirú, acredita que os suicídios vêm ocorrendo, por dois problemas: o consumo excessivo de bebidas alcoólicas, apesar da venda ser proibida; e porque os índios não estão tendo condições de plantar para sua própria subsistência. "Se o índio tivesse trabalho, ele não teria tempo para pensar em suicídio", disse Biguá.

ÚLTIMA PÁGINA.

3.11.1 - Nível fundamental

Como categoria de base temos a oposição de base construída entre a vida e a morte.

3.11.2 - Nível Narrativo

No texto temos um percurso narrativo I (S indígena que busca um objeto O suicídio, a fim de aliviar o sofrimento, valor perseguido). Há ainda um plano narrativo II: um sujeito indígena que busca o álcool como objeto, a fim de conquistar o valor, alívio dos sofrimentos.

Temos um sujeito destinador manipulador – a sociedade ocidental cristã – que manipula e faz o índio acreditar, por meio da estratégia de intimidação, no *saber fazer* para alcançar êxito, mas que, ao perceber que não tem o *poder fazer*, busca o objeto, primeiramente o álcool, para amenizar o problema, já que este o leva a crer no poder de *fazer* e no *saber* que o faz não-sofrer. Posteriormente, o sujeito índio busca o suicídio, provocando a morte, para alcançar o não sofrimento.

Em um terceiro percurso narrativo, temos o sujeito índio manipulado pelos valores da sociedade – o sujeito destinador-manipulador capitalista – que provoca a necessidade de conquistar seu sustento mediante o trabalho-capitalismo e faz o sujeito indígena acreditar que ele tem o *dever de saber* e o *poder fazer*.

3.11.3 - Nível Discursivo

Na primeira página, a notícia, embora apresente uma das causas para o suicídio na bebida, para ofuscar a causa principal, a falta de condições básicas para a vida do indígena exige dos governantes ações financeiras, investimentos para amenizar o problema.

O enunciado, ao discutir o suicídio de Roseli Dias, 17 anos, e buscar interlocutores, informações extra-oficiais, os pais da jovem suicida, algumas pessoas que trabalham com os índios, o cacique, procura criar o simulacro de objetividade e de aproximação em relação aos fatos. Trata-se de um aspecto construído pelo texto a fim de chamar a atenção, tendo em vista estar ele na primeira página. A foto do cacique Biguá serve como uma prova de uma realidade inquestionável, a fim de *fazer crer*, criando um aspecto de objetividade, notoriedade, crédito. Biguá aparece com seu cocar, colar e baracá, num reforço de sua autoridade entre os índios.

Nessa chamada de primeira página há uma síntese da notícia e aparecem, assim, termos do tipo como “tragédia”, o que confere um certo sensacionalismo ao texto, bem como

a apresentação do alcoolismo como um dos problemas causadores do suicídio, com o intuito de camuflar a causa principal: falta de terras e de condições de trabalho para os indígenas das aldeias da região, uma causa social que depende mais das estratégias externas à tribo do que interna aos grupos indígenas.

3.12 - Aconteceu mais um caso de suicídio entre índios (Seção Polícia)

Aconteceu mais um caso de suicídio entre índios

Mais um caso de suicídio aconteceu esta semana na Reserva Indígena de Dourados, a mais populosa do país, com aproximadamente 9 mil índios Terena e Kaiowá, que vem sendo conhecida nacionalmente por causa dos enforcamentos e envenenamentos que vêm acontecendo com certa frequência ultimamente, sendo a maioria das vítimas jovens na faixa de 14 a 20 anos. Desta vez Roseli Dias, 17 anos, casada, mãe de uma filha, tomou veneno.

Os seus pais não souberam ontem explicar os motivos da tragédia. Há cerca de 10 meses atrás, já havia acontecido um outro caso de suicídio entre a família: Mauro Dias, de apenas 21 anos, deu fim a sua própria vida se enforcando numa árvore.

Conforme informações extra-oficiais, com este sobe para 14 o número de casos de suicídio somente neste ano na Reserva. Mas algumas pessoas que trabalham com os índios acreditam que esse número deva ser maior.

O cacique Biguá, da aldeia Jaguapirú, portanto, contesta essa hipótese e diz que todos os casos são comunicados à Funai e esta, por sua vez, à Polícia. Apesar da complexidade do assunto, discutido por missionários, religiosos e psicólogos (recentemente uma psicóloga da Funai esteve no local fazendo um levantamento dos casos de suicídio), os índios têm uma explicação bem simples para o problema. O capitão Biguá, por exemplo, contou que essa questão tam-

bém tem sido discutida nas reuniões entre as lideranças da aldeia. Para eles, isso ocorre por dois problemas: o consumo excessivo de bebidas alcoólicas, apesar da sua venda ser proibida, conforme o Estatuto do Índio; e porque os índios não estão tendo condições de plantar para sua própria subsistência. "Se o índio tivesse trabalho, ele não teria tempo para pensar em suicídios", disse Biguá.

A razão, portanto, de muitos estarem se suicidando também está ligada às condições da família, pois, enquanto os índios cuidam das roças, elas tratam das crianças e ficam ocupadas com isso. Já os casos de jovens terem praticado suicídio, segundo Biguá, da mesma têm a ver com a situa-

ção do próprio pai. Para não dar mais incômodo para a família, a jovem ou o jovem, acaba dando fim a sua própria vida, pois, pensam que assim estarão deixando de sofrer.

"Agora, se o índio tiver condições de trabalhar, ele não vai procurar fazer isso", insistiu o cacique, acrescentando que a maioria dos índios da reserva vive em precárias condições e não tem dinheiro sequer para o plantio da sua roça. "O índio está carente", afirmou, lembrando que as entidades de apoio, como a Funai, deveria se preocupar mais com a situação dentro da reserva. "Eu nasci e me criei aqui e entendo que o problema dos suicídios é fácil de se resolver. É só dar condições para ele viver, pois, hoje em dia o índio está esquecido", afirmou.

3.12.1 - Nível Fundamental

Apresentando o mesmo título da chamada de primeira página, o texto traz o mesmo percurso fundamental e narrativo. Dessa forma, em consonância com a chamada acima citada, temos o sujeito índio que, por não ter trabalho – objeto – que o leve ao alcance da subsistência, recebe o sofrimento dele e de outros. Assim, o sujeito busca no objeto suicídio

um *poder fazer*, a fim de alcançar o não-sofrimento, o “deixar de sofrer”, conforme sua espiritualidade. No texto percebe-se que há uma euforização e uma disforização da morte, em acordo com a situação e o contexto.

O sujeito índio, ao se ver incapaz de alcançar o valor – não sofrimento –, sai de uma posição de euforização da vida para uma disforização, pois acredita na morte como uma fuga do sofrimento. Por outro viés, o indígena, na sua relação enquanto sujeito que busca um objeto-suicídio como forma de conquistar o não sofrimento, tem a vida euforizada pelo enunciador e a ação de buscar no enforcamento ou no envenenamento sancionada negativamente pelo sujeito destinador-manipulador, pois, pelo contexto, a euforia é dada à morte, tendo em vista estar inclusa na seção polícia. Caso ela, a morte, ou mais especificamente, a violência contra si mesmo não ocorresse, não haveria necessidade do texto na seção polícia.

Quanto aos efeitos anteriores que imobilizam ou estimulam o sujeito, temos as paixões, a amargura. Há um ser que *quer ser* ou *crê* no fato de que por meio do objeto trabalho alcançará o valor almejado: “Se o índio tivesse trabalho, ele não teria tempo para pensar em suicídio”, no entanto, ao saber não *poder ser* o e não *crer* no *ser*, ocorre uma insatisfação e decepção, o que provoca ou leva ao suicídio.

3.12.2 - Nível Discursivo

No tocante às concretizações mediante as escolhas temporais de pessoas, de espaço e de figuras e de tempos na enunciação, com o intuito de enriquecer a narrativa semanticamente, vamos à instauração das pessoas no plano discursivo, verificando as vozes e os efeitos de proximidade, distanciamento, objetividade, subjetividade conferidos ao enunciado mediante a inserção das vozes no texto. Vozes estas que são construídas no texto e projetam um eu da enunciação responsável pela criação de efeito de proximidade, debreagem enunciativa, ou um efeito de distanciamento, por meio da debreagem enunciativa ao ocultar as pessoas, no discurso, ou melhor, apresentar as vozes implicitamente.

3.12.3 - Categoria de Pessoa

No texto temos um enunciador, um eu da enunciação que procura criar, buscando um narrador ou vários, a fim de apresentar as palavras alheias, as quais podem estar em desacordo com suas posições. Esse narrador projeta enuncivamente, o que apenas se torna visível quando inferimos serem os textos da seção polícia produzidos por um sujeito repórter policial, responsável pela cobertura do acontecimento, pelo filtro e pela construção do texto. A opção pelo eu enuncivo, narrador atribui um sentido de distanciamento em relação aos fatos.

Quanto ao uso dos interlocutores, temos a presença, primeiramente, dos pais da indígena, Roseli Dias: “os seus pais não souberam ontem explicar os motivos da tragédia [...] já havia acontecido um outro caso de suicídio entre a família, Mauro Dias, de apenas 21 anos, deu fim a sua própria vida”. Essa menção à família da indígena “suicida” é feita em 3ª pessoa do plural: “os seus pais”. Na narrativa em 3ª pessoa, o narrador não participa dos acontecimentos.

[...] só as narrativas em primeira pessoa teriam narrador [...] pois o que se considera narrativa em terceira pessoa não é aquela em que o narrador diz ou não eu, embora no naturalismo, por exemplo, o narrador nunca devesse enunciar-se, dado que os fatos deveriam narrar-se por si mesmo, mas aquela em que ele não participa dos acontecimentos narrados (FIORIN, 2002, p. 104).

Ainda segundo Fiorin:

[...] com a terceira pessoa qualquer coisa é predicada, pois ao não implicar nem um eu nem um tu pode representar qualquer sujeito. Ou conforme Benveniste no ‘ele’ ou ‘eles’ há uma correlação de impessoalidade, uma perda do referente, um não eu (2002, p. 60).

A utilização da 3ª pessoa alude à tentativa de provocar o efeito de objetividade e de distanciamento em relação aos fatos narrados, bem como a noção de veracidade. Tentativa esta também observada ao se buscar o uso do discurso indireto, já que o discurso citado está subordinado ao discurso citante.

A voz dos órgãos oficiais também se faz presente; ela é citada pelo enunciador: “conforme informações extra-oficiais, com este sobe para 14 o número de casos de suicídio”.

Isso pode ser uma tentativa de criar o simulacro da objetividade, embora tenhamos a presença de expressões nominais não definidas em relação a quais informações e a qual órgão ou entidade se referem, o que provoca um tom de dúvida em relação à informação correspondente à quantidade de suicídios. É uma tentativa de provocar comoção por parte dos enunciatários.

Trata-se de um efeito de sentido que se pode confirmar por meio do uso da conjunção adversativa “mas”: “mas algumas pessoas que trabalham com os índios acreditam que esse número deva ser maior”, buscando a voz de um locutor: “algumas pessoas que trabalham com os índios”, procurando, mesmo de forma indefinida, descompromissada com a “verdade” dos fatos, uma posição mais próxima, já que “trabalham com” e podem atuar como argumentos de verdade, mesmo estando o texto utilizando o verbo no futuro do subjuntivo: “que esse número deva ser maior”. Isso confere um efeito de sentido de possibilidade, dúvida em relação à informação que esse locutor apresenta.

Ainda no intuito de promover à notícia o simulacro de *status* de veracidade, o narrador utiliza o discurso do locutor, o “cacique Biguá, da aldeia Jaguapiru”, que é na maior parte do texto interpretada pelo narrador, usando o discurso indireto: “O cacique Biguá, da aldeia Jaguapiru, portanto contesta essa hipótese e diz que todos os casos são comunicados à FUNAI”; ou: “O capitão Biguá, por exemplo contou que essa questão também tem sido discutida nas reuniões entre as lideranças da aldeia”. Existe uma projeção por parte do enunciador do discurso de um interlocutor por meio do narrador, utilizando o discurso indireto, o que nos remete a um descompromisso ou a uma desvalorização das palavras relatadas.

Ao falar ainda da voz do cacique, percebe-se que, no texto, tem-se também a voz do Biguá interlocutor, sendo utilizado sob forma de discurso direto, acompanhado pelas aspas: “Agora se o índio tiver condições de trabalhar, ele não vai procurar fazer isso” e “O índio está carente”, ou “Eu nasci e me criei aqui e entendo que o problema dos suicídios [...] está esquecido”. Esses recursos propiciam um efeito de realidade, de objetividade, ao mesmo tempo em que o locutor se exime de quaisquer responsabilidades em relação aos fatos, já que aquele que é citado de forma direta, embora seja “pinçado” pelo enunciador e discutido pelo narrador, conforme seu próprio interesse e ideologia, a fim de fazer o enunciatário crer no que é dito, funciona como uma tentativa ou estratégia argumentativa, cuja intencionalidade subjacente é a de construir no texto uma explicação objetiva acerca das causas do suicídio.

3.12.4 - Categoria de Tempo

Para estudo da categoria temporal no texto é preciso mencionar o fato de que o tempo pode estar ligado ao momento da enunciação ou aos momentos de referência instalados no texto: momento da enunciação, o tempo da narração, o tempo ou o momento da referência, do fato narrado e o momento do acontecimento, o que pode ser posterior ou anterior ao tempo do fato narrado. Conforme Benveniste (*apud* Fiorin, 2002, p.142), “o tempo é produzido no e pela enunciação e está ligado ao exercício da fala, sendo reinventado a cada vez que o enunciador enuncia, pois a cada ato de fala há um tempo novo, ainda não vivido.”

Tendo por base as constatações de Fiorin (2004), o trabalho de análise da categoria temporal busca a projeção da temporalização por meio das embreagens e das debreagens. A primeira corresponde à projeção no enunciado a partir das trocas de um tempo verbal por outro. É a utilização de tempo presente no lugar de tempo passado. É o futuro no lugar de presente, ou seja, o manuseio do aspecto verbal com vistas a um efeito de sentido diverso ao enunciatário. O segundo, a debreagem, corresponde à criação da categoria temporal à qual pode se dar de forma enunciativa, que projeta na enunciação o tempo, criando efeitos de aproximação, o agora, enquanto a forma enunciativa busca ocultar o aspecto temporal, o aqui-agora, atribuindo objetividade ou distanciamento ao fato.

Assim, o texto “Aconteceu mais um caso de suicídio entre índios” tem um momento de referência, “esta semana”, na frase: “Mais um caso de suicídio aconteceu esta semana na Reserva Indígena de Dourados”, que é uma projeção temporal enunciativa, ou: “por causa dos enforcamentos e envenenamentos que vêm acontecendo com certa frequência ultimamente”, o que já indica um passado mais próximo que se projeta hoje, denotando algo contínuo, o que se reforça mediante o uso do verbo no presente “sobe” no lugar do pretérito perfeito, uma embreagem temporal de presentificação confirmada no uso da expressão “Neste ano”.

A utilização do advérbio ontem – “Os seus pais não souberam ontem explicar os motivos da tragédia” – remete-nos a um tempo posterior ao momento do acontecimento (“esta semana”), o que provoca o efeito de distanciamento diante do acontecido e uma relação aspectual de presente histórico continuado, em construção, reforçado mediante o uso dos tempos verbais no presente adotados no discurso do interlocutor – Biguá – sejam eles apresentados mediante o discurso direto, ou discurso indireto: “contesta”, “diz”, “são

comunicados”, “os índios têm uma explicação”, “Para eles, isso ocorre por dois problemas” e “porque os índios não estão tendo condições de plantar”.

Por outro lado, há no texto uma projeção para o passado e futuro do pretérito: “Se o índio tivesse trabalho, ele não teria tempo para pensar em suicídio”, o que marca uma incerteza, uma dúvida em relação à mudança do quadro de suicídio por meio das marcas de condicional cedidas pelo uso, no texto, do pretérito imperfeito do subjuntivo, numa ação contínua e incerta, bem como o futuro do pretérito e a substituição, embreagem entre o presente, o infinitivo e o gerúndio que marcam o acontecido. As iniciativas necessárias a serem tomadas vêm perpassadas pelos tempos futuro do imperfeito do subjuntivo: “Agora, se o índio tiver condições de trabalhar”, ou futuro do pretérito: “A Funai deveria se preocupar mais com a situação dentro da reserva”, o que marca uma incerteza quanto às medidas a serem tomadas.

Em resumo, podemos dizer que o suicídio de Roseli Arruda, narrado no início da notícia em pretérito perfeito, funciona como pano de fundo para a discussão da causa dos suicídios indígenas, o que é feito a fim de provocar o efeito de sentido de ações contínuas e que não têm inversão, o suicídio, já que desacreditam das atitudes dos governantes.

3.12.5 - Tematização e Figurativização

Quanto aos níveis de concretização do sentido, mais abstrato ou mais concreto, temáticos ou figurativos, o texto em questão faz uso do nível temático conceitual interpretativo, uma explicação sobre a realidade, já que o suicídio é uma questão um tanto obscura e que necessita de estudos mais aprofundados, especialmente no que se refere à cultura indígena, cuja religiosidade, cujo misticismo tem grande influência nas decisões, tanto individuais quanto coletivas.

3.12.6 - Plano de Expressão

No que se refere ao plano de expressão, percebe-se a tentativa de arrebatamento, mobilizando a atenção do enunciatário, a fim de motivá-lo: “Aconteceu mais um caso de suicídio entre os índios”. Vejamos: “mais um”, o que destaca uma frequência dos fatos, ao mesmo tempo em que enfatiza, numa função de adjetivo intensificador, quantidade. Apresenta-se a narrativa dos fatos do suicídio, disforizando as mortes que ocorrem em Dourados com certa frequência:

Mais um caso de suicídio aconteceu esta semana na Reserva Indígena de Dourados, a mais populosa do país, com aproximadamente 9 mil índios Terena e Kaiowá, que vem sendo conhecida nacionalmente por causa dos enforcamentos e envenenamentos que vêm acontecendo com certa frequência ultimamente, sendo a maioria das vítimas jovens na faixa de 14 a 20 anos. Desta vez Roseli Dias, 17 anos, casada, mãe de uma filha, tomou veneno (*O Progresso*, 21 nov. 1990).

Adotada a estratégia de mobilização, acrescentam-se as explicações acerca das causas do suicídio com a participação de locutores e de interlocutores – estratégia de relaxamento – fechando com o depoimento indígena: “Eu nasci e me criei aqui, afirmou.”

Quanto aos tipos gráficos, ou a tipografia adotada no texto, Hernandez (2006) argumenta que o visual também é um veículo de sentido, ou construto do verbal, simulando a riqueza da variação da voz humana, podendo ser mais sério ou mais leve, elegante, austero, o que também representa valorização da notícia. Podemos perceber que o texto traz o título com letras em negrito, o que busca simular a intensidade e a gravidade do problema. Assim, esse texto faz uso de um tom mais alto, com a correspondente de maior valor, mais atenção e maior respeito, tendo em vista a maior ocupação do espaço jornalístico.

Além da ocupação do espaço, a posição em que se encontra a notícia, ao lado do plantão policial, e sendo uma das primeiras, reforça-se sua intensidade. Podemos dizer que no texto há uma remissão ao lugar, que parte do mais próximo, “entre os índios”, marcando um problema indígena na “Reserva Indígena”. Depois, existe a busca pelo ambiente familiar como tentativa de buscar uma justificativa para o suicídio, possível causa nesse ambiente: “já havia ocorrido outro caso de suicídio entre a família”. Assim, posteriormente, há menção ao local do outro suicídio ocorrido dentro da família, “a árvore”. Por fim, o enunciador retoma a categoria espacial por meio do aspecto físico onde ocorreu o suicídio, a Reserva: “sobe para

14 o número de casos de suicídio somente neste ano na Reserva”, que é conhecida nacionalmente pelos episódios de enforcamento, sendo a mais populosa do País, apresentando pressupostos físicos que marcam as causas dos problemas: 3.000 ha para 12 mil indígenas (RIPPER, 2007, p. 01)

Trata-se de uma situação tão conhecida que leva o enunciador a utilizar os determinantes definidos por meio do uso do artigo definido em conjunção com a preposição em: em + a = na Reserva, ou o de+ a = da, “da aldeia Jaguapiru”, a fim de reforçar a incidência dos casos de suicídio nas aldeias de Dourados. Já ocorreram 14 ou mais, conforme os que trabalham com os índios, o que demonstra, com clareza, a existência dos “casos”. Por outro lado, temos a obscuridade das causas para aqueles que estão a observar os fatos: “apesar da complexidade do assunto”, discutido por missionários, religiosos, psicólogos, se contrapõe a opinião dos indígenas, que mencionam ter uma explicação muito simples para o problema: “os índios tem uma explicação bem simples para o problema.”

Por fim, o texto retoma os espaços, utilizando expressões nominais do tipo, “local” e “reserva”, o que nos situa em um lugar mais imparcial. Fecha-se o texto com uma debragem espacial, “aqui”, marcando uma aproximação que confere ao texto um tom de seriedade e de objetividade em relação à temática.

3.13 - Frentista de posto suicida-se com um tiro; indígena morre enforcado (Primeira Página)



3.13.1 - Nível Fundamental

Na tentativa de chamar a atenção para a sucessão de fatos, as modalizações dos sujeitos diante de um contrato pré-estabelecido entre as partes, os sujeitos do enunciado que serão discutidos na página policial, percebemos que, como estratégia de arrebatamento, o enunciatário faz uso da categoria discursiva topológica em que o texto aparece como a primeira notícia, o que exige uma maior atenção. Notamos implicitamente uma euforização da violência como um meio de atrair a atenção dos leitores e explicitamente a disforização da violência, a fim de marcar o papel social do jornal.

Quanto à manifestação tipográfica, faz uso do tipo *arial*, em negrito, com fundo cinza, numa valorização da notícia, e com letras grandes, retratando a tensão, o drama, a necessidade de reflexão que envolve a temática – o suicídio – tanto do frentista quanto do indígena.

Além desses recursos, estratégias de arrebatamento, também temos a ausência dos artigos diante de frentista e de indígena, o que confere sentido genérico – objetividade – ao mesmo tempo em que busca, por meio do pronome reflexivo – “Frentista de posto suicida-se com um tiro” – uma ação praticada pelo sujeito frentista e sofrida por ele mesmo como algo que ressalta sua própria ação – suicidar-se. Por outro lado, em “indígena morre enforcado”, o verbo morrer, embora esteja seguido pelo advérbio de modo “enforcado”, não denota sentido de um sujeito que pratica a ação de se enforcar, o que ameniza o suicídio, como se alguém tivesse enforcado o indígena. Por meio dessas considerações, acreditamos que essa materialidade lingüística promove um efeito de sentido de destacar a ação do suicídio praticado por outra classe – o frentista.

Em contrapartida, a ação do frentista já é tão constante entre os indígenas que o enunciador deixa implícita a informação de que o indígena também praticou suicídio. Essa construção também nos leva à inferência, ao *background* do enunciatário, já que o enforcamento é enunciado juntamente com o suicídio do frentista, o que não é tão comum quanto é a morte por enforcamento entre os indígenas.

Os verbos presentes no enunciado são utilizados no presente histórico. Trata-se de uma estratégia de embreagem na qual ocorre uma substituição do pretérito perfeito – “suicidou-se” – pelo presente – “suicida-se” e “morre”, o que, conforme Fiorin (2002, p. 155) corresponde a “um olhar que se orienta para o exterior.”

Para Chareaudeau (2004, p.88),

Cabe ao discurso de informação dar condições de veracidade, autenticar os fatos, descrevê-los, de maneira verossímil, o que leva o enunciador a fazer uso do presente e de objetos, conteúdos aprendidos, acabados, passado que o jornal procura opor-se, tendo em vista ser um veículo midiático em busca de um sentido de verdade que salta aos olhos.

A atualidade, cujo presente exime a distância entre o aparecimento do acontecimento e o momento da informação – o momento da contemporaneidade –, corresponde a um dos operadores de construção do acontecimento midiático importante para a primeira página, tendo em vista ser ela gancho para a notícia presente na última página, a seção polícia.

3.14 - Frentista de posto atira contra sua própria cabeça e índio enforca-se (Seção Polícia)



3.14.1 - Nível fundamental

No texto ora em questão, vida e morte são duas categorias presentes na base textual em que o sujeito se encontra, num primeiro momento, em estado de relaxamento, por possuir os objetos necessários à aquisição da felicidade, mas num segundo plano ele entra em disjunção com o objeto que lhe proporcionava a felicidade e assim a vida, o que o faz entrar

em estado de tensão, provoca-lhe o suicídio, por acreditar no fato de que essa ação lhe proporcionará a conjunção com o objeto de valor – vida e felicidade.

Trata-se de um sujeito que passa de um estado de esperanças e de direitos – não frustração – para um estado de cólera gerado por uma frustração, um descontentamento em relação à capacidade de *poder* e o *crer fazer* que o modifica, pois a impossibilidade da conjunção com o objeto leva-o à liquidação da falta contra o sujeito manipulador mediante o suicídio. Passa-se então a representar a não compactuação com as atividades pré-estabelecidas pela sociedade civilizada, a hostilidade em relação a ela – por meio da morte, da fuga – a fim de se afastar das sanções impostas pelo destinador manipulador, partindo para o plano divino em busca do Paraíso.

3.14.2 - Nível Narrativo

No texto em questão, temos a presença de uma narrativa que tem como sujeitos o frentista e o indígena, ambos ceifando suas vidas por meio do suicídio. O sujeito indígena busca um objeto – a corda – a fim de alcançar um valor – a morte –, enquanto o frentista busca outro objeto – uma arma de fogo.

Tendo em vista a tentativa dos sujeitos de estarem em conjunção com o objeto – arma de fogo e corda –, a fim de alcançar um valor – a morte –, não é apresentado pelo enunciador diante do mistério que perpassa os casos de suicídio o que levou o frentista e o indígena a procurar a fuga, a morte: “por motivos que a Polícia Civil de Dourados ainda não sabe.”

O sujeito não alcança o valor almejado, conforme o contrato fiduciário estabelecido entre ele e o sujeito destinador manipulador, o que o leva a ser julgado negativamente pela sociedade civilizada, pois não cumpriu com o seu *dever fazer* diante da constatação de que *quer*, mas não tem o poder para fazer conforme o destinador espera que seja feito. Dessa forma, os sujeitos crêem que tem o poder de fazer por meio de objeto suicídio, o que pode para o frentista ser considerado como um castigo imposto pela sociedade manipuladora que conferirá ao sujeito prêmios, o alívio dos problemas, livrando-o dos problemas segundo a ideologia ocidental cristã por intermédio da chegada ao paraíso, à vida eterna. Dessa forma,

percebe-se que há uma disforização da vida e uma euforização da morte por parte dos sujeitos.

Dentre os tipos de manipulação cometidos pelos manipuladores, inferimos que tenha sido o de tentação e o de intimidação: se não realizar, não recebe o prêmio, ou se não realizar a ação, nunca mais receberá o prêmio.

3.14.3 - Nível Discursivo

Conforme anteriormente mencionado, esse nível corresponde à concretização do nível fundamental, enriquecendo semanticamente a narrativa por meio da escolha e da organização das categorias de tempo, espaço, pessoa, figuras, temas. São as projeções de tempo, espaço, pessoa e os níveis de discurso adotados. De acordo com Chareadeau (2004), para que haja manipulação, alguém tem a intenção de *fazer-criar* a outro, alguém, alguma coisa, para fazê-la pensar e agir, a fim de trazer proveito ao primeiro: “[...] a mídia vive em razão do tempo, espaço, acidente. Aquilo que acontece deve ser convertido em notícia” (CHAREADEAU, 2004, p. 254).

Dessa forma, o que é criado conforme a situação de enunciação é um espaço da enunciação, um tempo da enunciação e uma pessoa da enunciação – o discurso. Um eu, um espaço – um aqui – e um tempo que pode atribuir sentido de objetividade, realidade, subjetividade e proximidade, quando não projeta um lugar, um tempo, a debreagem enunciativa, ou enunciativa, um “eu”, um “aqui” e um “agora.”

3.14.4 - Categoria de Pessoa

Por meio do texto podem ser aprendidas as vozes, sejam elas de um autor implícito, enunciador, que relate dois casos de suicídio, começando por apresentar os sujeitos como duas “pessoas”, “elas”, na 3ª pessoa do plural, numa atitude de perda do referente de não pessoa, conforme observa Fiorin (2002, p. 60), representando qualquer pessoa, ou de incerteza, o que

pode ser conferido mediante o uso das expressões indefinidas: um, outro, duas pessoas: “Duas pessoas no último final de semana praticaram suicídio”; depois: “[...] um atirando com uma pistola em sua cabeça”; e outro: “[...] enquanto outro, com uma corda praticou suicídio”. São expressões que ecoam com sentidos de incerteza, dúvida em relação às causas do suicídio e também procurando provocar o efeito de arrebatamento nos enunciatários.

Num segundo momento, temos uma 3ª pessoa do singular: “O indígena Alceu Duarte Vieira, de 18 anos” e “Ele amarrou uma corda numa madeira da cobertura de seu barraco”.

Há no texto um fator chamado por Fiorin (2002, p. 73) de pessoa transplantada, “[...] o que corresponde à citação pelo narrador do discurso de outrem e não apenas palavras”. No texto ora em questão: “Por motivos que a polícia civil de Dourados ainda não sabe, mas está investigando”, ou: “por motivos que seus familiares desconhecem”, reportados mediante o discurso indireto, sem valorização do aspecto citado, o qual é submetido à palavra do citante como uma forma de interpretar os fatos, a fim de promover o simulacro de objetividade.

3.14.5 - Categoria de Tempo

A começar pelo título da manchete policial temos uma debreagem enunciativa temporal por meio de um presente no lugar do pretérito perfeito: “Frentista de posto atira...”, seguido de verbo na voz reflexiva: “[...] índio enforca-se”, o que transfere o momento de referência para o agora, presentificando o ato promovido pelos envolvidos. Outra marca enunciativa está na expressão: “[...] último final de semana, no sábado”, marcando distanciamento e objetividade, tendo em vista o aspecto atemporal dessas expressões, que aparentam ocorrer em qualquer sábado ou qualquer final de semana, numa tentativa também de presentificar os fatos.

3.14.6 - Categoria de Espaço

Além do espaço lingüístico – a manchete policial – onde se percebe implícita a valorização do acontecimento como objeto necessário para a existência da notícia, há a

presença dos lugares, dos espaços – “barraco em construção” e o “pescoço”: “Ele amarrou uma corda em uma madeira da cobertura do seu barraco em construção e outra ponta atou em seu pescoço.” Apresenta-se aqui de forma indefinida, como último espaço, ou lugar escolhido para a morte – talvez uma libertação que indica um sufocamento do ambiente. Não há lugar e se não há lugar, não há pessoa.

No que se refere ao nível discursivo, mais especificamente aos formantes plásticos, verifica-se que a manchete está posicionada como primeira manchete da última página ou da página policial, o que indica a valorização dada aos fatos.

3.14.7 - Tematização e Figuratização

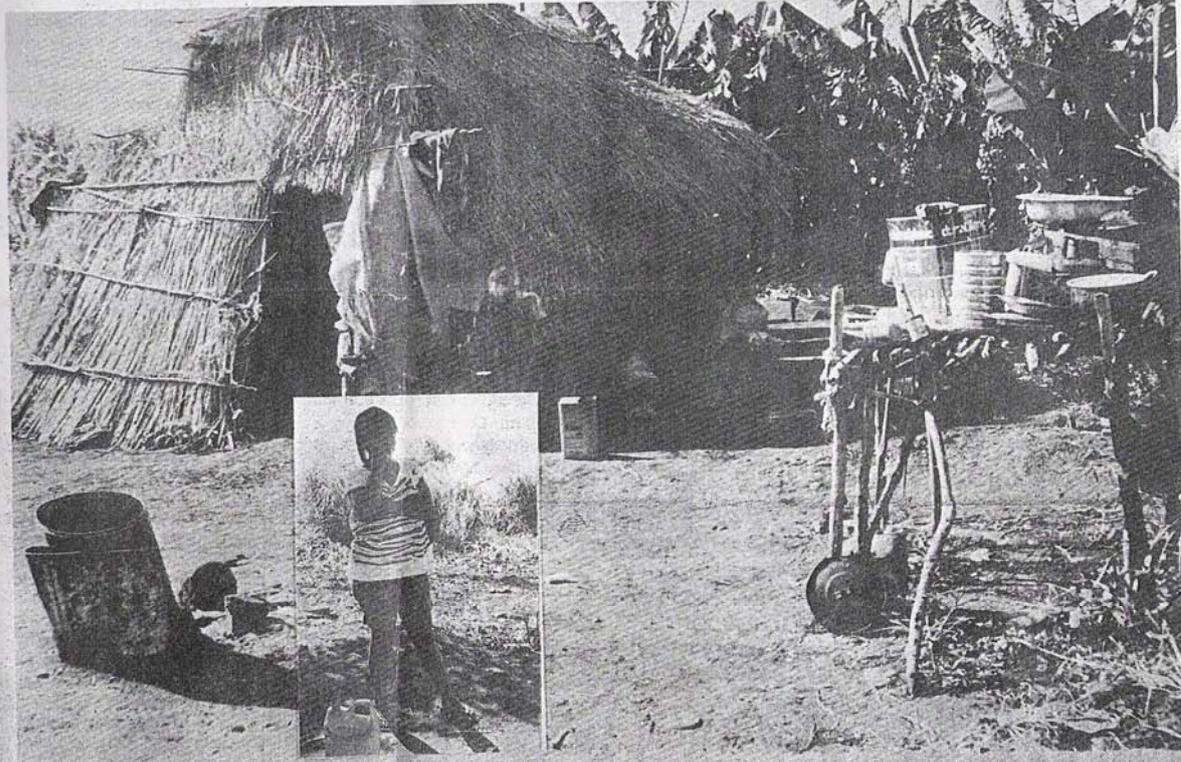
O texto é figurativo, à medida que apresenta uma narrativa, uma estrutura concreta, trama e desenvolvimento de um suicídio, procurando reproduzir todas as ações e suas causas, o que ao ato confere um efeito de realidade. No entanto, por trás do espetáculo narrativo, há um nível abstrato, temático que aqui se configura como sendo a violência.

3.14.8 - Plano de Expressão

Apresenta-se o mesmo aspecto que o mencionado na análise do texto 3.13

3.15 - Com recursos onda de suicídio pode acabar (Primeira Página)

Com recursos, onda de suicídios pode acabar



O Governo anunciou recursos de Cr\$ 2,3 milhões para o incentivo ao plantio de lavouras na Reserva Indígena de Dourados. O chefe do Posto, o índio Edemilson Ortiz Neves, disse que esses recursos poderão viabilizar o aumento da produção agrícola da área. Por sua vez, o cacique Ailton de Oliveira, o "Biguá", acredita que o incentivo à agricultura pode conter a onda de suicídios. Já o índio Jorge Paredes - terena -, entende que "os indígenas vêm se matando, não "por causa da feitiçaria conforme foi divulgado pela imprensa a nível nacional", mas sim, "porque eles vivem desesperadamente, sem apoio de ninguém, cada vez mais discriminados e explorados". O suposto surto de tuberculose na Reserva, "não passa de sensacionalismo para vender jornais", segundo Paredes. Páginas 5 e 8 do 1º caderno.

A controvérsia toma conta da situação dos índios. Enquanto alguns possuem boas áreas para cultivo, veículos e equipamentos, outros, sem condições, arrendam suas terras e moram em ocas que mostram bem a realidade na maior reserva do país. No destaque, a índia de 18 anos, moradora do local, disse ontem à reportagem de O PROGRESSO que não quer se suicidar, apesar de toda a miséria.

3.15.1 - Nível Fundamental

Há no texto um sujeito indígena que busca o objeto – os recursos financeiros – a fim de obter o valor – a vida – e que é manipulado pelo sujeito destinador manipulador – a sociedade civilizada –, que espera que os indígenas possam ter o *saber* e o *poder* para tal atividade – gerar divisas, recursos. Segundo o percurso narrativo canônico, eles, os indígenas, podem ser manipulados pelo *querer* ou pelo *dever*. Este dever manipula as ações do indígena: “[...] não quer se suicidar, apesar de toda a miséria.” Há uma euforização da vida e uma disforização da morte. Existe um querer que é contrariado por um suposto *dever* que se estabelece caso o sujeito indígena não alcance ou cumpra o contrato estabelecido entre o destinador manipulador – sociedade não-indígena – e o indígena, o que faz o indígena acreditar que não tem competência, por não cumprir o *dever*, o que faz o destinador

manipulador sancioná-lo negativamente, tendo como *dever* o suicídio, mesmo sendo contra o seu *querer*.

Assim, teríamos o percurso narrativo de um sujeito indígena que:

1. Está em conjunção com o objeto – os recursos financeiros –, a fim de adquirir o valor – vida;
2. O sujeito indígena está em disjunção com o objeto – os recursos financeiros –, o que o leva a estar também em disjunção com o valor vida;
3. O sujeito indígena está em conjunção com os recursos financeiros por meio da produção agrícola, o que os leva ao objeto de valor vida.

3.15.2 - Categoria de Pessoa

Temos a debreagem enunciativa, na 3ª pessoa, o que marca objetividade com a presença do discurso indireto: “[...] o chefe do Posto, Edemilson Ortiz, disse que esses recursos poderão viabilizar o aumento da produção agrícola da área.”, enfatizando a produção. O cacique e o indígena Terenas acreditam na resolução das questões ligadas ao suicídio com incentivo à agricultura, isto no discurso direto e indireto: “O indígenas vêm se matando não por causa da feitiçaria, conforme foi divulgado pela imprensa a nível nacional, mas sim porque eles vivem desesperadamente sem apoio de ninguém, cada vez mais discriminados e explorados”. Há aqui uma combinação que proporciona o simulacro do real, da objetividade, da seriedade.

3.15.3 - Categoria de Tempo

Cronologicamente temos uma oscilação entre o pretérito perfeito e o presente, sendo o primeiro utilizado como pano de fundo para o discurso do indígena: “Os indígenas *vem se matando* não por causa da feitiçaria, conforme *foi divulgado* pela imprensa a nível **nacional**, mas sim porque eles *vivem* desesperadamente sem apoio de ninguém, cada vez mais discriminados e explorados” (o grifo é nosso). Isso denota uma realidade, um clímax, para se estabelecer uma relação de intertextualidade, de interdiscursividade com as notícias que foram

publicadas anteriormente – “feitiçaria”, enfatizando, mediante o tempo presente, aquilo que pode ser considerado por eles como verdade: “discriminação, exploração e sensacionalismo.”

O tempo instaurado frente ao discurso é o da dúvida, da incerteza, marcado pelo “pode acabar”, “pode conter”, ou seja, que sempre poderá ocorrer conforme o uso dos verbos no infinitivo, “para vender” uma ação que se perpetuará.

3.15.4 - Categoria de Espaço

O texto está na primeira página do jornal, como segunda notícia com um grau de importância, num contraponto com a primeira notícia, de que um lavrador sonhou que ia ser morto e assassinou a esposa, dialogando também com o misticismo, num indício de que não está de todo descartada a idéia da morte dos indígenas por causas místicas.

O espaço jornal é buscado para contrapor as idéias também publicadas. Assim, conta-se, na notícia, com uma foto grande, indiciando a realidade dos fatos, e a tipografia em preto e com letras grossas sem serifa. Por fim, existe uma chamada para as páginas 08 e 05 do primeiro caderno.

3.16 Com recursos índios dobrarão a produção (Seção Polícia)

Com recursos, índios dobrarão a produção

de verão foram plantados, conforme os dados do posto, 495 hectares somente de soja, além de outros 56 hectares semeados manualmente com milho, feijão, arroz e mandioca.

Esses números comprovam que nem toda a área da reserva é utilizada para o plantio, sendo a maioria ocupada por matas e capim colômbio. Isso ocorre justamente pela falta de recursos, deixando muitas famílias em situação de total miséria, sendo obrigadas a trabalhar como boia-fria, muitas vezes para os próprios índios que possuem áreas maiores. O chefe do Posto Indígena reconheceu que a área poderia ser melhor distribuída. A reserva é dividida pelas aldeias Bororó e Jaguapirú. Os Kaiowás estão concentrados, em maior número, na Bororó, onde ocorrem o maior número dos casos de suicídio, fato que vem ganhando ultimamente espaço na grande imprensa.

Muitos índios que não têm condições de plantar, arrendam para seus próprios vizinhos com mais recursos. "Temos feito apenas contratos de preparo do solo, quando procurados pelos próprios índios", comentou Neves. Os índios costumam adquirir sementes nas feiras da cidade pelo sistema "troca-troca", pagando com a produção. O chefe do Posto Indígena reconheceu que

o apoio da Funai é insuficiente para atender toda a reserva na área agrícola, mantendo no local apenas um trator. Enquanto alguns índios não possuem meios para seguir para sua subsistência, outros plantaram seis alqueires ou até mais (um alqueire equivale a 2,5 hectares).

A miséria pode ser constatada em ambos os lados, mas o maior número de índios carentes se encontra na aldeia Bororó. O arrendamento de terras para pessoas de fora da reserva não é permitido. Agora, com a expectativa de novos recursos, destinados ao plantio e aquisição de equipamentos, o chefe do posto acredita que poderá ser viabilizado o plantio para aqueles que não têm nenhuma condição. "Esses recursos vão ajudar muito", afirmou, citando que "a produção poderá até dobrar se houver apoio".

Os índios não recebem nenhum tipo de assistência técnica, e desde velhos e jovens trabalham no campo, concentrados atualmente na capina manual de ervas daninhas. Neves, ao comentar sobre os casos de suicídio, lembrou que o incentivo à agricultura contribuirá para conter essa onda, e associa o consumo de álcool ao choque como as causas principais desse problema. A maior suicídios ocorreu entre jovens. "O Kaiowá principalmente sabe sofrer pressão", afirma. Apesar do maior número de suicídios ter ocorrido entre os Kaiowás, no dia 25 de dezembro, a última vítima foi uma Guaraní.

Os suicídios, a maior parte por enforcamento, ocorrem sempre perto da própria aldeia do índio. "Mas a aldeia seria melhor distribuída para evitar a situação de miséria", reconheceu Neves.

"Biguá" acha que agora suicídios serão contidos



A situação de miséria atinge a maioria dos indígenas da Reserva de Dourados, entre Kaiowás, guarani e terena.

A reincursão que vem da produção de alguns índios plantando-se ao material vivo...

Sonhou que ia ser morto à tiros e facadas, assassinou a esposa

...do mesmo, tinha que ser...

3.16.1 - Nível Fundamental

O texto enfatiza a produção mediante investimentos, o que, caso não ocorrendo, compromete a situação das famílias.

Temos um sujeito índio que busca um objeto – os recursos financeiros –, a fim de adquirir o valor vida, o que se reforça mediante as falas: “[...] maior número de índios carentes se encontra na aldeia Bororó” e “Os kaiowás estão concentrados em maior número, na Bororó, onde ocorrem o maior número de casos de suicídio”, em um percurso semelhante ao apresentado na primeira página, ou seja, o índio em conjunção com objeto – os recursos financeiros – está em conjunção com a vida.

3.16.2 - Categoria de Pessoa

Quanto à categoria de pessoa, temos um destinador que por meio da instalação de um enunciador, o chefe do Posto indígena da Reserva de Dourados, o índio Edemilson Ortiz Neves, cujo cargo – o de chefe – traz efeito de credibilidade à notícia, de objetividade. Embora essa notícia esteja relacionada mais a produção e não ao suicídio, fato utilizado como estratégia de sustentação e arrebatamento da primeira página, o mesmo Neves menciona: “É o consumo de bebida alcoólica e o choque cultural como as causas principais desse problema.”, ficando o incentivo à agricultura como um contribuição para a contenção da onda de suicídios, o que só é dito no final da notícia.

Há o predomínio do discurso indireto, numa valorização evidente do discurso citante, não do discurso citado. Existe um enunciador que é falado em 3ª pessoa – debreagem enunciativa –, o que provoca uma sensação de afastamento que nos condiciona a pensar em uma suposição em relação aos acontecimentos: “deverão ser liberados”, “poderão viabilizar”. O jornal dá indícios de que o próprio índio não acredita na idéia de que o suicídio esteja ocorrendo em razão da miséria, ou seja, os indígenas estão entrando em controvérsia, o que se evidencia na primeira página: “Edemilson Ortiz Neves, disse ontem que os recursos de Cr\$ 2,3 milhões que deverão ser liberados pela Funai, poderão viabilizar o aumento da produção agrícola na área.” Por sua vez, “O cacique, o Biguá Ailton de Oliveira acredita que o incentivo à agricultura pode conter a onda de suicídio”. São posições contrárias: “mas a área poderia ser melhor distribuída para evitar situação de miséria, reconheceu Neves. Há aqui um valor conclusivo e conciliatório, devido ao valor semântico do verbo utilizado, “reconheceu”.

3.16.3 - Categoria de Tempo

Há a predominância de dois tempos verbais, o presente e o futuro. O primeiro sobre aquilo que acontece: “Isso ocorre [...] os próprios índios que possuem áreas maiores [...] onde ocorrem os maiores números de casos [...]”; e o segundo sobre o qual se alude a algo que tem a possibilidade de ocorrência, numa suposição: “Os recursos que deverão ser liberados [...] poderão viabilizar [...] poderá ser viabilizado o plantio [...] a produção poderá até dobrar se houver apoio [...] a área poderia ser melhor distribuída”.

O tempo presente marca o momento do acontecimento. O passado, o momento de referência e o futuro, o momento da possibilidade, o que cria efeitos de sentido das incertezas frente à realização e a tomadas de decisões das autoridades competentes.

3.16.4 - Categoria de Espaço

No texto, primeiramente, temos os espaços da primeira página, com foto grande enfocando “maior potencial de atenção” para a miséria e o trabalho manual. Quanto à notícia de primeira página, vemos que nela a notícia que está no início da página corresponde ao: “Lavrador diz que sonhou que ia ser morto e assassinou esposa”, o que aparece em posição inferior no primeiro caderno, na seção polícia, e ainda com espaço menor.

Posteriormente a isso, temos o espaço da posição social do chefe do Posto Indígena instituído no texto, o que denota um tom de autoridade em relação às notícias.

3.16.5 - Tematização e Figuratização

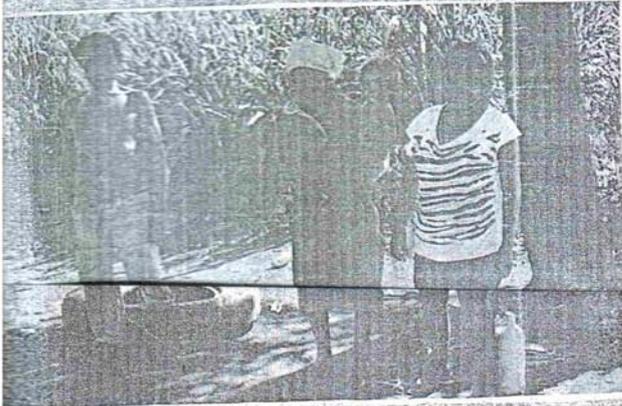
Quanto aos modos de concretização dos discursos, temos um texto figurativo, mediante as fotos que aparecem, tanto na primeira página quanto na manchete, que também funcionam como índices de argumentação, objetividade e veracidade. Como sabemos ser difícil um texto fazer uso apenas de um nível de concretização, percebemos que há também o nível temático, a partir do momento em que se traz a voz do indígena, o chefe do Posto, bem como a voz do cacique.

3.17 - Advogados entendem que é hora de discutir a questão indígena (Segundo Caderno)



DOS-MS., SEXTA-FEIRA, 11 DE JANEIRO DE 1.991

Advogados entendem que é hora de discutir a questão indígena



Associação dos Advogados organiza a realização de um Fórum de Debates para discutir a questão indígena em Dourados.

Associação dos Advogados de Dourados, presidida pelo advogado Orlando Pasotto, está articulando a realização de um Fórum de Debates para discutir, nos próximos dias, a questão indígena de Dourados e região.

O problema indígena tem sido tratado com muita frequência na imprensa nacional, a situação insustentável seja do ponto de vista social, seja do ponto de vista humanitário.

Quando o presidente da Associação dos Advogados de Dourados, Orlando Pasotto, afirmou que "a comunidade indígena não pode continuar sendo ignorada na questão de sua sobrevivência".

É claro que a repercussão desta na grande imprensa nacional serve, neste momento

de alavanca, mas a imprensa existe exatamente para isso, para sacudir a consciência coletiva para que se volte e se detenha a examinar aqueles problemas que, ainda que relevantes, permanecem semi-adormecidos no seio da sociedade", argumenta Orlando Pasotto.

É pensamento da diretoria da Associação conseguir apoio dos poderes constituídos de Dourados, para viabilizar a realização desse evento, que contaria com a participação de representantes da comunidade indígena, da Funai, da representação parlamentar (vereadores e parlamentares estaduais e federais), além de entidades e estudiosos da questão indigenista.

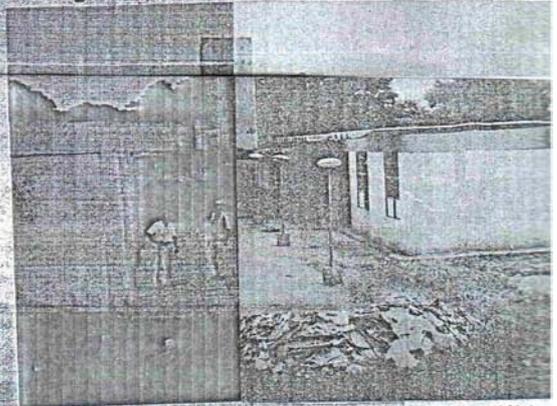
Muito embora a complexi-

dade do problema, a envolver inúmeras variáveis, a Associação dos Advogados de Dourados entende que a viabilização de um seminário sobre a questão indígena deverá contribuir para um melhor encaminhamento de eventuais soluções.

"A sociedade douradense e da região não pode ficar insensível aos problemas sociais, econômicos e até mesmo existenciais de nossos irmãos índios", arrematou Orlando Pasotto, que assegurou que a entidade que preside, junto com toda a classe jurídica irá enviar todos os esforços para contribuir, eficazmente, para melhoria das questões que tanto afligem a população indígena e, porque não dizer, toda a sociedade douradense.

Douradina:

Cerca de 1.400 alunos podem ficar sem aula



O prefeito Miguel Camilo Jacometo esteve visitando a escola, e mostrou-se preocupado com o início do ano.

O prefeito de Douradina, Miguel Camilo Jacometo, informou ontem que cerca de 1.400 alunos podem ficar sem aula no município, já que até o momento o governador Marcelo Miranda, ainda não determinou os reparos necessários nas instalações da Escola Estadual de 1º e 2º Graus "Barão do Rio Branco", que sofreram inúmeros danos, em consequência do vendaval que atingiu a cidade no dia 22 de novembro do ano passado.

do, o ferro, vitros, parte elétrica devido ao vendaval. O prefeito Jacometo disse que entende a posição do governador Marcelo Miranda, que disse que educação é prioridade, ainda não tomou providências para reformar o estabelecimento de ensino no ano passado abrigou aproximadamente 1.400 alunos em três períodos.

O ano letivo, de 91 começará em fevereiro. Tanto, o entender do prefeito mesmo que os reparos

Caarapó:

A Escola "Barão do Rio

3.17.1 - Nível Fundamental

No texto há um nível fundamental cujas vertentes opostas estão centradas em: valorização *versus* desvalorização, relevância *versus* irrelevância, e mesmo passividade *versus* ação. Temos uma relação de disforia no tocante à postura da comunidade douradense, que não adota medidas concretas para a solução do problema e uma relação de euforia quanto à postura da Associação dos Advogados de Dourados.

3.17.2 - Nível Narrativo

Existe um *sujeito* – a Associação dos Advogados de Dourados – que busca um *objeto*, em conjunção com o problema indígena para alcançar *o valor*, o reconhecimento em relação à solução do problema.

O *sujeito destinador manipulador* – a sociedade douradense e da região – manipula a Associação dos Advogados de Dourados pelo *dever de saber e de fazer*, pois acredita que ela *tem o poder e o saber para fazer*, numa sanção negativa em relação à postura da sociedade que não se discute: “A comunidade douradense não pode continuar a se alhear a questão de tamanha envergadura”; “[...] mas a imprensa existe, exatamente para isso [...] adormecidos no seio da sociedade [...]”. Esse destinador manipulador faz isso utilizando a estratégia de manipulação da provocação e da intimidação, à medida que menciona “a comunidade não pode continuar a se alhear a questão de tamanha envergadura”.

Temos, assim, o seguinte percurso narrativo I: *sujeito* – a comunidade douradense – em disjunção com o problema indígena (valorização social, existencial e humana). Ao ser sancionada negativamente, a Associação dos Advogados de Dourados entra em conjunção com o objeto modal indígenas com o intuito de, por intermédio da causa indígena, retomar o *status* de poder. Dessa forma, tem-se um *sujeito* – a Associação dos Advogados – que procura promover um seminário, evento para que, por meio de um *sujeito* indígena, mantenha-se no poder de decisão, num *status* quase messiânico de “salvador da pátria”.

No texto podemos inferir um estado de cólera e de espera, de frustração da sociedade – a Associação dos Advogados – em relação ao problema e que se sente descontente com os fatos. A Associação passa a esperar, a crer na solução do problema por intermédio da

chamada para a participação de um evento. Teríamos, então, um S1 crer (S2 dever (S1 OV). Se estabelece então um contrato fiduciário em que o sujeito Associação dos Advogados busca um sujeito – a comunidade douradense –, para a primeira fazer a segunda entrar em conjunção com o objeto modal indígena, a fim de alcançar a valorização. Temos um sujeito de estado que espera do sujeito de ação uma resolução do problema, mas que não acontece, o que leva a uma crise de confiança e à transformação do sujeito de estado em sujeito de ação.

3.17.3 - Categoria de Pessoa

O enriquecimento semântico da narrativa se dá mediante as escolhas temporais, espaciais e de pessoa criadas pelo sujeito da enunciação. Dentre os de pessoa, podemos dizer que o enunciador ou destinador implícito instaura esse enriquecimento mediante o uso do discurso indireto: “A Associação dos Advogados de Dourados, presidida pelo advogado Orlando Pascotto, está articulando a realização de um Fórum de Debates para discutir, nos próximos dias, a questão indígenas de Dourados e região.” E, às vezes, por meio do discurso direto, na voz do presidente da Associação dos Advogados de Dourados: “[...] é claro que a repercussão sentida na grande imprensa nacional serve, neste momento, de alavanca, mas a imprensa existe exatamente para isso, para sacudir a consciência coletiva para que se volte e se detenha a examinar aqueles problemas que, ainda que relevantes, permanecem semi-adormecidos no seio da sociedade, argumenta Orlando Pascotto”. Em último caso, o discurso direto confere um *status* de veracidade aos fatos.

Há também a presença do interdiscurso com o discurso religioso quando se verifica que “A sociedade douradense e da região não pode ficar insensível aos problemas sociais, econômicos e até mesmo existenciais de nossos irmãos índios, arrematou Orlando Pascotto.” e “[...] que tanto afligem a população indígena e, porque não dizer, toda a sociedade douradense”. Temos um discurso fraternalista e mesmo uma crítica por meio da expressão “[...] entende que a viabilização de um seminário sobre a questão indígena deverá contribuir para um melhor encaminhamento de eventuais soluções... e não pode continuar a se alhear.” Há, pois, um sancionamento negativo à sociedade por meio do interdiscurso ligado a essa mesma sociedade. Numa estratégia de ênfase à tomada de iniciativa da Associação dos Advogados de Dourados, esta se fortalece pela não competência da sociedade civil.

O uso da voz demarcada I, discurso direto, e da voz demarcada II, discurso indireto, promove o subjetivismo: para o primeiro caso, atribui-se um grau de tensão emotiva aos fatos, justificando uma tomada de decisão, enquanto para o segundo caso, o discurso indireto refere-se à objetividade, ao distanciamento do destinador-jornal *O Progresso* e à responsabilidade dos fatos à Associação dos Advogados de Dourados, por meio da busca de um interlocutor – o presidente da Associação – que fala, garantindo objetividade e distanciamento.

3.17.4 - Categoria de Tempo

O título do texto traz uma embreagem temporal presente por pretérito: “Advogados entendem que é hora de discutir a questão”, abrangendo a classe toda pelo plural – advogados no geral – em um presente que alude à necessidade de não se esperar mais, tendo em vista a gravidade dos casos, marcado pelo: “é hora de discutir”, infinitivo que tem valor de intensidade, além da noção de embate entre forças dado pelo verbo “discutir”.

No texto, temos a predominância do tempo presente: “está articulando”, “não pode continuar”, “serve”, “permanecem”, os quais promovem o aspecto de presentificação, objetividade com ação intensa – no uso do gerúndio, “articulando”, infinitivo, o que também remete a incertezas ou provoca sentidos. Na forma verbal “contaria”, no futuro do pretérito, há a possibilidade de instabilidade. Trata-se da utilização de verbos na perífrase verbal formados por futuro do presente e infinitivo: “deverá contribuir”, “irá envidar”, o que provoca o sentido de um discurso messiânico, repleto de boas intenções e de palavras difíceis, pressentido na fala forte, eloqüente dado os verbos discendis: “entende”, “argumenta”, “arrematou”, mas que é apresentado no grau de possibilidade incerta dos aspectos verbais, amenizado pela lide “Agiliza”.

3.17.5 - Categoria de Espaço

O texto está em um jornal de circulação diária, no segundo caderno, como primeira manchete, com letras grandes em *arial Black* – **“Associação dos Advogados de Dourados”** – e com foto dos indígenas em seu habitat, garantindo a objetividade e o

simulacro do real, cuja intencionalidade, conforme a própria manchete apresenta, é a de sacudir a consciência coletiva.

Outro espaço que merece destaque é o “seio da sociedade”, um espaço genérico que se refere à falta do próprio espaço ou à desvalorização do seu espaço, o que é o caso do indígena.

3.17.6 - Plano de Expressão

O texto está no segundo caderno, onde aparecem a seção cidades e região, de importância menor. Nesta última unidade, temos notícias ligadas à educação em Douradina e notícias de Caarapó, as quais circundam: “Advogados entendem que é hora de discutir a questão indígena”, que aparece como primeira notícia, utilizando tipografia mais grossa, grande e em negrito, o que realça o tom de gravidade e a ênfase dada ao fato, ou seja, à situação de povo indígena e dos alunos, o que se reforça a partir das fotos (da escola e dos índios) abandonados.

As fotos são grandes. A que retrata os indígenas tem um foco de maior proximidade, apresentando as pessoas de corpo inteiro, enquanto a da escola busca focar o prédio, o que indicia dois sujeitos, escola e homem indígena, com estados e valores semelhantes, ou seja, abandonados, já que as unidades têm partes de sentidos inter-relacionados com outras, a favor do texto maior.

Quanto ao uso das estratégias de gerenciamento da atenção, salientamos a estratégia de arrebatamento representada por meio da referência aos advogados: “Advogados entendem [...]”, o que mobiliza a atenção por se tratar de uma classe organizada – a Associação dos Advogados de Dourados –, passando para a de sustentação, criando um clima de tensão: “A comunidade douradense não pode continuar a se alhear a questão de tamanha envergadura” e “A sociedade douradense e da região não pode ficar insensível aos problemas sociais...”, o que leva a estratégia de fidelização ao fato e à associação: “Toda a classe jurídica irá envidar todos os esforços para contribuir, eficazmente, para melhoria das questões que tanto afligem a população indígena...” Esse efeito se confirma com o uso dos verbos no presente: “está articulando”, “o problema indígena tem aflorado”, conferindo um sentido de atualidade e de proximidade actorial, que aproxima o sujeito interlocutor dos sujeitos da enunciação, a classe dos advogados, mencionando a obrigação de todos.

3.18 - Suicídio entre índios continua repercutindo (Primeira Página)

Suicídio entre índios continua repercutindo

O problema dos suicídios entre os índios da Reserva de Dourados, a maior do país com 3.519 hectares e também a mais populosa com cerca de 7.600 habitantes e que concentra índios de origem terena, guarani e caiua – nunca foi tão discutido como atualmente e

continua tendo repercussão a nível nacional. Na próxima semana chega uma equipe da Funai para realizar novos estudos. O assunto deve ser enfocado amanhã no Programa "Fantástico" da Globo. Os jornais Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo, O Globo, Folha de

Londrina estão acompanhando essa questão, dentre outros. A revista Veja vai publicar logo uma matéria a respeito. A TV Gazeta de São Paulo, deve enviar a Dourados, neste final de semana, uma equipe para enfocar o problema dos índios.

PÁGINA 8.

Ao longo dos anos, **O Progresso** vem acompanhando a trágica situação das diversas tribos indígenas que habitam a reserva silvícola, a poucos quilômetros de Dourados.

As mortes são das mais diversas formas, entretanto o suicídio, através do enforcamento tem sido superior a todos. As causas estão sendo estudadas. O Brasil virou, finalmente, às vistas para aquilo que este diário sempre alertou.

A foto, mostra um índio que praticou suicídio numa mata a poucos quilômetros de Dourados, cerca de dois anos atrás. De lá para cá, as incidências aumentaram vertiginosamente. O índio, a medida que o tempo passa e o progresso aumenta, se vê ainda mais desprotegido, abandonado à própria sorte e em completa miséria. Para fugir a esta situação, ele tenta através do enforcamento, aliviar seu sofrimento.



3.18.1 - Nível Fundamental

Com base nesse texto, podemos verificar que há uma oposição de base centrada em relevância *versus* irrelevância e progresso *versus* miséria.

3.18.2 - Nível Narrativo

Em um primeiro percurso narrativo, temos um sujeito – a imprensa – que busca no objeto – o suicídio indígena – o valor conhecimento, estando esse sujeito em disjunção com o objeto de valor, sob o risco de ser sancionado negativamente pelo manipulador destinador-sociedade.

Podemos ter também um percurso gerativo no qual o sujeito – *O Progresso* – busca o objeto – o suicídio indígena –, a fim de adquirir um valor – a informação – ou até o sujeito indígena que busca um objeto modal – o suicídio – com o intuito de alcançar os valores-ações para mudar a história indígena.

Há um sujeito que age pelo *dever de saber*, a fim de adquirir a *competência do fazer*, pois acredita ter o *poder e o saber para fazer*. Temos uma tentativa de enaltecer o jornal *O Progresso*, pois ele já tem feito isso há algum tempo, reforçado pela foto antiga: “O Brasil virou, finalmente, às vistas para aquilo que este diário sempre alertou”. A foto mostra um índio que praticou suicídio numa mata a poucos quilômetros de Dourados, cerca de dois anos antes, com o argumento, o sancionamento positivo em relação ao jornal. Dessa forma, as letras finas em negrito indicam uma notícia que em *O Progresso* foi bastante discutida, a ponto de se cansar, não estando mais numa relação de tensão.

Quanto à ação de tratar do conteúdo suicídio – a questão indígena – o sujeito destinador acaba sancionando positivamente o jornal *O Progresso*, por *querer fazer* e ter tido o *poder para fazer*, discutindo a temática. O sujeito destinador procura manipular o sujeito imprensa por meio da intimidação e da provocação, deixando indícios de uma sanção negativa caso isso não ocorra.

Há uma narrativa que, no nível lingüístico, euforiza a trágica situação do indígena, objeto da manchete, e a tomada de decisão do jornal *O Progresso* em tratar da temática antes dos demais meios de comunicação: “Ao longo dos anos *O Progresso* vem acompanhando a trágica situação das diversas tribos indígenas que habitam a reserva silvícola, a poucos

quilômetros de Dourados.” E: “O problema dos suicídios entre os índios da Reserva de Dourados , a maior do país com 3519 hectares e também a mais populosa com cerca de 7600 habitantes e que concentra índios de origem terena, guarani e caiuíá – nunca foi tão discutido como atualmente e continua tendo repercussão.”

Temos o percurso gerativo: S1 *O Progresso* \cap O modal – suicídio \rightarrow V. conhecimento (numa situação de estado relaxado); S2 imprensa nacional \cup O modal – suicídio \rightarrow V. conhecimento (estado relaxado). E, posteriormente: S2 imprensa nacional \cap O modal – suicídio \rightarrow Valor. conhecimento (tensão, transformação).

Um Sujeito paciente – *O Progresso* (querer S2 \rightarrow S1 – O valor suicídio \rightarrow Valor. reconhecimento) e um sujeito jornal – também *O Progresso* – que busca o sujeito Imprensa Nacional e provoca uma ação sobre este último, baseada no querer, o que o leva a buscar o suicídio indígena conferindo ao jornal *O Progresso* o valor reconhecimento, por destacar esse assunto há um bom tempo na região de Dourados.

3.18.3 - Categoria de Pessoa

A fim de reforçar o seu êxito enquanto meio de comunicação, o sujeito-destinador implícito *O Progresso* busca a imprensa nacional – *Fantástico, O Globo, Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, Folha de Londrina, Revista Veja, TV Gazeta* – ou seja, meios de comunicação de prestígio para garantir que está repercutindo, discutindo já faz algum tempo essa temática. Tanto é que, ao lado da foto (de cerca de dois anos atrás), há um comentário em que o enunciador busca o próprio jornal *O Progresso* como interlocutor de respeito, numa embreagem de pessoa, pois vem ao longo dos anos acompanhando a trágica situação dos indígenas, o que se argumenta por intermédio da foto e o do comentário sobre.

O discurso está em 3ª pessoa, uma não-pessoa, o que gera objetividade e distanciamento em relação aos fatos. Essas pessoas – índio, imprensa nacional e *O Progresso*

– são vozes transplantadas para a enunciação, na construção do texto em auto-promoção de *O Progresso*.

3.18.4 - Categoria de Tempo

Quando há menção à imprensa e suas ações referentes aos indígenas, verificamos o uso de um tempo suposto, como: “para realizar”, “deve ser focado”, “vai publicar”, “deve enviar”, marcando a ação da imprensa externa. Porém, quando se remete ao jornal *O Progresso*, temos a expressão: “nunca foi tão discutido como atualmente e continua tendo repercussão a nível nacional”, ou seja, já teve e tem, mas não se sabe se terá.

Temos ainda “amanhã”, “neste final de semana”, embreagem enunciativa temporal que marca distanciamento e objetividade, pelo seu aspecto atemporal em relação ao momento de referência.

Na participação de *O Progresso* temos expressões temporais do tipo: “Ao longo dos anos, ‘O Progresso’ vem acompanhando”, o que denota estar, lado a lado, com participação contínua; e “este diário sempre alertou”, o que reforça essa ação contínua, de noticiar o dia-a-dia, “cerca de dois anos”, provando o argumento de objetividade dado mediante a foto, o que também reforça a autoridade no trato da temática pela expressão “de lá pra cá”, como se estivesse acompanhando os casos.

3.18.5 - Categoria de Espaço

No próprio jornal *O Progresso*, a primeira página abaixo ocupa o centro, à esquerda da unidade noticiosa. Também em *O Progresso* a expressão “ao longo dos anos...” promove objetividade, um simulacro da verdade.

Outro espaço que se convém salientar é o da imprensa nacional, com as expressões: “grande grau de importância”, além da “maior e mais populosa reserva indígena de Dourados”, recursos indicadores de distanciamento e de objetividade; e “na mata”, que além

de ser presentificada pela própria foto, remete ao espaço onde os indígenas vivem e que os sufoca.

3.18.6 - Plano de Expressão

Quanto aos recursos do plano expressivo, temos a foto, imagem/flagrante com valor documental do acontecimento, capaz de promover a atenção, a curiosidade e a tensão, estratégias de arrebatamento que se completam com a presença da imprensa nacional e se sustentam com o comentário do interlocutor *O Progresso* para falar de si mesmo, numa estratégia de debreagem enunciativa, da 1ª por 3ª pessoa, o que confere objetividade.

No aspecto tipográfico, verificamos que há uma diferença entre a narrativa referente à vinda da imprensa nacional, que se utiliza de *arial black*, enquanto a lide da foto utiliza a *Times New Roman* com serifa, num tom mais grave.

Ao analisar o título, ainda percebemos a omissão do artigo em “Suicídio entre índios”, o que denota imparcialidade, objetividade e distanciamento.

A foto do índio pendurado na árvore – o suicídio – utiliza letras finas – menor tensão – tendo em vista estar o jornal alertando e não obtendo atenção, ou seja, provocando a ação das autoridades. Há o uso da estratégia de arrebatamento e de um discurso com suas próprias reportagens, que abordaram essa questão.

Os verbos empregados estão no tempo presente, “continua repercutindo”, e na forma verbal gerúndio, o que denota uma ação que se repete e se prolonga, podendo também funcionar como uma estratégia de sustentação da notícia.

3.19 - Questão indígena será debatida hoje no Ceud (Primeira Página)

ritmo lento.
PÁGINA 4.

A penitenciária será a maior da região, com capacidade para abrigar 538 presos divididos em 90 salas coletivas e 88 individuais.

Questão indígena será debatida hoje no CEUD

O grupo da Prefeitura, entre assistentes sociais, professores, médicos, psicólogos, técnicos da área agrícola e que conta com a participação do reverendo Benedito Troquez, passou todo o domingo na Reserva de Dourados, colhendo informações e depoimentos sobre a situação dos índios, visando reforçar a discussão sobre as causas dos suicídios. Hoje, esse grupo deverá apresentar seus resultados durante um encontro com representantes da Funai no anfiteatro do Centro Universitário (CEUD), na parte da tarde. Páginas 3 e 1ª do 2º Caderno.



Os casos de suicídios na Reserva de Dourados, ganharam repercussão nacional. Hoje acontece um encontro no CEUD quando a questão será debatida.

Braz Melo ajuda e Leão vai disputar Brasileiro

Depois de uma reunião com um grupo de empresários ligados às diretorias do Ubiratan e Clube Atlético Douradense com o prefeito Braz Melo, ficou definido ontem à tarde que o Leão da Fronteira vai disputar o Campeonato Brasileiro da Série B, que tem seu início previsto para o dia 27 próximo. O prefeito ouviu as reivindicações do grupo que a partir de agora representa o futebol de Dourados e ao final, após algumas explicações, concordou em ajudar financeiramente. A partir de hoje, o grupo começa a formar, oficialmente a comissão técnica e a realizar contratações. Os dois primeiros nomes comentados como contratações são o treinador Sérgio Amílcar, o Seco, e o preparador físico Berto. O primeiro seria indicação do Ubiratan, enquanto o segundo é do CAD. Em março, pelo menos no futebol, conforme a carta-fu- seria apresentada ao prefeito Braz Melo, os dois times se fundem, formando única diretoria e teria também nova denominação. Esportes na última página.

Índio cobra de Collor promessas de campanha

O índio terena Rubens Mamede, um dos que puxou votos para o presidente Fernando Collor de Mello na Reserva Indígena de Dourados, durante a campanha eleitoral, disse ontem que pretende visitar em breve o presidente, em Brasília, para cobrar-lhe o apoio prometido aos índios locais ainda quando era candidato. Collor esteve, durante sua passagem por Dourados, na reserva e ali recebeu a maioria dos votos. Rubens disse que pretende utilizar seu prestígio junto a Collor para convencê-lo a visitar novamente a reserva, principalmente agora que a onda de suicídios vem tendo repercussão nacional. PÁGINA 3.

Número de construção para moradia cresceu 62% em 90

Se todas as pessoas que encaminharam pedido de licença para construir residências iniciaram efetivamente as obras, o ano de 1990 apresentou um crescimento de 62% nesse setor, em relação ao ano anterior. No ano passado, foram aprovados 1056 projetos residenciais contra 670 em 1989, havendo um aumento de 22,4% em relação à área de construção solicitada: em 89, ela foi de 89.317,06 m², e em 90, de 109.393,56, segundo dados divulgados pela Divisão de Urbanismo da Secretaria de Obras do Município. 1ª Página do 2º Caderno.

Servidores municipais têm reajuste de 32%

O prefeito Braz Melo concedeu dos servidores. A Prefeitura, na

Missão do Vaticano conversa com Rigo sobre visita do Papa

O vice-governador eleito de outubro. Representantes da missão vaticana informam a

3.19.1 - Nível Fundamental

Para o nível fundamental temos violência social *versus* paz.

3.19.2 - Nível Narrativo

Como percurso narrativo, temos um sujeito – a sociedade – que busca a questão indígena por meio de depoimentos e de informações, a fim de alcançar o valor – o conhecimento – e para isso se organiza uma reunião, com o propósito de solucionar o problema e alcançar as glórias da avaliação feita pelo sujeito manipulador-destinador – a sociedade.

Esses sujeitos vão à ação tendo em vista o *dever* e pensam *ter o poder e o saber fazer* para alterar a situação de morte, a disforização da vida, ao mesmo tempo em que euforizam a morte à medida que surge o jornal, a manchete a partir do suicídio. Os sujeitos são manipulados pela tentação, pois há a possibilidade de realização mediante uma ação de respeito e de reconhecimento por parte da sociedade, que também é o sujeito manipulador-destinador, que avalia, seja positiva ou negativamente, conforme ações e resultados.

Um sujeito indígena que está em disjunção com a vida e em conjunção com a morte leva a sociedade, em disjunção com a solução do problema, a adquirir o conhecimento, pois acredita que por meio de suas soluções alcançará o reconhecimento, o que a leva à realização de um debate.

Há também um estado de amargura, em que um sujeito procura *querer-ser e sabe* ou *crê no poder ser* do sujeito que encontra uma solução. Digamos que há a realização de um contrato fiduciário estabelecido entre o sujeito indígena e o sujeito não-indígena e entre ambos e o sujeito destinador manipulador. Dessa forma, teríamos:

Sociedade civilizada *versus* homem não-indígena;

Homem indígena *versus* homem não-indígena;

Homem indígena *versus* Sociedade civilizada.

Assim, como houve rompimento com a sociedade civilizada, o sujeito não-indígena tem como objeto o indígena que, de sujeito, passa a objeto; o sujeito não-indígena acredita que tem o *dever* dado pelo destinador-manipulador – a sociedade – de estar em conjunção com o sujeito indígena para adquirir o valor – o conhecimento, a glória –, tendo em vista ter o sujeito indígena rompido com o contrato fiduciário com o sujeito destinador manipulador a partir do momento em que se suicida.

3.19.3 - Nível Discursivo (Categoria de Pessoa)

O destinador busca a inserção da 3ª pessoa, coletiva: “O grupo da Prefeitura, entre assistentes sociais” enfatiza o reverendo Benedito Troquez, posicionando-o depois do conectivo preposicional e que conta “com a participação do reverendo [...]” e “os índios”, conferindo objetividade à notícia.

Outra expressão utilizada é “Questão”, o que suscita dúvida, incerteza; “Os casos de suicídio”, isentos de parcialidade; e representantes da Funai, numa certa imparcialidade decorrente da instauração de uma diversidade de vozes que nos levam a crer no fato de que ninguém assume o problema.

3.19.4 - Categoria de Tempo

Anterior à enunciação, temos: “Passou todo o domingo na reserva de Dourados”, e ao momento de referência, temos: “Hoje esse grupo deverá apresentar seus resultados durante um encontro com representantes da Funai no anfiteatro do Centro Universitário (CEUD), na parte da tarde”. O primeiro confere sustentação às pessoas convidadas para tratar do assunto, por estarem reunidas com os indígenas, o que denota a tentativa de reforçar o peso do trabalho realizado. E o segundo, “deverá apresentar” e “Hoje”, denota a incerteza diante dos fatos, do futuro que, embora esteja marcado com uma expressão adverbial, ainda é posterior ao momento da enunciação, da dúvida, com “deverá”.

3.19.5 - Categoria de Espaço

O espaço do texto é o da primeira página, lado esquerdo, com pequena nota seguida de foto (índio morto, enforcado), e letras finas, com pouca valorização, enfatizando a ação da sociedade e apelando para uma estratégia de arrebatamento, chamada embaixo, e sustentação, seja pela foto, a figurativização, o simulacro da verdade, seja pela curiosidade que desperta frente às possíveis conclusões a serem apresentadas no evento em destaque – o debate no

Ceud. Isso denota um tom de discussão especializada, dentro da academia. Há um espaço lugar – a Reserva indígena – sendo discutido em um espaço não-lugar – o CEUD –, o que eleva a discussão a níveis substanciais, tendo em vista o *status* nacional que o Centro Universitário de Dourados tem, pelo fato de ser uma unidade da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

3.20 - Índio cobra de Collor promessas de Campanha (Primeira Página)

3.20.1 - Nível Fundamental

Há nesse texto menos valor, atenção. Há um tratamento frio, embora em negrito, no qual o sujeito indígena – Rubem Mamede – busca o objeto – os votos –, a fim de alcançar o valor – a atenção do presidente: “O índio terena Rubens [...] puxou votos para o presidente Fernando Collor de Melo [...] pretende visitar o presidente para cobrar-lhe o apoio prometido aos índios locais.” Temos um sujeito que utilizando o prestígio junto ao presidente, tendo em vista ter alcançado alguns votos procura o sujeito – o presidente –, tenta angariar uma visita, ou seja, a atenção do presidente para o problema do suicídio, frente à repercussão que o caso tem tido na mídia.

O sujeito – o índio Rubens Mamede – é manipulado pelo destinador-manipulador – a sociedade civilizada – e busca praticar a ação porque tem o dever – ele “puxou votos para o presidente Fernando Collor” – e acredita ter o poder e o saber para fazer o presidente fazer: “[...] cobrar-lhe apoio prometido aos índios locais”. “Rubens disse que pretende utilizar seu prestígio junto a Collor para convencê-lo [...]”: trata-se de uma estratégia de manipulação apoiada na intimidação – “Índio cobra de Collor promessa de Campanha”. Temos aqui um sujeito – o índio – que faz um contrato fiduciário com o candidato Collor, ou seja, um sujeito de estado em que o presidenciável busca um sujeito de ação – o índio –, a fim de adquirir o objeto modal – o voto – para alcançar o objeto de valor – o poder.

Primeiramente, o sujeito presidente, estando em disjunção com o voto, busca o objeto – o índio Rubens – para que este o coloque em estado de conjunção com o objeto modal – o

voto indígena – e este, por sua vez, possa dar ao sujeito presidenciável o objeto de valor – o poder. Em troca, Collor faz-lhe promessas, o que faz o sujeito indígena ter esperanças de que o contrato seja cumprido da parte do presidente, o estado original, ou espera fiduciária para Greimas. O índio acredita que o sujeito Collor vai e tem *o poder para fazer*. Há um sujeito que de agente passa a paciente e por não conseguir resolver o problema do suicídio em sua aldeia, devido à sua disjunção com o objeto – a solução – leva a crer ou a confiar que o sujeito presidente vai fazê-lo por meio do objeto de valor. Temos a criação de simulacros em que o sujeito Collor vai, por dever, realizar a ação, o que, caso não se realize, provocará uma decepção, frustração, da qual temos indícios a partir das expressões do destinador, que menciona: “cobra” e “promessas”, “apoio prometido ainda quando era candidato”. Isso atribui um sentido de possibilidade remota de concretização dos fatos, a começar pela generalização do índio no título, conferindo-lhe uma desvalorização e depreciação, tendo em vista também o espaço onde se encontra o texto.

3.20.2 - Categoria de Pessoa

O texto é escrito em 3ª pessoa – Rubens Mamede, com vozes demarcadas – em discurso indireto, o que marca distanciamento e objetividade. O destinador busca o discurso citado: “disse ontem que pretende visitar em breve”. Por intermédio do discurso indireto, o destinador inclui o interlocutor, o presidente Collor, “para cobrar-lhe o apoio prometido aos índios locais, ainda quando era candidato”, o que ressalta o distanciamento e o não-comprometimento.

3.20.3 - Categoria de Tempo

Primeiramente verifica-se o uso do presente histórico, numa debreagem enunciativa, no lugar do pretérito, havendo a presentificação: “Índio cobra de Collor promessas de campanha”. Há a presença de infinitivo: “pretende visitar” [...] para cobrar-lhe [...], “pretende utilizar”, em que se denota ação contínua e sem resultados concretos, o que se contrapõe ao pretérito perfeito, com ações relacionadas ao período eleitoral, à candidatura, quando o índio “puxou” votos: “Rubens Mamede, um dos que puxou votos para o presidente

Fernando Collor de Melo na Reserva Indígena de Dourados, durante a campanha eleitoral”, “Collor esteve durante a sua passagem por Dourados, na reserva e ali recebeu a maioria dos votos.”

Há a presença de três períodos temporais cujos aspectos são muito significativos. O primeiro, durante a campanha – passado; o segundo, quando a onda de suicídios ganha repercussão nacional – presente, aspecto de continuidade; e o terceiro, “pretende visitar”, futuro, num índice de possibilidade, mesmo pelo sentido atribuído ao sintagma nominal promessa e ao verbo cobrar: “Índio cobra de Collor promessas de campanha.”

3.20.4 - Categoria de Espaço

Além do jornal, o texto está na primeira página, embora um pouco abaixo de seu centro, o que evidencia uma valorização menor. Temos o espaço de um destinador que conhece o presidente e assim cobrará promessas, o que também não nos denota êxito, valor de verdade, mesmo porque o sintagma nominal “Índio” não conta com nenhum determinante, ou seja, qualquer um.

Outro espaço que convém destacarmos é o da reserva indígena, que é retomada por ‘ali’: “Collor esteve durante sua passagem por Dourados, na reserva e ali recebeu a maioria dos votos”, utilizada aqui como um não-lugar, já que esteve de passagem, e também como um não-comprometimento, que se deu desde a campanha, já que também não constituía um lugar.

3.20.5 - Tematização e Figurativização

O texto traz uma cobertura figurativa, uma narrativa que recobre a temática da estratégia política do descaso com as causas indígenas, a mentira, o que se percebe mediante expressões que nos levam a isso – como “cobra” – e se assim o índio o faz é porque alguém deve e não pagou, no caso, uma “promessa de campanha”. Temos aqui algo que não é real, pois ele, o sujeito da campanha eleitoral, não é o mesmo sujeito presidente. O indígena “puxou” votos para o presidenciável e não para o presidente. E ele deve cobrar quem por suas promessas: o presidenciável ou o presidente? “Rubens disse que pretende utilizar seu prestígio

junto a Collor para convencê-lo a visitar novamente a reserva, principalmente agora que a onda de suicídios vem tendo repercussão nacional.”

3.20.6 - Plano de Expressão

Temos letras finas, o que representa a não valorização, o tratamento frio, entremeadado a duas notícias políticas: “Brás Melo ajuda e Leão vai disputar Brasileiro” e “Missão do Vaticano conversa com Rigo”. Duas notícias que denotam ação de políticos no ajudar e no conversar em contraponto à recepção de Collor, também político, que na contramão das ações realizadas pelos outros políticos é cobrado pelo índio, seguindo no mesmo teor da manchete: “Questão indígena será debatida”, sem menção, no título, com quem se debaterá. Um precisa ser cobrado e o outro precisa cobrar sobre a questão, porém não se apresenta quem discutirá a temática.

3.21 - Índio cobra de Collor promessas de Campanha

Índio cobra de Collor promessas de campanha

O índio terena Rubens Mamede, um dos que puxou votos para o presidente Fernando Collor de Meilo na Reserva Indígena de Dourados durante a campanha eleitoral, disse ontem que pretende visitar em breve o presidente em Brasília, para cobrar-lhe o apoio prometido aos índios locais ainda quando era candidato. Collor esteve, durante sua passagem por Dourados, na reserva e ali recebeu a maioria dos votos. Rubens disse que pretende utilizar seu prestígio junto ao Collor para convencê-lo a visitar novamente a reserva, principalmente agora que a onda de suicídios vem tendo repercussão nacional. Collor, quando esteve na reserva, recebeu de presente um cocar e teve seu rosto pintado como um cacique de verdade.

Mamede acredita que Collor poderá ajudar em muito os índios locais, viabilizando recursos para conter a situação de miséria vivida atualmente na reserva, principalmente entre os kaiowás que são em maior número - na reserva, considerada a maior do país, com 3.519 hectares e a mais populosa com cerca de 7.600 habitantes, também habitam índios terena e guarani. O índio terena entende que a reserva possui terra suficiente para o índio

sobreviver, mas que muitos deles não têm condições de plantar. Ele afirmou que é preciso maior fiscalização "para o índio não ser enganado", referindo-se aos contratos de arrendamento para exploração da terra dada a falta de equipamentos e recursos da parte dos índios, além da tecnologia. O arrendamento normalmente é feito com agricultores tradicional.

Ele defende ainda uma escola para profissionalização da mão de obra indígena, visando gradativamente integrá-la à sociedade do homem branco, tendo em vista a dificuldade que os índios têm para arranjar um emprego e sobreviver de salário. Mamede disse que além do índio ser discriminado, uma das causas dos suicídios, segundo ele, "é a falta de educação". Ele acredita que a alimentação fraca associada a falta de educação deixam o índio "com a mentalidade fraca", afirmou, e não tendo condições de viverem na cidade, muitas vezes escolhem o caminho do suicídio. Mamede, hoje com 43 anos, disse que saiu com 20 anos da reserva para estudar no colégio agrícola de Votuporanga (SP) e hoje ajuda a sua família a plantar numa área de 12 alqueires (cada alqueire equivale a 2,5 hectares).

Representantes da Funai
reúnem-se hoje em Dourados

3.21.1 - Nível Fundamental

Além do nível fundamental e do percurso narrativo serem semelhantes aos apresentados na Primeira Página em que o sujeito indígena – Rubens Mamede – procura o sujeito Collor, com o fim de obtenção do objeto – a realização das promessas de campanha, a solução dos problemas dos índios – na notícia, em seção geral, essas medidas visadas pelo sujeito indígena são mais concretizadas: “fiscalização para o índio não ser enganado”, “escola profissionalizante”. Há a apresentação efetiva do fato de que o sujeito indígena busca o suicídio por não ter condições de viver no campo, nem na cidade, não tem espaço em ambos os lugares: “Alimentação fraca associada a falta de educação deixam o índio ‘com mentalidade fraca’, afirmou, e não tendo condições de viverem na cidade, muitas vezes escolhem o caminho do suicídio.”

Quanto ao nível discursivo, mais especificamente, as categorias de tempo, espaço e lugar, verifica-se que são os mesmos da primeira página, excetuando-se o lugar da enunciação textual que para o primeiro se dá na parte inferior da primeira página, enquanto no texto ora tratado está na seção geral, de importância relativa.

No aspecto do plano de expressão, verificamos a presença de um título com letras pequenas, embora mais grossas que as letras das demais notícias que são apresentadas na seção geral e em negrito. No corpo do texto as letras estão em negrito, sendo apresentadas de forma mais deitada, o que denota um tom de apelo.

3.22 - Índio suicida-se para denunciar sua situação (Primeira Notícia, Primeira Página)

mal
ives
ado
ção
los,
ado
se
ba-
di-
nos
de
es-
m-
a à
lu-
ro-
as
ste
re-
at
ma-
: O
di-
ai
los

Índio suicida-se para denunciar sua situação

CHAMADA na página



Prefeitura vai construir CEU na Reserva Indígena

O prefeito Braz Melo determinou às Secretarias de Obras, Saúde e Educação, providências imediatas para a implantação de um Centro de Educação Unificada e um Posto de Saúde na Reserva Indígena de Dourados. O anúncio dessas obras foi feito na tarde de ontem durante reunião no CEUD. O secretário de Educação, Idenor Machado, disse que será construído um CEU semelhante aos demais já feitos em Dourados "de mancias simples, porém bonito e funcional, e que não confronte com as tradições indígenas". **PÁGINA 8.**

Itaporã: Câmara reprova contas da Prefeitura exercício de 88

A Câmara Municipal de Itaporã, reunida extraordinariamente na noite de ontem, aprovou o projeto de decreto legislativo nº 01/91, de autoria dos vereadores Célio Fovella, Roberto Carlos Marsura e Valdir Aniero da Silva, reprovando as contas do exercício da Prefeitura Municipal, gestão do ex-prefeito Rivalmir Fonseca de Souza, referente ao exercício de 1988. **PÁGINA 4.**

A psicóloga Maria Aparecida da Costa Pereira apresentou o resultado da sua pesquisa sobre as causas dos suicídios.

O suicídio entre os índios, com maior número de casos entre os caietés, é um comportamento de denúncia devido a situação insuportável vivida atualmente por muitas famílias da Reserva de Dourados. Esta foi a principal conclusão apresentada ontem pela psicóloga Maria Aparecida da Costa Pereira, da Funai, que pesquisou profundamente esse problema, durante um encontro no Centro Universitário de Dourados, com a presença do superintendente geral da Funai, Edivio Batistelli e representantes de vários segmentos indígenas. "O índio está morrendo para que sua cultura se sobreviva", afirmou a psicóloga, acrescentando que "se ele tivesse condições não faria isso", revelando que a Funai teme o suicídio de forma coletiva, "porque os índios não estão encontrando outra saída". **Página 8.**

3.22.1 - Nível Fundamental

Está na primeira página, contendo teor tenso e a importância da notícia, como uma resposta que se espera diante dos casos de suicídio, com letras grandes e em negrito, culminando com foto na qual se apresenta a psicóloga Maria Aparecida de Costa Pereira, anunciando os resultados de sua pesquisa sobre as causas do suicídio indígena. O público

parece dos mais interessados, tendo em vista a forma como aparece na foto, atento à fala da pesquisadora, havendo outro grupo à direita, mais próximo. Dentre eles, está o superintendente geral da FUNAI, que aparece com ar introspectivo, numa atitude de quem está um tanto alheio ao momento. Logo atrás dele, temos um senhor que aparece de braços cruzados, numa posição de relaxamento.

Eis o percurso narrativo I: um sujeito 1 – a pesquisadora – que busca um objeto – a pesquisa –, a fim de adquirir o valor – o conhecimento, a solução de um problema.

Num plano narrativo II, temos um pesquisador que busca um S2 (a sociedade) à procura de um objeto de valor – a solução. Aqui as pesquisas são um modo que o indígena tem para alertar a população a respeito da situação em que vivem as famílias na reserva indígena: um sujeito que ao se suicidar libera espaço para a cultura – para o outro.

Temos também um terceiro plano narrativo, no qual um sujeito indígena busca um objeto – o suicídio – para adquirir o valor – ajuda.

Na categoria de pessoa temos a presença da psicóloga e do superintendente geral da FUNAI. O uso do discurso direto denota um valor de verdade, dando um aspecto de realidade à notícia. O discurso indireto apresenta os resultados da pesquisa, com um não-comprometimento com os fatos.

3.22.2 - Categoria de Espaço

Além do espaço da primeira página (grau máximo de importância), temos a Reserva, a família e o CEUD, ou seja, o espaço do indígena, o problema a ser discutido e o espaço das discussões, a Universidade.

3.22.3 - Categoria de Tempo

O tempo é o momento presente, com aspecto de continuado: “é um comportamento”. É algo que ocorre agora, uma debragem enunciativa. É o tempo do relato: “Esta foi a principal [...]”; e o da suposição: “se ele tivesse condições não faria”, no pretérito imperfeito do subjuntivo e no futuro do pretérito.

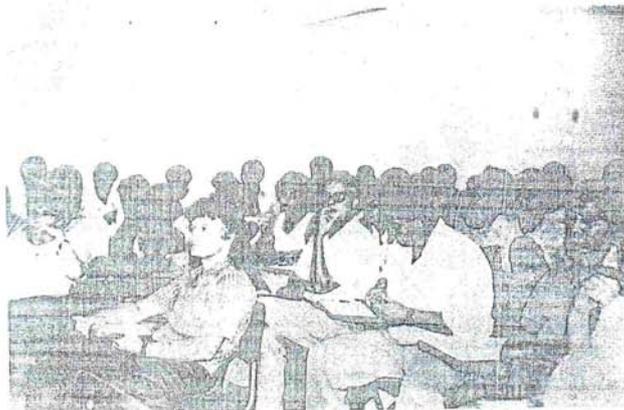
Merece destaque o tempo do relato, ontem, passado, aquilo que não se faz mais presente, *perfectum*, que se concluiu.

Ao lado dessa notícia, temos: “Previsões de Nostradamus”, “Prefeitura vai construir CEU na Reserva Indígena”, “Passagens mais caras” e “Câmara reprova contas da Prefeitura”. A primeira enfatiza o lado místico e as demais a questão econômica, temáticas estas que são buscadas para explicar o suicídio indígena.

São visíveis no texto as estratégias de arrebatamento a partir do momento em que se menciona ter a pesquisadora chegado aos resultados da pesquisa; de sustentação quando ela relata os resultados da pesquisa, mesmo que de forma superficial, deixando para a notícia na seção polícia a estratégia de fidelização, mediante a apresentação de dados mais concretos

3.23 - Índio suicida-se para denunciar sua situação 16/01/1991 (Primeira notícia, última página)

Índio suicida-se para denunciar sua situação



A platéia ouviu o depoimento do superintendente. O superintendente geral da Funai, Edvílio Batistelli, é o primeiro à esquerda.

O suicídio entre os índios, com maior número de casos entre os kaikwás, é um comportamento de denúncia devido a situação insuportável vivida atualmente por muitas famílias da Reserva de Dourados. Esta foi a principal conclusão apresentada ontem pela psicóloga Maria Aparecida da Costa Pereira, da Funai, que pesquisou profundamente esse problema, durante um encontro no Centro Universitário de Dourados (CEUD/UEFS) com a presença do superintendente geral da Funai, Edvílio Batistelli e representantes de vários segmentos representados com a questão indígena.

A psicóloga disse que sempre ocorreram de três a quatro casos de suicídios por ano entre os índios da reserva local, hoje, até então, considerado normal, mas somente em 1990, ocorreram 28 casos consumados e outras 26 tentativas, e que chamou a atenção. Ele explicou que o índio não está conseguindo ter uma participação coletiva dentro da reserva e que os jêrons, falta em

que tem ocorrido o maior número de suicídios, estão perdendo a identidade infantil e entrando para a adulta, sem, no entanto, se adaptar integralmente ao pensamento coletivo da sua gente. "O índio está morrendo para que sua cultura sobreviva", afirmou, acrescentando que "se ele tivesse condições não faria isso", revelando que a Funai teme o suicídio de forma coletiva "porque os índios não estão encontrando outra saída", concluiu.

Apresentando um relato bastante chafeta e ao mesmo tempo cômico, a psicóloga declarou que os suicídios traduzem "o desejo de mudança". Ela afirmou que os índios tomam essa decisão para que os cultivos possam continuar vivendo, referindo-se a problema da superlotação da reserva - são 3.510 hectares para cerca de 7.630 índios. "É uma conduta ética, ele morre para não desintegrar todos os índios", citou, garantindo que a Funai está interessada em criar condições para que eles não re-

corram mais aos suicídios. "O índio suicida-se por tudo isso, a desintegração familiar, da terra, da sua cultura, da sua religião; ele está desorientado coletivamente", concluiu. A psicóloga afirmou que a Funai buscará, no Paraguai, o pagé Mhãnderu, uma espécie de curandeiro, para desenvolver um trabalho de revitalização espiritual entre os índios da reserva local, pois, foi diagnosticado também "uma doença espiritual entre eles", afirmou, e paralelamente será desenvolvido um programa na área psicopedagógica.

RESPEITO É PRIMORDIAL

O superintendente geral da Funai, Edvílio Batistelli falando para uma platéia entre professores do CEUD, religiosos, caciques, índios, técnicos de área da saúde e agrícola e jornalistas, durante o encontro ontem à tarde, garantiu que a Funai vai rever a questão fundiária da reserva e que o problema do índio não só é da Funai, mas sim de toda a sociedade. "Vamos unir

os esforços para poder resolver a situação da comunidade indígena de Dourados", disse. O índio, segundo ele, vive atualmente um "stress psicossocial".

Ele reconheceu que a situação vivida atualmente na reserva está levando os índios ao auto-extermínio, e lembrou dos problemas como o alcoolismo, a prostituição, a terra, a indústria do bolo-fria e a influência das religiões, respeitando,

contudo, as religiões que vêm dando assistência, como os presbiterianos da Missão Evangélica Caiuá que mantém há muitos anos o hospital de cura contra a tuberculose. "É preciso resguardar aqueles que trabalham com seriedade", declarou, observando, contudo, que esse tipo de religião não faz parte da cultura indígena.

Batistelli acredita que é necessária a participação de técnicos específicos para tratar do problema do índio, e dando, nesse sentido, a UFMS, Prefeitura, Conselho do Estado, Conselho Indianista Missionário (CIMI), são Caiuá e Funai "que podem ajudar muito o índio", afirmou. Referindo-se a situação diária dentro da reserva, ele conheceu que "alguém vai de abrir mão de alguns privilégios" e concluiu que a res- causa indígena "é primordial".

3.23.1 - Nível Narrativo

O texto é grande, o que denota a importância da notícia, com foto dos participantes do evento no CEUD/UFMS, com destaque para o superintendente geral da FUNAI na platéia, à esquerda, e numa posição de tranqüilidade, o que nos remete a uma relação de relaxamento frente ao fato.

Em diversos planos narrativos, temos um índio que busca o objeto – o suicídio – para alcançar o objeto de valor – a atenção. Há também um sujeito não-indígena que busca o objeto de valor – o suicídio indígena – para alcançar o objeto de valor – a solução.

O sujeito destinador manipulador – a sociedade civilizada – busca manipular o sujeito não-indígena, a fim de que este busque uma solução, pois acredita que ele tenha o *dever e o poder para*.

Para o plano narrativo I, o sujeito indígena acredita no contrato fiduciário com o sujeito 2, não-indígena, pois tem no suicídio o objeto necessário a fim de reparar o não-cumprimento com o contrato. O ato do suicídio passa a ser uma maneira de reparar o não-cumprimento do contrato, pelo índio não ter poder para tal. Assim, o sujeito índio passa de um estado original de espera para um de tensão, devido à superlotação das aldeias, o que se explica por meio de um sujeito indígena \cap terra, em busca do objeto de valor – a vida – ou um sujeito indígena \cup terra, em busca do objeto de valor – a morte. Assim, há um rompimento com o contrato por meio da morte, tendo em vista dar vida aos demais membros da tribo.

Se assim age o indígena, faz pelo *dever* e pelo *querer*, pois crê que não tem o *poder* para tirar a sua vida e que essa ação gera aos demais a vida. Ele está numa relação de tensão, amargura, em que euforiza a morte, ao mesmo tempo em que disforiza a vida.

Ao perceber que não tem o *poder para fazer*, cria-se um simulacro entre índios e não-índios (S1. indígena \rightarrow S1 (Ov)), ou seja, ele se torna um sujeito de estado que espera e crê numa ação do sujeito agente a partir do objeto de valor – o suicídio. Ele espera em face de uma relação contratual rompida, pois sabe *não poder ser*, o que o leva a cólera, à insatisfação, gerando uma crise de confiança que leva à revolta – o suicídio.

3.23.2 - Nível Fundamental

Quanto às categorias de base que sustentam a narrativa, ou o nível fundamental, temos a oposição vida *versus* morte.

3.23.3 - Nível Discursivo (Categoria de Pessoa)

O redator procura instaurar a voz da psicóloga Márcia Aparecida Costa Pereira – da FUNAI –e do Superintendente Geral da FUNAI, Edivio Batistelli. Começa com a psicóloga utilizando o discurso indireto: “A psicóloga disse que sempre ocorreram de três a quatro casos de suicídio por ano entre os índios da reserva local, fato até então considerado normal, mas somente em 1990 ocorreram 28 casos consumados e outras tentativas.” Ela usa números e isso promove o efeito de sentido de objetividade e de distanciamento em relação aos fatos, da perda da identidade infantil e da importância da coletividade.

O discurso direto faz-se presente em: “O índio está morrendo para que sua cultura sobreviva – afirmou”; “Se ele tivesse condições não faria isso”: há um desejo de mudança, há veracidade no que se refere à opinião da psicóloga: “[eles] não estão encontrando outra saída”; “Uma conduta ética, ele morre para não desintegrar todos os índios”. Cita-se, em discurso indireto, a necessidade da participação coletiva: “Ela explicou que o índio não está conseguindo ter uma participação coletiva dentro da reserva e que os jovens, faixa em que tem ocorrido o maior número de suicídios, estão perdendo a identidade infantil e entrando para a adulta sem, no entanto, se adaptar integralmente ao pensamento coletivo da sua gente.” A fragmentação identitária e a superlotação podem ser causas do suicídio: “Ela afirmou que os índios tomam essa decisão para que os outros possam continuar vivendo, referindo-se ao problema da superlotação da reserva - são 3410 hectares para cerca de 7600 índios.”

Quanto à participação ou à responsabilidade da FUNAI, temos: “Citou garantindo que a Funai está interessada em criar condições para que eles não recorram mais ao suicídio”, numa desvalorização do discurso citado e na valorização do discurso citante, criando o distanciamento entre o enunciador e o enunciatário, como se não houvesse um responsável, o que, aliado à 3ª pessoa, traz à cena um não-sujeito.

Ainda quanto ao uso das estratégias de vozes demarcadas, ou marcadas, discurso indireto ou discurso direto, vemos que o enunciador busca provocar o enunciatário por meio

do interlocutor –a psicóloga –, utilizando o discurso indireto quando apresenta as causas de forma abstrata, mais relacionadas ao misticismo, ao aspecto cultural: “O índios suicidam-se por tudo isso, a desintegração familiar, da terra, da cultura, da sua religião; ele está desorientado coletivamente”. Alude-se, então, à tentativa de criar ou incutir a causa psicológica ao suicídio. Tanto é assim que se apresenta a busca de um pajé *nhanderú* paraguaio como possível forma de “tratar” o suicídio: “A psicóloga confirmou que a Funai buscará, no Paraguai, o Pajé *nhanderú*, uma espécie de curandeiro, para desenvolver um trabalho de revitalização espiritual entre os índios da reserva local, pois, foi diagnosticada também ‘uma doença espiritual entre eles’ ”.

No texto, há também a voz do superintendente da FUNAI, que fala dos e aos indígenas: “Edívio Batistelli falando para uma platéia entre professores do CEUD, religiosos, caciques, índios, técnicos da área de saúde e agrícola e jornalistas, durante o encontro ontem à tarde.”; “[Ele] garantiu que a Funai vai rever a questão fundiária da reserva”, o que denota uma intencionalidade de descrédito em relação à sua fala, mesmo porque faz uso do discurso indireto, inscrevendo na fala o distanciamento.

O destinatário também procura fazer uso do discurso direto ao se referir ao interlocutor Superintendente da FUNAI, mais especificamente à necessidade de participação de toda a sociedade: “Vamos unir os esforços para poder resolver a situação da comunidade indígena de Dourados”, o que cria a imagem depreciativa em relação às atitudes da FUNAI, como se o problema fosse de todos, com a responsabilidade de ninguém em concreto.

Quanto à questão fundiária, em dois momentos o interlocutor – o Superintendente – delega sua voz. A primeira de forma indireta: “Ele reconheceu que a situação vivida atualmente na reserva está levando os índios ao auto-extermínio, e lembrou dos problemas como o alcoolismo, a prostituição, a terra, a indústria do bóia-fria.” E a outra de forma direta: “Alguém vai ter de abrir mão de alguns privilégios”. O Superintendente dá mais espaço no texto para mencionar a questão das religiões, ou seja, o espaço é o grande problema, porém pouco espaço se dá a ele nas discussões, o que reflete uma objetividade e um distanciamento em relação à causa do problema.

3.23.4 - Categoria de Espaço

O texto está na página da seção policial da unidade noticiosa. É a primeira manchete, ocupando um espaço médio, com médio grau de valorização. Outro espaço importante é o CEUD/UFMS, meio de irradiação de conhecimento, de produção de saberes, onde se encontra a sociedade pensante, pesquisadora. Há ainda a Reserva, lugar onde não se tem espaço, devido à superlotação, o que leva ao suicídio.

3.23.5 - Categoria de Tempo

No tempo da enunciação, está o agora, o momento de referência, o presente, pois os fatos ocorrem na atualidade: “é um comportamento de denúncia”, “[...] vivida atualmente por muitas famílias e que ocorre continuamente” e “estão perdendo a identidade infantil e entrando para a adulta”. O presente enfatiza uma ação que ocorre sem interrupção, que ainda acontece.

Quanto ao uso do futuro, o texto utiliza-o quando busca remeter a uma ação provável, quando há uma possibilidade, mas não uma certeza. No discurso do Superintendente, temos: “vai rever”, “vamos unir”, “para poder resolver”, “alguém vai ter de abrir mão de alguns privilégios”, numa seqüência de ações concomitantes aos acontecimentos.

3.23.6 - Figurativização e Tematização

Há uma oscilação entre o discurso figurativo que remete à temática das causas do suicídio e à descrição do evento no CEUD/UFMS. Há uma foto da reunião, o que remete ao interesse em se discutir, ou pelo menos ouvir, numa relação de passividade.

Há a presença do discurso de divulgação científica, que mescla o jornalístico ao científico, na intenção de ser claro ao leitor que não é técnico-cientista. Há também a crítica ao messianismo quando se diz: “Contudo, que esse tipo de religião não faz parte da cultura indígena e do Estado, representado pelo superintendente da Funai.”

CAPITULO IV

A PERSPECTIVA CRONOLÓGICA E OS EFEITOS DE SENTIDO DAS TIPOLOGIAS PRESENTES NO GÊNERO MIDIÁTICO EM RELAÇÃO AOS CASOS DE SUICÍDIO

Com vista a estabelecer uma comparação cronológica diante da incidência de fatos que se tornaram notícias no jornal *O Progresso* entre janeiro de 1990 e janeiro de 1991, nosso propósito neste Capítulo é verificar: em quais momentos o suicídio pôde ser considerado como notícia, qual o índice de cobertura jornalística feita a respeito do suicídio e o grau de importância que o jornal atribuiu ao fato mediante a aparição em suas diversas seções. Elaboramos, pois, uma análise que parte do plano de expressão e busca o plano de conteúdo para elaboração de um todo de significação.

Estando presente na redação do jornal e tendo acesso ao arquivo do ano de 1990, verificamos que o suicídio naquele ano se tornou notícia em 19 de abril, ocasião da comemoração do dia do Índio, o que mereceu uma chamada na primeira página e um editorial, em face de sua importância, de sua valorização naquele momento. Após isso, num espaço de quatro meses, os fatos deixaram de ser notícia, não havendo registros de nenhum texto sobre os casos de suicídio na reserva indígena de Dourados. Os “casos” somente reaparecem em 28 de agosto de 1990, embora adicionado a um caso de assassinato: “Travesti é encontrado morto a tiros e índio suicida-se”, em primeira página, como primeira notícia, numa situação de destaque, por ocupar o espaço superior da folha da primeira página.

Passados dois meses, o fato novamente tornou-se notícia em 2 de outubro de 1990, quando o “Cimi apresenta a candidatos programa para políticas indígenas”. Os candidatos estão em voga, em razão das eleições, e os indígenas aparecem como pano de fundo, em uma chamada na primeira página, com notícia na seção geral. Alguém se interessa pela questão indígena, o sujeito Cimi e o objeto candidatos.

Em 10 de outubro de 1990, na seção geral, temos a notícia “Índio é encontrado enforcado”. A ação parece ter se tornado repetitiva, perdendo seu *status* de notícia. As notícias sobre o suicídio passam a ser esporádicas, indiretas, culminando, no jornal, com uma tipologia de pouca importância.

Em 23 de outubro, outro enforcamento. Após treze dias do último noticiado, desta feita há uma expressão enfatizadora: “mais um índio é encontrado enforcado”, numa repetição

exaustiva que na página policial denota uma infração à ordem pré-estabelecida, sendo crime, provocando uma tensão maior, uma tragédia, o que se reforça com um editorial na próxima edição, “Suicídio entre índios”, em 29 de outubro de 1990, numa estratégia de arrebatamento.

Essa estratégia de realce em seguida sofre uma desvalorização: “Força mística pode estar levando...”. Vejamos a dúvida frente ao verbo “pode” e a ação contínua e lenta conferida pelo uso do gerúndio aliado ao infinitivo (imperfectivo), denotando não objetividade, persistência, que não mudou e que é questionável. Conforme Lages (2003, p. 29-30), “O que continua ou persiste não mudou e, portanto não é notícia [...] notícia é o relato dos deslocamentos, transformações ou enunciações observáveis no mundo e consideradas de interesse para o público”. Da forma como está redigido o texto, se realça uma causa que não parece ser a causa, estando, dessa forma, na seção geral, local onde se adiciona tudo que não tem grau de importância definida para estar em política, economia, primeira página, ou editorial.

Após um mês e cinco dias, em 21 de novembro de 1990, na primeira página, temos a chamada: “Aconteceu mais um caso de suicídio entre índios”, o que, além de voltar ao palco de notícia, por apresentar-se em chamada de primeira página e discutir o fato na seção polícia, também se utiliza de expressões de destaque, como “mais um” e “caso”, criando suspense e distanciamento, em razão da não presença do artigo determinante – “suicídio entre índios” –, provocando distanciamento e objetividade em relação ao fato.

Os próximos textos em que o fato suicídio torna-se notícia se passam no dia 18 de dezembro de 1990, com chamada na primeira página e notícia na última. Enfatiza-se a possibilidade, o *imperfectum*, com verbos no futuro, como “dobrarão”, o que é previsto, mas não é certo. “Serão contidos” é uma probabilidade, uma previsão, o que se reforça por meio de expressões, ou do mundo místico – “Biguá acha que agora suicídios serão contidos”, ou de teor material – “Com recursos índios dobrarão a produção”.

A partir de 10 de janeiro de 1991, “os casos” de suicídio tornam-se notícias com mais frequência. O que antes tinha importância, a ponto de ser notícia uma vez por mês, tem espaço reservado na unidade noticiosa com incidência diária: 10, 11, 12, 13, 15 e 16 de janeiro, oscilando entre chamada em primeira página e seção polícia, embora com aspecto verbal ainda voltado para o imperfectivo: “[...] hora de discutir”, o infinitivo no segundo caderno; “[...] continua repercutindo”, marcando uma continuidade, sem deixar de realçar o fato de que os sujeitos dos discursos nunca são os indígenas, mas sim os advogados: “Advogados entendem que [...]”. O indígena sempre aparece em meio à coletividade, como aquele que não é pessoa, não tem identidade, na 3ª pessoa. A questão indígena é genérica, imparcial, objetiva,

ou seja, não há compromisso com os fatos, conforme podemos perceber no título “Questão indígena será debatida hoje no Ceud”. Nele há o uso da debreagem enunciativa “hoje” e o lançamento de uma perífrase verbal, forma eufemística que denota não se chegar a uma conclusão.

Para o dia 16 de janeiro de 1991, o enfoque é o suicídio como ação, como expressão nominal. O fato noticiado passa à partícula reflexiva recíproca, enfatizando uma ação que é praticada e é sofrida pelo mesmo sujeito: “Índio suicida-se para denunciar sua situação”. Isso realça aos leitores a ação permanente de denunciar dada pelo verbo no infinitivo, criando um simulacro de emoção, mobilizando, então, a afetividade.

Diante das apreciações apresentadas, percebemos que os gêneros adotados oscilam entre as tipologias de primeira página, policial e geral, tendo recorte feito em dois editoriais (19 de abril e 24 de outubro, ambos em 1990), na tentativa de projetar o problema indígena em notícia. No entanto, não se consegue obter resultados positivos, por não se apresentarem deslocamentos, transformações, portanto não sendo notícias, o que pode ser provado mediante as manchetes de suicídio aliadas a outras mortes (a do frentista, a do travesti) ou que é manifesta por meio de uma entidade, de pessoas que não pertençam ao meio indígena (o Cimi, os candidatos, os advogados). Passa-se então a imagem de que a identidade indígena somente é reconhecida se conjugada à presença de outro fato, envolvida, dita ou reconhecida por outra classe, o que denota o esvaziamento, o não eu, o não lugar que se confere ao índio e que é criado pelas manchetes. Sobre isso Charaudeau (2006, p. 96) menciona que “O acontecimento é sempre construído, transformação e transação. Passa pela construção de sentido de um sujeito de enunciação que o constitui na interação com o outro.”

Há uma reorganização do mundo por meio de uma recategorização semântica, que se instaura por meio dos momentos e de como os fatos tornam-se notícias, o que pode ser por intermédio da redução do espaço, da frequência e da tipologia selecionados para noticiar.

A partir desse paralelo, percebe-se que o índio não tem espaço fixo, nem mesmo na unidade noticiosa do jornal, o que faz a notícia, se assim podemos chamá-la em relação ao suicídio, perambular no espaço entre dias da primeira página à geral, chegando à página policial ou ao segundo caderno. Esse percurso nos lembra dos tantos momentos em que presenciamos a peregrinação dos indígenas pela cidade de Dourados, tanto no passado quanto no presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos textos analisados encontram-se quatro grandes grupos de oposições básicas: vida e morte, compreendendo os textos 3.7, 3.8, 3.11, 3.12, 3.13, 3.14, 3.19, 3.22); violência e paz, composto pelos textos 3.3, 3.4, 3.10 e 3.18; relevância e irrelevância, com os textos 3.1, 3.2, 3.9, 3.15, 3.17, 3.20 e 3.21, este último apresentando como oposição fundamental promessa *versus* realização das promessas feitas em campanha por um candidato a presidência do Brasil. O quarto grupo compreende os textos que têm oposição de base centradas em agente e paciente – 3.5 e 3.6.

A maioria dos textos tem como oposição fundamental vida *versus* morte, o que cria o percurso narrativo de um sujeito indígena que procura o suicídio, com o fito da aquisição da vida tanto para aqueles que ficam, aqueles que permanecem vivos, quanto para si próprio, pois o espírito é coletivo e a ausência do espaço, em razão da superlotação das aldeias, faz com que alguns procurem a morte como forma de ceder espaço para a vida, numa situação tensa de euforia e disforia.

Outra oposição de base recorrente está ligada à dualidade violência *versus* paz, numa perspectiva mais policial, por aparecerem ou se tornarem os suicídios e/ou os indígenas notícias, juntamente com assassinatos, ou por se tratarem das questões ligadas às causas liberdade *versus* opressão e serem vistas, apresentadas como um ato violento, fora da lei, ilícito, pela sociedade não-indígena, pelos cientistas, pelos religiosos, entre outros.

Aliada a essa oposição de base, temos alguns textos que têm como nível fundamental relevância *versus* irrelevância, cujos valores são obtidos por meio do aspecto lucro, do capital, as quais discutem a questão e salientam a causa, apresentando a ótica da dualidade de culturas: capitalista *versus* não-capitalista, ou ter *versus* ser, frente à proximidade entre reserva e cidade e a falta de espaço próprio.

O último grupo de textos traz a oposição agente *versus* paciente, envolvendo uma apresentação do problema suicídio aos candidatos a cargos eletivos, esperando que sejam tomadas medidas cabíveis para a solução do problema. Essa atitude é praticada tendo em vista não se acreditar em uma resolução a partir do indígena. Ele não tem o *poder* para *fazer*, por acreditarem os não-indígenas que falta vontade política para desenrolar o problema, o que, conforme a colocação dos recursos de linguagem, também não há interesse por parte dos representantes. A questão indígena é um problema social, porque há casos cujas imagens e

cujos nomes estão explícitos no jornal, o que deixa a imagem de serem sujeitos sem valorização por si próprios enquanto sujeitos que têm uma identidade e alteridade.

No percurso narrativo verificamos que há sempre um sujeito indígena que busca um objeto de valor, a vida / o espaço, mas por não se achar ou ter sido levado a acreditar que não tem capacidade para tal, procura no suicídio uma maneira de alcançar a vida num sentido coletivo para o outro, pela causa indígena daqueles que permanecem. Em muitos casos essa busca pela vida aparece ligada a presença de um outro sujeito, o qual pratica a ação de reivindicar, de lutar por, que falar por. Um sujeito de ação *versus* um sujeito de estado, pois tem consciência de que o contrato estabelecido entre as partes, a sociedade indígena e a sociedade não-indígena foi quebrado, em razão da falta de espaço que outrora era do indígena e que agora pertence ao não-indígena. Este, usufruindo dos recursos advindos da exploração dos produtos da terra, enquanto aquele, em alguns casos, busca o suicídio como alternativa para denunciar sua situação.

A ação de buscar o suicídio origina sanções negativas feitas pelo destinador-manipulador –a sociedade: para com o sujeito não-indígena, pois o ato suicida provoca estranhamento, sensação de mal-estar na sociedade cristã, que também é tida como responsável pela ordem social, numa espécie de tutoria, de custódia do não-indígena para com o indígena que não tem tido bons resultados, em razão do suicídio. Por outro lado, essa sanção negativa se dá ao indígena a partir do momento em que ele também quebra o contrato e se suicida, o que passa a ser visto como um ato ilegal, porque põe o não-indígena em uma situação de descrédito, por não conseguir ou não ter interesse em resolver a questão, seja sua causa de natureza religiosa ou social.

Há nas notícias uma relação de tensão frente à dualidade vida *versus* morte, em razão da quebra de contrato, principalmente entre o sujeito indígena e o sujeito não-indígena, o que gera a oposição violência *versus* paz e a oposição relevância *versus* irrelevância, já que o sujeito enunciador é sempre o sujeito não-indígena.

Toda essa tensão é categorizada pelo nível discursivo por meio da cobertura temporal, pessoal, espacial, temática e figurativa. A começar pela temporal, podemos dizer que ela procura presentificar o suicídio, atribuindo-o ora ao aspecto veridictório, a uma verdade incontestável, ora se reportando a uma perífrase verbal que inclui pretérito e infinitivo, ou ao gerúndio, denotando continuidade em relação aos casos de suicídio. Há a presença constante dos tempos futuro, pretérito imperfeito no modo subjuntivo, criando efeito de suposição, de probabilidade de mudança em relação aos fatos (ver texto 3.7), ou pretérito perfeito (*perfectum*), denotando ação acabada que não há como voltar atrás (ver texto 3.2), ou aspecto

de simultaneidade entre acontecimento e enunciação, criando um simulacro de afastamento da ação dos prováveis responsáveis (ver texto 3.9).

No tocante à categoria de pessoa, ou melhor, às vozes que o enunciador busca para dialogar, testemunhar, debater sobre a questão indígena, verificamos a presença de estudiosos, policiais, advogados, políticos, antropólogos, pastores que ora são citados em 3ª pessoa (com efeito de distanciamento, objetividade), apresentados como coletividade, em uma ausência de singularidade, ou em discurso indireto, voz demarcada (exemplo do texto 3.5) ou discurso direto, com voz marcada, quando se trata de autoridades defendendo a causa indígena.

Raras são as vezes (texto 3.20) em que o discurso é o do índio, seja ele parente, amigo da vítima ou o cacique (texto 3.7), pois na maior parte dos textos alguém fala por, em discurso indireto, promovendo mais o enunciador que o interlocutor indígena, quando este é buscado como interlocutor. Há de salientar que a busca do indígena em muitos casos funciona como estratégia de sustentação da notícia.

Percebemos que em alguns textos a pessoa, em conformidade com o nível narrativo, busca os casos de suicídio para promoção pessoal, por se colocar como sujeito da ação (textos 3.10 e 3.15) ou mesmo (texto 3.10) numa disputa pelo poder por parte das igrejas.

Nos textos 3.20 e 3.21 há um diálogo entre sujeitos no tocante às causas do suicídio: enquanto para alguns o aspecto místico ou a ociosidade conduz o indígena ao suicídio, outros enfatizam o lado social – a ausência de recursos – e, assim, verifica-se o embate entre autoridades religiosas e políticos, no qual poucas vezes o indígena fala de si mesmo. Sua voz é delegada a terceiros, ou nem é lembrada, tendo em vista a distância entre os textos, no início de 1990, criando efeito de não importância conferida aos indígenas.

Quanto ao espaço, há aquele relacionado mais a posicionamentos, participações sociais, a um lugar na sociedade enquanto sujeito que ao índio é relegado, começando pelo das discussões e das opiniões. Temos o espaço do ser *versus* o do ter no confronto de culturas e na necessidade de buscar uma identificação frente às constantes situações inesperadas pelas quais passam os indígenas, o que pode os levar ao suicídio.

Os espaços materiais são pouco – pouco mais de 3500 hectares de reserva para uma população de, atualmente, mais de 12 mil habitantes – e sua proximidade com a cidade de Dourados é flagrante, na rodovia que liga a reserva à cidade e nas ruas da cidade. Esses dados fazem-nos pensar nos locais onde ocorrem os suicídios: “na mata”, “em casa”, “na reserva indígena”, “num galho de árvore”, “no interior da reserva indígena”, “no matagal”, “perto da casa”, lugares de permanência do indígena, como um indício de que estão perdendo a vida em razão da tensão cultural.

Espaços que também merecem destaque são os de discussões: a Universidade e o jornal – *O Progresso* – geradores de acontecimentos que se tornam notícias em datas comemorativas (editorial), eleições (primeira página e seção geral), oscilando, a partir daí, entre as primeiras páginas e as páginas Policiais, em espaços de infração e de menor importância, o que nos permite inferir as diversas tentativas da imprensa de alertar para o problema, mas sem bons resultados, pois para o indígena o espaço é problemático, mesmo no meio noticioso, o que acaba conferindo a ele *status* de não-notícia. Durante o percurso dos textos, não se acrescentou à sua realidade quaisquer deslocamentos ou transformações.

No que se refere à tematização e à figurativização ou aos níveis de concretização do discurso, boa parte dos textos trazem cobertura figurativa com vistas a convencer, criar efeito de realidade, apresentando as ações e as causas do suicídio. Essa é uma estratégia de sustentação da qual os jornais fazem uso, inclusive com o uso de fotografias – a iconização.

O nível temático, embora esteja revestido no figurativo, na coletânea de textos por nós analisada, apresenta uma explicação em face das dúvidas em relação ao suicídio. Ousamos mencionar que, nas notícias que remetem à religiosidade, ao misticismo, existe a presença mais marcante do nível temático-interpretativo (ver texto 3.12).

Sendo textos midiáticos da imprensa escrita, do gênero jornalístico, o figurativo tende a ser mais aceito pelo público, porque se aproxima do discurso de divulgação científica, mas também porque remete à incompreensão diante das hipóteses referentes às causas do suicídio ou a uma forma de fidelização do enunciatário, não direcionando sentidos acabados, cujas apreciações serão tomadas a partir do enunciador, aqui os textos jornalísticos de *O Progresso*.

No plano de expressão, salientamos, além das disposições das notícias e suas respectivas tipologias textuais, as quais foram discutidas no capítulo anterior, a iconização, ou seja, a presença de fotos têm como foco crianças, a família precoce, o cacique, as danças, os rituais, e os espaços marcados pela inserção do texto em caixa negritada. Esses são aspectos que além de funcionarem como estratégias de arrebatamento do gênero jornalístico, aliados à tipografia, marcam a tensão quanto aos fatos, sua importância maior ou menor, o que oscila com frequência na unidade noticiosa do jornal *O Progresso* dos anos 1990 e 1991, o mais antigo meio de veiculação de informação impressa da região de Dourados.

A imagem do índio que se constrói mediante a linguagem e que se percebe, por intermédio das análises semióticas das notícias em *O Progresso*, é a de um ser não-civilizado, atrasado, preguiçoso, pois “Se tivesse trabalho ele não teria tempo para pensar em suicídio”. Um sujeito que não é sujeito, mas sim um objeto utilizado pelos estudiosos, psicólogos,

políticos, advogados, conselhos, meios de comunicação para suas autopromoções nos aspectos político, social e humanitário.

Em uma das manchetes, o próprio indígena menciona visitar o atual presidente da república, tendo por fim convencê-lo a retornar a Dourados. É preciso convencê-lo da necessidade de visitar a reserva, o que denota uma certa resistência em relação à gravidade do problema e ainda refere-se ao fato de se aproveitar a repercussão nacional do suicídio na mídia. Há um interesse político por traz da questão.

Exime-se o indígena da prática voltada para si próprio, não sendo sujeito individual, mesmo nas páginas policiais, onde se associa sua presença à ilegalidade. É o silvícola sem conhecimento que não consegue explicar a origem ou as causas do próprio suicídio, sem organização e muito ligado ao passado e a seus familiares.

Essa presença do indígena relegada à posição de objeto marca a construção de um sujeito sem voz. Tanto que em um dos textos menciona a necessidade de garantir-lhes o “direito de expressão e autonomia garantindo a participação livre, legítima e plenamente informada das nações indígenas, em todos os níveis de decisão sobre iniciativas que as afetem”, o que marca a prerrogativa de que os indígenas não são consultados em relação a seus próprios problemas.

Outra imagem muito presente é a de um sujeito oprimido, perturbado, explorado, que não sabe votar e pode ser considerado alguém que está inadaptado à realidade atual, fraco psicológica e espiritualmente ou, conforme um dos textos menciona, em estresse psicossocial diante das situações de conflito cultural que resultam em tensões quase que diárias do ser-indígena. São seres tão diferentes a ponto de se tornar difícil identificar as causas do suicídio, que são encaradas mais como místicas do que sociais.

Esse misticismo, o aspecto enigmático pelo qual é visto o suicídio, está quase sempre em paralelo com o financeiro. Um contraponto muito presente nos dois editoriais estudados que, relacionados à política, enfatizam a falta de entendimento no tocante às causas do suicídio por parte dos não-indígenas e, por isso, utiliza o místico como álibi, para não resolver os problemas, que em outras palavras, em um dos textos, denuncia: “Falta estímulo para encontrar a chave do problema.”

Nos dois únicos editoriais, embora sejam uma tipologia do gênero jornalístico que enfatiza o posicionamento do jornal diante dos fatos, percebemos a atitude de descomprometimento do jornal ao não interpretar, desenvolver, buscar apresentar seu posicionamento, distanciando-se e não se envolvendo, pois “alguém vai ter de abrir mão de alguns privilégios”, o que parece não ter saído do *hall* das discussões: o “indígena”, “a

questão indígena”, “o suicídio dos silvícolas” na região de Dourados, tratada em toda a sua coletividade, continua sendo acontecimento, notícia nos dias atuais, tendo o ano de 2007 fechado com um total de 47 suicídios.

REFERÊNCIAS

- A CAUSA indígena. *O Progresso*. Editorial, 19 abr. 1990.
- ACONTECEU mais um caso de suicídio entre índios. *O Progresso*. Primeira Página, 21 nov. 1990.
- ACONTECEU mais um caso de suicídio entre índios. *O Progresso*. Polícia, 21 nov. 1990.
- ADVOGADOS entendem que é hora de discutir a questão indígena. *O Progresso*. Segundo Caderno, 11 jan. 1991.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Tradução Michel Lahud e Yara Fateschi Vieira. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- _____. *Estética da Criação Verbal*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BARROS, D. L. P. de. *Teoria Semiótica do Texto*. São Paulo: Ática, 1990.
- _____; FIORIN, J.L. *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade em torno de Bakhtin*. São Paulo: Edusp, 1995.
- _____. *Teoria do Discurso. Fundamentos Semióticos*. 3. ed. São Paulo: Humanitas (FFLCH/USP), 2002.
- _____. Estudos do Discurso. In: FIORIN, J. L. (Org.). *Introdução à Lingüística. II Princípios e Análise*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- CANCLINI, N. G. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1998.
- CHARAUDEAU, P. *Discurso das Mídias*. Tradução Ângela S. M. Correa. São Paulo: Contexto, 2006.
- CIMI apresenta a candidatos programa para política indígena. *O Progresso*. Primeira Página, 02 out. 1990.
- CIMI apresenta a candidatos programa para política indígena. *O Progresso*. Geral. 02 out. 1990.
- COM recursos onda de suicídio pode acabar. *O Progresso*. Primeira Página, 10 jan. 1991.
- COM recursos índios dobrarão a produção. *O Progresso*. Polícia, 10 jan. 1991.
- CULTURAS indígenas: apesar de tudo resistem. *O Progresso*. Primeira Página, 19 abr. 1990.
- DICIONÁRIO Aurélio Eletrônico Século XXI, 2003. Acesso: 04 jun. 2007.

- DISCINI, N. *Comunicação nos textos: leitura, produção e exercícios*. São Paulo: Contexto, 2005.
- DURKHEIM, É. *O Suicídio: estudo de Sociologia*. Tradução Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2000. (Coleção Tópicos).
- FIORIN, J.L. *As Astúcias da Enunção: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo, Ática, 2002.
- _____. *Linguagem e Ideologia*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2000. (Série Princípios).
- FORÇA mística pode estar levando índios ao suicídio. *O Progresso*. Geral, 26 out. 1990.
- FRENTISTA de posto suicida-se com um tiro; indígena morre enforcado. *O Progresso*. Primeira Página, 18 dez. 1990.
- FRENTISTA de posto atira contra sua própria cabeça e índio enforca-se. *O Progresso*. Polícia, 18 dez. 1990.
- FURASTÉ, P. A. *Normas Técnicas para o Trabalho Científico*. Explicação das Normas da ABNT. 13. ed. Porto Alegre: [s.n.], 2005.
- GADOTTI, M. *Identidade Cultural e Itinerário Educativo*. Instituto Paulo Freire, USP, 1991. Disponível em: < www.paulofreire.org/moacirgadotti>. Acesso: 10 maio 2007.
- GREIMAS, A. J. *Semântica Estrutural*. Tradução Hakira osakabe e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1973.
- GUSDORF, G. *A Palavra: Função – Comunicação – Expressão*. Tradução José Freire Colaço. Lisboa: Edições 70, 1995.
- HALL, S. *Identidade Cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HERNANDES, N. *Semiótica Narrativa e Discursiva*. Disciplina oferecida pelo Programa de Mestrado em Letras do Câmpus de Três Lagoas, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2006.
- _____; SOUZA, S. *Semiótica e Ideologia: algumas reflexões sobre o papel das estratégias sensíveis*. Colóquio apresentado na FFLCH, Universidade de São Paulo, 2004.
- HISTORIA DO MATO GROSSO DO SUL – Origens. WIKIPÉDIA. Desenvolvido pela *Wikimedia Foundation*. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Mato_Grosso_do_Sul&oldid=6709767>. Acesso: mar. 2007.
- ÍNDIO cobra de Collor promessa de campanha. *O Progresso*. Primeira Página, 16 jan. 1991.
- ÍNDIO é encontrado enforcado. *O Progresso*. Geral, 10 out. 1990.
- ÍNDIO suicida-se para denunciar sua situação. *O Progresso*. Primeira Página, 16 jan. 1991.

- ÍNDIO suicida-se para denunciar sua situação. *O Progresso*. Polícia, 16 jan. 1991.
- JECUPE, K. V. *A Terra dos Mil Povos*. Rio de Janeiro: Pierópolis, 1998.
- LAGE, N. *Estrutura da Notícia*. São Paulo: Ática, 2003. (Série Princípios).
- LANDOWISK, E. *Presenças do Outro: ensaios de sociosemiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- LIMBERTI, R. de C. A. P. *Discurso indígena: aculturação e polifonia*. São Paulo, 1998. Dissertação (Mestrado em Letras), FFLCH, Universidade de São Paulo.
- _____. *A imagem do índio: discursos e representações*. São Paulo, 2003. Tese (Doutorado em Letras). FFLHC, Universidade de São Paulo.
- LOPES, E. *A identidade e a diferença*. São Paulo: Edusp, 1997.
- MAIS um índio é encontrado enforcado. *O Progresso*. Polícia, 23 out. 1990.
- MARINHO, E. *Caixa de Poemas*. 3. ed. Dourados: Edição do Autor, 2001.
- MEIHY, J.C. S.R. *Canto de morte Kaiowá*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- O QUE É SER ÍNDIO. Disponível em: < www.funai.gov.br/fr_conteudo.htm>. Acesso: 17 mar. 2007.
- ORLANDI, E. P. *Discurso e Leitura*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1999. (Coleção Passando a Limpo).
- _____. *A Linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2001.
- _____. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. 6. ed. Campinas: Pontes, 2005.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução Eni P. Orlandi. Campinas: Ed. UNICAMP, 1991.
- PROCURADOR-CHEFE DO MPT/MS PRESTIGIA POSSE DE COMISSÃO INDÍGENA NA OAB. Disponível em: <http://www.prt24.mpt.gov.br/asscom/release/2007/mar/comiss_ind_oab.htm>. Acesso em 17 de março de 2007.
- QUESTÃO indígena será debatida hoje no Ceud. *O Progresso*. Primeira Página, 15 jan. 1991.
- RAJAGOPALAN, K. *Por uma Linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2003. (Linguagem; 4).
- REDE ALCAR – Alfredo de Carvalho, ano 2, n. 21, 11 set. 2002 (com a participação de pesquisadores da Universidade Católica Dom Bosco – UCDB).
- REVISTA Isto É. *Entrevista*. 21 jul. 1999, p. 7-11.

SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística Geral*. 15. ed. São Paulo: Cultrix, 1989.

SCHADEN, E. *Aspectos fundamentais da cultura guarani*. São Paulo: EPU; USP, 1974.

<www.dourados.ms.gov.br/dados-gerais-historia>. Acesso: mar. 2007.

<[www.funai.gov.br/os índios hoje /origem dos povos americanos/identidade e diversidade](http://www.funai.gov.br/os_índios_hoje_/origem_dos_povos_americanos/identidade_e_diversidade)>. Acesso: mar. 2007.

SUICÍDIO entre índios. *O Progresso*. Editorial, 24 out. 1990.

SUICÍDIO entre índios continua repercutindo. *O Progresso*. Primeira Página, 12/13 jan. 1991.

TRAVESTI é encontrado morto a tiros e índio suicida. *O Progresso*. Primeira Página, 28 ago. 1990.

TRAVESTI é encontrado morto a tiros e índio pratica suicídio. *O Progresso*. Polícia, 28 ago. 1990.